

Margareth de Oliveira Michel

**A MULHER NO DISCURSO MIDIÁTICO: CANDIDATAS À PREFEITURA
MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE E SUA REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA NAS
ELEIÇÕES 2008**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras, da Universidade Católica
de Pelotas, como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Letras.**

Área de Concentração: Linguística Aplicada

ORIENTADORA PROF^a. DR^a. SUSANA BORNÉO FUNCK

PELOTAS, NOVEMBRO DE 2009

**À minha família, cujo amor sempre me deu ímpeto, coragem e incentivo,
e cujo apoio me permitiu vencer inúmeras batalhas.**

AGRADECIMENTOS

A **DEUS**, meu **CRIADOR**, que me deu a matéria-prima de tudo e continua a moldá-la renovando o milagre da vida, e por ser força e presença constante ao meu lado. Que tudo que eu faça seja sempre para **Seu** louvor, honra e glória.

À duas pessoas muito especiais, que juntas tem grande parcela de contribuição por eu ter chegado até aqui.: a Profa. Dra. Susana Bornéo Funck e a Profa. Dra Carmen Lúcia Barreto Matzenauer.

À Profa. Dra. Susana Bornéo Funck, minha orientadora, que me apresentou à questão de gênero pela qual me apaixonei. Obrigada pela perspectiva de entender melhor meu próprio papel como ser humano e como mulher, pela orientação sempre incansável e zelosa, pela contribuição valiosa para o desenvolvimento deste trabalho, pelo encorajamento, carinho e confiança em mim depositados.

À Profa. Dra. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pela sua integridade como ser humano, pela sua competência profissional e pela preocupação e paciência com cada um de seus alunos, especialmente comigo. Graças aos seus ensinamentos nunca mais vou ouvir pessoas falando, especialmente em outros idiomas, sem pensar na importância da aquisição e variação da linguagem como forma de comunicação humana.

A todos os outros professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas - UCPel que me instigaram a crescer, que provocaram minha vontade de aprender, em especial ao Prof. Dr. Vilson José Leffa, à Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa Di Fanti e à Profa. Dra. Aracy Ernst Pereira.

Ao Prof. Dr. Fábio Souza da Cruz e ao Prof. Me. Manoel Jesus pelas conversas enriquecedoras e pelas contribuições na área de Jornalismo.

Aos colegas que se tornaram aliados, pelos livros emprestados, artigos xerocados, trocas de idéias, críticas, sugestões e apoio na caminhada, em especial ao Eduardo Gonçalves.

À minha mãe, que vindo de uma sociedade patriarcal me educou para ser dona de mim. Ao meu pai, que mesmo não entendendo isso, contribuiu.

Ao Bruno, minha outra metade, capaz de entender a alma feminina, pela construção de uma vida comigo. Às nossas filhas Jalusa e Jerusa, ao Léo, Maurício e Felipe, que muitas vezes precisando de atenção ou querendo companhia abriram mão de seus desejos para que eu pudesse me dedicar a este trabalho.

Aos meus irmãos, sobrinhas(os) e amigas(os), pelas palavras de incentivo, carinho e compreensão.

À todas(os), pelas orações e pela certeza de que não caminho sozinha!

“A política, outrora, eram as idéias. Hoje são as pessoas. Ou melhor, as personagens. Pois cada dirigente parece escolher um emprego e desempenhar um papel. Como num espetáculo.

Doravante, o próprio Estado se transforma em empresa de espetáculos, em “produtor” de espetáculos. A política se faz, agora, encenação. Agora, todo dirigente se exhibe e se dá ares de vedete. Por aí vai a personalização do poder.

Fiel à sua etimologia. “Pessoa” não é uma palavra derivada do latim “persona”, que significa máscara de teatro?” (Schwartzzenberg, 1977, p. 9).

RESUMO

Nesse trabalho são examinadas as marcas discursivas de gênero em entrevistas veiculadas no Click RBS com candidatas(os) ao cargo de Prefeito Municipal de Porto Alegre/RS, no primeiro turno das eleições municipais de 2008, Objetivou-se analisar, a partir dos gêneros textuais “entrevista” e “perfil”, como são tratadas/ representadas as mulheres candidatas em relação aos homens candidatos ao mesmo cargo. As questões norteadoras do estudo estão relacionadas à ideologia de gênero subjacente ao discurso da mídia, buscando identificar se as candidatas apresentam marcas tradicionalmente tidas como femininas ou se foram utilizadas estratégias geralmente consideradas “masculinas” para seu perfil político, identificando possíveis convergências ou divergências com a apresentação do discurso sobre os outros candidatos. O estudo tem como principal aporte teórico a Análise Crítica de Discurso (ACD), que focaliza os discursos presentes em textos dos mais variados tipos, inclusive na combinação entre escrita e imagem recorrentemente utilizada pelo jornalismo e pela publicidade, relacionando-os a estruturas e mudanças sociais. Por sua natureza inter e transdisciplinar, a ACD permite analisar as formas de poder e ideologia manifestas no uso da linguagem, utilizando, entre outros, o conceito de gênero como categoria analítica das representações sociais. Por interagir de forma interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, o discurso jornalístico, ao ser analisado à luz da ACD, pode iluminar a trajetória da mulher no decorrer da história, bem como sua posição social e sua relação com a política no momento atual. Nesse contexto, o fenômeno dessa eleição para Prefeito, na qual concorreram oito candidatos – quatro mulheres e quatro homens, ainda não foi devidamente estudado. A hipótese que norteia o trabalho é a de que as campanhas eleitorais, apesar da modernidade e da tecnologia, têm oportunizado a constatação do embate entre a manutenção e o questionamento de um discurso conservador e sexista, que reforça na maioria das vezes a posição da mulher subordinada ao homem.

ABSTRACT

This paper examines marks of gender in the discourse of interviews published on the ClickRBS website, with the candidates for mayor of Porto Alegre, RS in the 2008 elections. The objective is to analyze, based on the interview and profile genres, the way in which women candidates were treated linguistically in comparison with their male counterparts. The issues underlying the study are related to the gender ideology informing this type of media discourse, in order to verify whether the representation of women candidates carry traditionally feminine traits or whether they receive the same “masculine” characteristics attributed to their male oponents. The theoretical basis is Critical Discourse Analysis, which focuses on a wide variety of textual types, considering the combination of written and imagetic forms recurrently used by journalism and publicity, in their relation to social structures and social change. Due to its interdisciplinary and transdisciplinary nature, CDA allows the investigation of issues related to power and ideology in discourse, using gender, among others, as a category for the analysis of social representation. Because it is also closely related to other areas of social activity, media discourse, when examined through the lenses of ADC, can illuminate the position of women in society both in a historical perspective and in its present relations with society and with politics. In this context, the Porto Alegre 2008 elections for mayor, with its eight candidates – four women and four men – has not yet been investigated. The hypothesis for the investigation is that, in spite of all the new technologies and of the contemporary social changes, electoral campaigns are still informed by a struggle between maintaining and challenging a conservative sexist discourse which still represents women as subordinated to men.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1. Gênero e Representação do Feminino.....	17
2.2. Mídia e Gêneros Jornalísticos.....	22
2.3. Mídia e Política	27
2.4. Mulher e Política.....	33
2.5. A Análise Crítica de Discurso – ACD.....	42
3. ANÁLISE	53
3.1. Análise das imagens.....	54
3.2. Análise das legendas das fotos.....	59
3.3. Análise dos perfis	62
3.4. Análise das entrevistas.....	64
3.5. Candidata e candidato com maior chance de eleição para segundo turno...	77
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	83
ANEXOS	88
Anexo A – Perfis	89
Anexo B – Entrevistas.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Entrevistas – classificação: quadro comparativo.....	23
Quadro 2 – Estrutura básica da Gramática do Design Visual.....	50
Quadro 3 – Fotos dos perfis das(os) candidatas(os).....	55
Quadro 4 – Fotos das entrevistas das(os) candidatas(os).....	55
Quadro 5 – Legendas das fotos dos perfis dos(as) candidatos(as).....	59
Quadro 6 – Legendas das fotos das entrevistas dos(as) candidatos(as).....	61
Quadro 7 – Apresentação das candidatas nas entrevistas.....	65
Quadro 8 – Apresentação dos candidatos nas entrevistas.....	66
Quadro 9 – Roteiro das entrevistas.....	69
Quadro 10- As candidatas.....	70
Quadro 11 – Os candidatos.....	71
Quadro 12 – Candidata e candidatos com maior chance de eleição para segundo turno.....	77

LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS NESTE TRABALHO

ACD	Análise Crítica de Discurso
ONGs	Organizações Não Governamentais
CFEMEA	Centro Feminista de Estudos e Assessoria
PRs	Participantes Representados
PIs	Participantes Interativos

1 INTRODUÇÃO

O universo feminino é amplo, complexo, cheio de significados e matizes. Ser mulher é, por um lado, ser herdeira de uma história que vai sendo contada através de suas lutas em muitas frentes de batalha e permeadas pelo preconceito, pelas lacunas históricas, pelas falsas verdades ou mesmo pelo simples estigma de ser mulher e, por outro, ter o dever ‘sagrado’ de gerar e defender a vida (ainda que a própria), lutando contra a opressão, a violência e o preconceito, participando de um processo de construção social em que desempenha a um mesmo tempo diversos e diferentes papéis. Assim a mesma mulher que é mãe, esposa e dona de casa é também a professora, a cientista, a pesquisadora, a política, enfim, uma pessoa que cada vez mais se capacita para atuar socialmente.

Também o universo da política é complexo: estudado por diferentes autores ao longo dos tempos e em diferentes contextos sociais, tem na obra de Aristóteles (432 a.C.)¹ o foco de sua expansão. Os escritos de Aristóteles são considerados a primeira obra sobre a natureza, funções e divisão do Estado e sobre as várias formas de governo, ou seja, uma reflexão sobre as coisas da “cidade”, onde o homem – animal naturalmente social e político – é compreendido como o cidadão habitante da pólis, o homem politikós que, opinando e reunindo-se livremente na ágora, discute e delibera acerca das leis e das estruturas da sociedade. O homem político² teria o seu espaço de atuação privilegiada na esfera pública, no átrio, no senado. Na filosofia aristotélica³, política situa-se no âmbito das ciências práticas (buscam o conhecimento como meio para a ação), sendo a ciência que tem por objeto a

¹ A primeira edição completa das obras de Aristóteles é a de *Andronico de Rodas* pela metade do último século a.C. substancialmente autêntica, salvo uns apócrifos e umas interpolações. Informação disponível em <http://www.mundociencia.com.br/filosofia/aristoteles.htm>, acesso em 10 julho de 2008.

² Aristóteles ao falar do homem político, reconhece a divisão platônica das castas, e, precisamente, duas classes reconhece: a dos homens livres, possuidores, isto é, a dos cidadãos; e a dos escravos, dos trabalhadores, sem direitos políticos. Aristóteles, *Política* (Livro IV, cap. IV).

³ Para Aristóteles a política é um desdobramento natural da ética. Ambas, na verdade, compõem a unidade do que ele chamava de filosofia prática. Se a ética está preocupada com a felicidade individual do homem, a política se preocupa com a felicidade coletiva da pólis. Sendo assim, é tarefa da política investigar e descobrir quais são as formas de governo e as

felicidade humana: divide-se em ética, que se preocupa com a felicidade individual do homem, e na política propriamente dita, que se preocupa com a felicidade coletiva da pólis. Já em 335 a.C. Aristóteles, em sua obra, atestava a inferioridade da mulher, justificada em razão da não plenitude na mulher da parte racional da alma, o *logos*. Vernant (1989) observa no texto aristotélico a utilização das palavras de Sófocles, que as mulheres deviam, por sua graça natural, permanecer em silêncio, fato muito significativo que demonstrava a condição feminina numa comunidade democrática.

Houve inúmeras mudanças históricas e sociais através dos tempos, porém a política continua sendo uma das atividades mais relevantes em qualquer sociedade. Para Hobsbawm (1982, p. 23), “a política é a atividade humana central, o meio através do qual a consciência individual é colocada em contato com o mundo social e material, em todas suas formas”.

O passar dos tempos viu mesclar-se a história da mulher (e de sua luta pela igualdade) com a política e a vida social, fruto também do desenvolvimento das formas e dos meios de comunicação de massas. O século XX trouxe mudanças consistentes na atividade política, muitas delas relacionadas ao desenvolvimento industrial, aos recursos, à cultura, às linguagens, sistemas de valores, à extensão e consolidação dos regimes democráticos e ao fato de que os ambientes da comunicação de massa tornaram-se o meio predominante para a comunicação com os públicos de forma geral e, em particular, para a comunicação política (GOMES, 2004).

Para alguns autores (SCHWARTZENBERG, 1978; DEBORD, 1997; THOMPSON, 1998; WEBER, 2000; GOMES, 2004; CALDAS, 2005; e outros), nos dias de hoje, a mídia é o lócus principal das representações sociais, pois estas adquirem um status institucional que lhes autoriza a interpretar e produzir sentidos sobre o social que são aceitos consensualmente

instituições capazes de garantir a felicidade coletiva. Trata-se, portanto, de investigar a constituição do estado. Acredita-se que as reflexões aristotélicas sobre a política originam-se da época em que ele era preceptor de Alexandre.

pela sociedade. A mídia, através do desenvolvimento das tecnologias de comunicação, de seu entrelaçamento, e da organização do poder simbólico, ocupa papel central na sociedade moderna. Ao longo do tempo foi sendo construído pela mídia um modelo social no qual as relações entre os indivíduos são alteradas tanto pelas informações, quanto pelo conteúdo simbólico ou pelas novas formas de ação e interação no mundo social. São criados novos tipos de relações sociais em que ocorre a constituição de um modelo social de visibilidade e cognição coletivas, extremamente ligadas à comunicação de massas que se tornou, aos poucos, predominante em um grande número de sociedades (GOMES, 2004).

Em função de sua diversidade e do seu desenvolvimento tecnológico, a mídia provocou também o surgimento de diferentes linguagens que se entrecruzam. Widholzer (2003) afirma que em função disto ocorrem outros espaços de produção do conhecimento. Neste universo, ganha destaque a teoria de Fairclough (2001), que analisa os discursos e as mudanças sociais, discurso que se estende a textos escritos combinados a imagens, a efeitos tecnológicos, recursos comuns utilizados pelo jornalismo e pela publicidade, os quais têm sido objeto de estudos lingüísticos que se ocupam da construção de significados por meio da interação entre imagem e palavra, das representações e das questões de gênero. Por isso, analisar a mídia – em especial a jornalística, seus gêneros discursivos e suas estratégias discursivas – é importante, no momento em que se tenta desvendar no discurso as questões de reprodução das desigualdades existentes nos campos sociais, especialmente aquelas que se referem às relações sociais de gênero. Widholzer (2003), com base em Caldas-Coulthard (1995), destaca a importância do “aspecto pedagógico dos estudos sobre as relações de gênero”, especialmente as produzidas pela mídia, como uma forma de contribuição na “formação de leitoras conscientes”, sugerindo a exemplo de outras pesquisadoras que houvesse uma ‘alfabetização midiática’ para auxiliar na construção da cidadania, para logo em seguida afirmar que a própria mídia se opõe a esta prática para não enfrentar oposição.

O processo de participação da mulher na política e a continuação de sua luta por igualdade trazem à tona a necessidade de entender a diferença que as mulheres fazem na política, esclarecendo a relação entre suas conquistas políticas e as mudanças sociais, bem como o tratamento que a mídia lhes reserva neste campo, mais especificamente no jornalismo. Ao interagir de forma interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, o discurso jornalístico pode ser analisado à luz da Análise Crítica do Discurso proposta por Fairclough (1992, 2001, 2003), que considera a linguagem como uma prática social. Esse autor percebe o discurso como um modo de agir sobre o mundo, interagindo com as pessoas na sociedade, ao mesmo tempo em que se constitui num modo de representação. Assim, o discurso

contribui para a construção de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que já lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas uma representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH 2001, p.91).

Para Fairclough (2001, p.93), “a constituição discursiva” da sociedade acontece em função de uma prática social, enraizada em estruturas sociais concretas, sendo o gênero discursivo um dos elementos de ligação entre prática social e o texto, através de convenções partilhadas por comunidades que têm objetivos e propósitos comuns. Por estar associado a uma prática social, um evento comunicativo, um tipo de relação entre os participantes, o gênero discursivo apresenta-se como um elemento pleno de significados, podendo contribuir tanto para reproduzir comportamentos como também para promover possíveis mudanças sociais.

O discurso está, dessa forma, diretamente relacionado à prática social e suas diferentes orientações: cultural, econômica, política, ideológica. Segundo Fairclough (2001, p.94),

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do

mundo de posições diversas nas relações de poder. [...] a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. [...] o discurso como prática política é não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder [...].

Por meio do discurso ocorre, portanto, um entrecruzamento entre a trajetória da mulher no decorrer da história, sua posição social e sua relação com a política, a estrutura social, a mídia e os gêneros discursivos empregados. O campo político, especialmente o político-partidário tão espetacularizado pela mídia, e a posição da mulher neste cenário oferecem um rico corpus para análise.

As eleições e suas campanhas têm sido um objeto de estudos que, apesar da modernidade e da tecnologia, tem oportunizado a constatação do embate entre a manutenção de um discurso conservador e sexista, que reforça na maioria das vezes a posição da mulher ligada ao lar, à subordinação ao homem, e a busca de novos discursos, relacionados a uma transformação da estrutura social.

Para verificar como esse embate pode ocorrer, o quadro de análise deste trabalho será a arena política em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (estado tipicamente machista), durante as eleições municipais de 2008. O fenômeno dessa eleição para Prefeito, na qual concorreram oito candidatos – quatro mulheres e quatro homens, ainda não foi devidamente estudado e uma análise da complexidade midiática desse processo eleitoral e de seus resultados certamente contribuirá para uma melhor análise do discurso da mídia no tocante à mulher na política, bem como ao entendimento de como os meio de comunicação mediatizam a participação da mulher na vida política gaúcha.

Nesta dissertação, examino material jornalístico veiculado na mídia, mais precisamente no Click RBS⁴, do gênero entrevista, e o perfil dos candidatos à Prefeitura Municipal de Porto Alegre/RS, no primeiro turno das eleições municipais de 2008.

O objetivo principal do trabalho é analisar como a mídia trata / representa as mulheres candidatas em relação aos homens candidatos ao mesmo cargo. O corpus será constituído da apresentação de cada um por meio de fotografias e da análise dos perfis e das entrevistas de cunho jornalístico realizadas individualmente, no Clic RBS no período de campanha eleitoral. Especificamente, busca-se identificar questões de gênero presentes no discurso da mídia, verificando como as mulheres foram apresentadas pela mídia, identificando possíveis convergências ou divergências com a apresentação do discurso sobre os outros candidatos. As questões norteadoras deste estudo estão relacionadas à ideologia de gênero subjacente ao discurso da mídia, identificando se as candidatas apresentam marcas tradicionalmente tidas como femininas ou se, num estado dito machista como o Rio Grande do Sul, foi preciso utilizar estratégias geralmente consideradas “masculinas”, para seu perfil político.

No capítulo 2 está o Referencial Teórico, que trabalha o entrecruzamento das teorias que dão suporte ao estudo: gênero e representação, mídia, política e Análise Crítica do Discurso. Também será importantes a teoria de Thompson sobre a Mídia e a Modernidade, além de autores que trabalhem com a história do feminismo e com a participação política.

O capítulo 3 apresenta a metodologia e a análise do corpus, constituído do perfil das Candidatas e dos Candidatos à Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a série de entrevistas veiculadas no ClicRBS, maior portal de notícias da Região Sul do Brasil. E por fim, no último capítulo, exponho minha conclusão acerca dos resultados obtidos na análise do corpus confrontados com os objetivos e questões norteadoras da pesquisa.

⁴ ClicRBS- Portal de conteúdo gaúcho que contempla as subsidiárias da RBS, jornal Zero Hora , ClicNessa, com informações culturais (cinema, teatros, ...www.clicrbs.com.br/ - *Ik*

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Gênero e a representação do feminino

Segundo a Wikipedia⁵, a palavra gênero⁶ é polissêmica, podendo ser aplicada a muitas áreas de conhecimento. Interessa neste momento discutir o conceito de gênero em termos sociais, ou seja, as relações historicamente determinadas entre feminino e masculino, entre mulheres e homens.

A expressão 'papéis de gênero' (*gender role*) é atribuída ao sexologista John Money, que em 1955 escrevia que "A expressão **papel de gênero** é usada para significar tudo o que a pessoa diz ou faz para evidenciar a si mesma como garoto ou homem, como garota ou mulher, respectivamente. Isso inclui, mas não é restrito a sexualidade, no senso de erotismo."⁷ O termo "gênero" se popularizou a partir do movimento feminista contemporâneo (surgido na década de 60) para enfatizar o caráter socialmente construído da diferença sexual e para dividir o foco dos "estudos sobre a mulher" igualmente entre mulheres e homens.

Para os Construcionistas sociais, os "papéis de gênero" são inteiramente arbitrários. Simone de Beauvoir, filósofa e feminista, referindo-se à experiência de vida da mulher afirmou que "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (1980, p.9), afirmativa verdadeira se considerarmos que uma garota precisa se tornar adolescente e passar pela puberdade para tornar-se mulher e, do ponto de vista sociológico, a maturidade é aprendida (e não instintiva) dentro de um contexto social e cultural, o que faz da feminilidade, uma aprendizagem.

⁵ 'Gênero' pode referir-se a muitas áreas: biologia, matemática, música, gramática, etc. nas ciências sociais, pode se referir a questões de identificação social em relação às diferenças entre homens e mulheres. <http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnnero> – acesso em 03/02/09.

⁶ *Gênero* vem da raiz da palavra *gen*, da qual provém o verbo latino *gigno*. Este conexas a forma, igualmente latina, *genus* quer com a idéia de sexo (de onde o *gênero* gramatical), quer com a de estirpe ou de linhagem, como princípio de classificação: temos assim, entre os usos literários das palavras, *genus scribendi* 'estilo', e os *genera* literários, agrupamentos comparáveis aos da ciência, onde subsiste também uma diferença de generalização (*genus*, por oposição a *species*).” (ENCICLOPÉDIA, 1989, p. 72). ENCICLOPÉDIA EINAUDI: literatura-texto. Porto: Casa das Moedas, [1989], v. 17.

⁷ Money, John "Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: Psychologic findings", Bulletin of the Johns Hopkins Hospital 96 (1955): 253–264. Traduzido da [Wikipédia em inglês](http://en.wikipedia.org/wiki/Gender) - <http://en.wikipedia.org/wiki/Gender>, e também disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnnero_\(sociedade\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnnero_(sociedade)). Acesso em 03/02/09.

Assim, não podemos pensar em uma “essência” feminina e nem numa masculina. O problema reside no fato de mulheres e homens terem sido construídos historicamente de formas dicotômicas, com as mulheres freqüentemente representadas em posições de inferioridade intelectual, cultural e social. As representações⁸ de gênero ganham importância na medida em que consistem em leituras e interpretações sobre a realidade, originam-se das relações sociais e são produções coletivas (operam entre o individual e o coletivo), referindo-se à relação dos sujeitos entre si, e dos sujeitos com a cultura e seu universo simbólico por meio de comportamentos, práticas sociais e discursos. A partir dos estudos realizados sobre representações sociais, entende-se que essas são imagens construídas sobre o real e, portanto, constituem uma forma de conhecimento oriunda de pontos de vista criados a partir de uma posição social, determinada no espaço social, que é elaborado e compartilhado pelos componentes de um mesmo grupo e que contribuem para a construção de uma realidade comum. Na perspectiva de Cruz (2008, p.III),

as representações são socialmente produzidas e partilhadas dentro de um contexto histórico específico. São constituídas a partir da experiência, das informações, dos saberes e dos modelos de pensamento recebidos, transmitidos e construídos através da tradição, da educação e da mídia, enfim da cultura. Quando os sujeitos encontram-se para falar, argumentar, discutir o cotidiano as representações sociais estão sendo formadas. Essas representações são estabelecidas como realidade através dos seus discursos dominantes.

A realidade, porém, não pode ser reduzida à concepção do que os sujeitos fazem dela, existindo portanto diferentes concepções da realidade e diferentes representações sociais. Daí a importância da representação, conforme discute Haraway (1994, p. 266), apontando para o fato de que o feminino é extremamente vulnerável e de que sua “existência sempre margeia o obscuro, o deslocado, o redutível ao sexo”, embora também levante o fato de que a sociedade está integrada a “uma nova escala e que o lugar das mulheres se apresenta como crucial – e necessita ser analisado a partir de diferenças entre mulheres e de significados nas relações

⁸ As representações sociais são discutidas por Haraway (1994), Minayo (1995), Jodelet (2002), e Cruz (2008), entre outros.

entre homens e mulheres em situações várias.” Essa autora chama a atenção para o fato de que os pontos de vista feministas são parciais e acarretam conseqüências nas suas expectativas de “formas de organização política e participação” (HARAWAY, 1994, p. 272) e argumenta que as feministas radicais norte-americanas⁹ afetaram “profundamente nosso imaginário político”. Ela faz uma profunda reflexão sobre a trajetória da mulher, suas lutas e representações sociais através do tempo e sobre as ligações

que fazem do Homem e da Mulher seres tão problemáticos, subvertendo a estrutura do desejo, a força imaginada para gerar a linguagem e o gênero, ao mesmo tempo que subverte a estrutura e os modos de reprodução da identidade ‘ocidental’, da natureza e da cultura, do espelho e do olho, do escravo e do senhor, do corpo e da mente (HARAWAY, 1994, p.276-277).

As colocações feitas acima sobre gênero e representação com relação ao feminino necessitam de um resgate histórico, neste trabalho, para o entendimento de como a identidade, o gênero e a representação social da mulher foi construída em nossa sociedade ao longo do tempo, e para o entendimento de como acontece hoje. Ora, a luta das mulheres pela igualdade de direitos é histórica. Vista na maioria das culturas como "o segundo sexo", isto é, aquele que deriva do primeiro – o masculino, a mulher representou durante longo tempo uma mercadoria de troca, um bem a ser possuído. Falcão, Almeida, Moraes, e Araújo (2006) afirmam que a mulher e sua sexualidade, na visão mercantilista do capitalismo patriarcal, foram apropriadas como garantia de posse de bens e de reprodução da linhagem, com as mulheres, após o casamento, passando a ser propriedade do marido (portanto submissa a ele) e tendo uma função restrita ao mundo doméstico. Embora felizmente essa não seja mais uma situação generalizada em nossos tempos, ainda podemos observar na mídia muitíssimos casos de violência contra a mulher com base exatamente na crença naturalizada de que a mulher é propriedade do homem.

⁹ Haraway (1994, p. 273) cita Susan Griffin, Audre Lorde e Adrienne Rich.

Através de diferentes movimentos populares ao longo do tempo, as mulheres buscaram estabelecer novos valores sociais em que tenham sua dignidade de seres humanos reconhecida, uma mudança moral e a estruturação de uma nova cultura que lhes permita construir uma sociedade mais justa, na qual sejam reduzidas as desigualdades entre homens e mulheres. Os movimentos feministas aconteceram inicialmente de forma isolada tanto no contexto mundial como no Brasil, mas crescem e se consolidam, consistindo num fenômeno que se relaciona entre si e ganha força na participação em lutas pelo direito à educação, à saúde, direitos humanos, especialmente nas classes populares.

No decorrer do tempo, tanto o feminismo mundial quanto o feminismo brasileiro mudaram. Os movimentos sufragista e emancipacionista do século XIX trouxeram significativos avanços. A mulher obteve uma maior participação no espaço público depois da Primeira Guerra, do desenvolvimento industrial e do acesso a melhor escolaridade, assim como a divulgação da sua causa através da imprensa. Apesar dos avanços alcançados e da possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, ainda no século XX¹⁰ muitos eram os empecilhos para o desenvolvimento de suas atividades profissionais, pois segundo Maluf e Mott (1998, p. 401-402), "Professora, enfermeira, ou atuando em outras áreas, mulheres casadas precisavam da autorização do marido para exercer qualquer profissão fora do lar – atividade que só era considerada legítima quando necessária para o sustento da família, raramente para realização pessoal".

Nos movimentos dos séculos XVIII e XIX, o "objeto" era sempre reivindicatório: direito a educação, direito ao voto... Nos anos 1960 surge a segunda onda do movimento feminista, quando acontece um grande e profundo questionamento dos parâmetros conceituais do político, tendo este conceito (até então entendido no âmbito da esfera pública e das

¹⁰ Nos anos 50, com a consolidação da sociedade de consumo, a mulher é requisitada em massa a ocupar os postos de trabalho. [...] Enfim, terminamos o século XX com a mulher ocupando um número expressivo de postos no mercado de trabalho.[...] Mas neste início de século ainda nos deparamos com as mais diferentes expectativas em relação à mulher [...]. (2004, p.70) COELHO, Coelho. Jornalista e Coordenadora de Comunicação do Instituto Observatório Social. Também disponível em www.observatoriosocial.org.br/download/emrevista5.pdf acesso em 28/07/2008.

relações sociais que aí acontecem) os seus limites rompidos. A política passa, no âmbito da esfera pública, a ser entendida como o uso limitado do poder social. Ao afirmar que “o pessoal é político”,

[o] feminismo traz para o espaço da discussão política as questões até então vistas e tratadas como específicas do privado, quebrando a dicotomia público-privado base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. O movimento resignificou o poder político e a forma de entender a política ao colocar novos espaços no privado e no doméstico. Sua força está em recolocar a forma de entender a política e o poder, de questionar o conteúdo formal que se atribuiu ao poder a as formas em que é exercido. Distingue-se dos outros movimentos de mulheres por defender os interesses de gênero das mulheres, por questionar os sistemas culturais e políticos construídos a partir dos papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres, pela definição da sua autonomia em relação a outros movimentos, organizações e o Estado e pelo princípio organizativo da horizontalidade, isto é, da não existência de esferas de decisões hierarquizadas. (ALVAREZ apud COSTA, 2005, p.23)

As temáticas femininas passam a abranger questões mais gerais de gênero, desde as relações afetivas e sexuais, até o tratamento nas áreas de violência e de direitos humanos e vão percorrendo perspectivas partidárias, profissionais, ecológicas, comunitárias, e outras, nas quais novos conhecimentos e novas sínteses vão sendo produzidos. Entender essa trajetória tem sido o objeto de estudo e preocupação de estudiosos de muitas áreas do conhecimento: antropólogos, historiadores, sociólogos, cientistas políticos e comunicadores, entre muitos outros. Aqui também se enquadram e têm papel de destaque os analistas críticos de discurso, porque o discurso é entendido como uma prática social (FAIRCLOUGH, 2001) que permeia a economia, a política, a cultura, a ideologia, enfim, todas as atividades humanas.

A luta da mulher pela igualdade e pelo reconhecimento de seus direitos chega ao século XXI com muitas vitórias, algumas das quais têm grande relação com o impacto e poder dos meios de comunicação de massa na sociedade. É possível afirmar que a mídia, através de seus inúmeros veículos (rádio, jornal, TV e revistas diversas) não só povoa o imaginário social, mas constrói identidades sociais através de seus diferentes discursos (cujo caráter é multiplicador), que motivam inúmeros estudos e reflexões acerca dos fenômenos sociais e o

impacto da mídia na sociedade. Os discursos da imprensa (divulgados em jornais e revistas de circulação nacional e também no rádio e TV) podem ser considerados a partir de diferentes perspectivas: permitem estabelecer novos sentidos e representações fundamentais para a construção da identidade social e permitem interferir na construção do cotidiano popular e na forma como são configuradas as relações sociais e a memória, oferecendo condições e possibilidades para a mudança e formação de novas identidades. Nesse contexto os analistas críticos do discurso buscam entender “o discurso como um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (FAIRCLOUGH, 2001, p.91), em que o discurso tanto contribui para a reprodução da sociedade, quanto para sua transformação.

2.2 Mídia e gêneros jornalísticos

De acordo com Marques de Melo (2003), o jornalismo é uma construção histórica e possui uma estrutura lingüística própria. Esse autor escreveu a obra mais consistente sobre os gêneros jornalísticos em função das análises bibliográficas que fez ao longo do tempo, a partir das produções bibliográficas européias, norte-americanas, hispano-americanas e brasileiras sobre esse tema. Conforme ele, no jornalismo o gênero informativo apresenta os formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista.

A distinção entre a nota, a notícia e a reportagem está exatamente na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e acessibilidade de que goza o público. A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais freqüente no rádio e na televisão. A notícia é um relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um

ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade (MARQUES DE MELO, 2003, p.66).

Outros autores abordam os gêneros jornalísticos. Chaparro (1998, p. 79) afirma que os gêneros são “formas discursivas da imprensa”, entre as quais inclui a entrevista. Já Medina em sua contribuição para pensar a entrevista, acentua seu caráter dialógico e a define como “uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular” (1986, p. 18). A definição de Medina corresponde de certa forma à noção de “relato privilegiado” de Marques de Melo. Ela propõe, baseada em Edgar Morin, um esquema de classificação em que existem duas grandes categorias de entrevistas: espetacularização (com os sub-formatos: perfil do pitoresco, perfil do inusitado, perfil da condenação e perfil da ironia) e compreensão (com os sub-formatos: conceitual, entrevista/enquete, investigativa, confrontação e perfil humanizado).

Entrevistas – classificação: quadro comparativo				
Edgar Morin			Cremilda Medina	
Espetacularização	Compreensão		Espetacularização	Compreensão
- entrevista-rito - entrevista anedótica	- entrevista-diálogo - neoconfissões		- perfil pitoresco - perfil do inusitado - perfil da condenação - perfil da ironia	- conceitual - entrevista/enquete - investigativa - confrontação - perfil humanizado

Quadro 1

Fonte: MEDINA,1986, p. 18.

Piza (2003, p.84) refere-se tanto à entrevista quanto ao perfil como gêneros da reportagem interpretativa, colocando que são mais interessantes do ponto de vista estético e criativo, unindo estes tópicos para compreender uma personalidade. O autor comenta que o gênero perfil permite ao repórter fazer um texto mais elaborado e consiste no melhor filão das matérias chamadas humanas. Queiroz (2004, p. 30), referindo-se às colocações de Piza quanto à entrevista e perfil como gêneros jornalísticos, afirma:

Analisando previamente suas colocações podemos chegar a algumas curiosas conclusões. Primeira: Publicar entrevista tipo perfil enriquece o conteúdo das páginas de cultura, ultrapassando o limite do fato informativo. Exatamente por ir além disto, ela ultrapassa linguagens, lê o comportamento do personagem e, ainda de forma deglutida, e trabalhada transpassa a informação atrelada com interessantes peculiaridades ao leitor. A segunda, e não menos importante, parte exatamente do repórter. Pois ele terá que "ser livre de preconceito" e explorar ao máximo "a sua sensibilidade para dá o enfoque da matéria", e sempre com o intuito de ganhar "a confiança do entrevistado, para poder conseguir arrancar tudo dele".

Noblat (2002, p. 36) alerta para o fato de que numa entrevista as perguntas devem ser feitas com simplicidade, porque aos olhos dos leitores, quem deve parecer inteligente, ou não, é o entrevistado. Segundo ele,

[o] sucesso de uma entrevista depende basicamente do entrevistado. Porque se ele responder mal as perguntas ou não responder as mais interessantes. A entrevista ficará uma droga. Mas se o entrevistador não souber o que pretende extrair do entrevistado, o resultado será uma droga do mesmo jeito.

Noblat destaca que é importante que a entrevista seja conduzida com inteligência pelo jornalista e que este profissional tem de ter capacidade de observação, pois "Notícia em uma entrevista está no que diz o entrevistado. Mas pode estar também no silêncio dele, na irritação que demonstra diante de uma pergunta, no sorriso que esboça quando escuta outra, na recusa em responder determinada questão" (2002, p.36). Segundo o jornalista, todos esses itens devem ser observados e somente o que for relevante deve ser publicado. Destaca, ainda, que outra vertente importante da entrevista é o perfil, que em texto corrido deve se nortear pela biografia do entrevistado e que pode ser acrescido de informações de cunho pessoal, psicológico, social, geográfico, etc., pois o perfil pode fornecer ao leitor um número maior de informações e interpretações do entrevistado. Este interesse em conhecer o perfil dos candidatos fica mais claro a partir das pesquisas e enquetes realizadas, inclusive nos meios eletrônicos, como os portais Terra e UOL.¹¹

¹¹ O portal Terra está realizando uma enquete entre seus leitores: A vida pessoal dos candidatos interfere no seu voto? 101.116 votos apurados, 57,34% sim e 42,66% não. Isso, de certa forma, mostra que o eleitor quer sim saber da vida pessoal dos candidatos. Aliás, que mal há nisso? 15 de Outubro de 2008 00:24 <http://www.blogger.com/delete->

O Jornal *O Globo*, em seu *Manual de Redação e Estilo* (1998, p.54), coloca que “o perfil se alimenta, principalmente, do testemunho de quem conhece a pessoa [...] é feito com observações do repórter sobre a aparência e o comportamento de seu retratado -- traços, gestos, hábitos, maneirismo, preferências”. Já o *Manual de Redação da Folha de São Paulo* define perfil como “texto que descreve ou reconstitui personalidade e modo de vida de uma pessoa, em geral personagem de uma notícia” (2001, p. 99). Este manual esclarece ainda que o perfil não é “uma compilação de fofocas e maledicências”, embora possa ser crítico, destacando que preferencialmente deve conter informações do próprio personagem sobre seus dados biográficos, preferências e características de personalidade, os quais também podem ser informados por outras pessoas, desde que as informações sejam checadas. Vilas Boas (2003) trabalha a questão de como escrever os perfis, técnicas utilizadas e cuidados necessários, a reconstituição de momentos marcantes do personagem e seus aspectos objetivos e subjetivos, constituindo-se num exercício de sensibilidade, percepção e estilo, e indica os caminhos para uma boa entrevista – da pesquisa sobre o entrevistado às anotações durante a conversa, com o objetivo de captar a atenção do leitor.

Em outra de suas obras, *O Estilo Magazine* (1996), Vilas Boas refere-se à reportagem como o gênero jornalístico que objetiva relatar acontecimentos por si, cuja comunicação é pública e informal, em que o fato relatado é, em geral, de natureza privada mas torna-se público para uma audiência heterogênea e ampla. Como estrutura textual e discursiva, o gênero reportagem de notícias constitui-se de: título, lead¹², texto, foto, legenda, e narrativa, como padrão retórico recorrente. Enquanto prática social, o gênero reportagem de

comment.g?blogID=3431735053756931126&postID=3244173653224377109 Outra Enquete foi promovida pelo portal UOL na internet: A vida pessoal do candidato influencia seu voto? <http://eleicoes.uol.com.br/2008/enquetes/enquete.jhtm?d=4601>

¹² O *lead* (ou, na forma aportuguesada, *lide*) é, em jornalismo, a primeira parte de uma notícia, geralmente posta em destaque relativo, que fornece ao leitor a informação básica sobre o tema e pretende prender-lhe o interesse. É uma expressão inglesa que significa “guia” ou “o que vem à frente”. O lead deve ser mais objetivo, evitando a subjetividade e pautar mais para exatidão, linguagem clara e simples. Isso não significa, porém, que o lead deva ser burocrático. O leitor ganha interesse pela notícia quando o lead é bem elaborado e coerente, conforme Vilas Boas (1996)

notícias implica processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos, conforme pode ser visto a seguir.

Para Fairclough (2001, p. 138), as reportagens como ‘representações do discurso’ são

uma forma de intertextualidade na qual partes de outros texto são incorporados a um texto e explicitamente marcadas como tal, com recursos, como aspas e orações relatadas (por exemplo, “ela disse” ou “Maria afirmou”). A representação do discurso é obviamente uma parte importante das notícias: representações do que as pessoas disseram e que merece ser notícia.

Por isso, na visão de Fairclough a reportagem não é somente uma prática linguística, mas é também uma prática social, configurada por ação e interação social, que está sujeita a diferentes deslocamentos, aberturas e flexibilidades de construção e configuração. Citando Van Dijk , o autor afirma:

Vimos que, em todos os níveis de produção e compreensão da notícia, existe um dinâmico e complexo processo de controle de estruturas variáveis, que é uma função dos vários tipos de conhecimento dos participantes, incluindo o conhecimento de uns sobre o conhecimento dos outros.

Uma teoria explícita sobre o processamento da notícia precisa levar em conta este tipo de gerenciamento do conhecimento, para conseguir descrever e explicar mais adequadamente como jornalistas e leitores adaptam seus discursos ao próprio conhecimento e àquele dos outros participantes. Crucial em tal teoria é a integração de modelos contextuais que representam tais estados de conhecimento (mútuos), assim como uma teoria sofisticada sobre os vários tipos de conhecimento pessoal, interpessoal, social (grupal) e cultural envolvidos. (VAN DIJK apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 165)

Tanto as colocações de Fairclough quanto as de Van Dijk permitem afirmar a relação direta que existe entre o texto/gênero jornalístico e o contexto sociocultural que influencia sua produção e sofre a influência dela. Ao analisar a mídia e os gêneros jornalísticos, levando em conta os pressupostos da ACD, o analista deverá considerar o papel da cognição social, seja generalizado ou relacionado com o conhecimento em particular, tendo em vista que os fatores sociais e culturais influenciam a produção e reprodução dos discursos (por exemplo: discurso sexista, político, religioso, etc.), pois esses, numa relação recíproca (moldam e são moldados pela sociedade), deixam seus vestígios nos textos. Van Dijk (2005, p.14) aponta para o fato de

os jornalistas não conseguiriam produzir notícias sem algum conhecimento prévio ‘do mundo’, levantando as seguintes questões:

Para entender novos eventos “no mundo” os jornalistas precisam ter conhecimento prévio do mundo. Qual a natureza desse conhecimento, e como ele é adquirido e representado mentalmente?

- Os jornalistas usualmente sabem muito mais dos eventos noticiosos e dos agentes noticiosos do que aquilo que escrevem no papel. Como eles selecionam qual conhecimento incluir, e qual conhecimento excluir daquilo que reportam nas notícias?

- Como o conhecimento que os jornalistas têm sobre os eventos noticiosos se reflete nas várias estruturas (manchetes, tópicos, esquemas noticiosos, significados, pressuposições, implicações, ordenamentos etc.) das notícias?

Dos autores estudados, pode-se inferir que o discurso das reportagens, enquanto gênero jornalístico, é produzido pelos jornalistas a partir de um determinado contexto, de um conhecimento prévio de mundo que se traduz num texto que produz sentido para o leitor. O mesmo ocorre na produção de perfis e na condução de entrevistas. Esses textos, produzidos a partir de diferentes contextos sociais que geram tantos e tão diferentes discursos, estão impregnados de relações de poder. É aqui que a ACD desempenha sua principal função, ou seja, busca conhecer e desvendar as relações subjacentes à linguagem das reportagens, para entender e revelar como a linguagem utilizada contribui para disseminar ideologias e perpetuar relações de poder.

2.3. Mídia e política

Política e mídia estão intimamente ligados na atualidade: há os eventos singulares da política em que a mídia se faz presente, e ocorre também a presença da mídia nas questões relativas à política. Essa interrelação inclui desde a cobertura de fatos de importância pública pelos meios de comunicação de massa (os caras pintadas e o impeachment de Collor¹³), o

¹³ No dia 29 de setembro de 1992, por 441 votos a 38, a Câmara autorizou o Senado a abrir processo contra Collor por crime de responsabilidade e determinou o seu afastamento da Presidência. Em 2 de outubro de 1992, Collor recebe a citação de afastamento e deixa o Palácio do Planalto. Em 29 de dezembro de 1992, ele renuncia à Presidência, vinte minutos depois de iniciado a sessão do seu julgamento. O vice-presidente Itamar Franco assume a Presidência. Em 30 de dezembro de 1992, por

conjunto de mensagens geradas a partir de acontecimentos internacionais como a eleição de Barack Obama nos Estados Unidos da América¹⁴ a que estiveram presentes os meios de comunicação do mundo inteiro, bem como o conjunto de mensagens geradas, recebidas e transmitidas por públicos especiais (instituições governamentais e governos estrangeiros), que vão das interações sociais às relações internacionais.

Mídia e política também estão intimamente ligadas em períodos eleitorais, em que os candidatos a cargos políticos se utilizam dos meios de comunicação de massa para divulgarem suas propostas de governo.

Gomes (2004) estuda a relação entre as categorias ‘comunicação e política’, constatando que, como processo, a comunicação permeia a atividade da política, e que muitos aspectos da vida política se constituem em tipos de comunicação. Em sua análise do rápido crescimento da comunicação de massa a partir das décadas de 1960 e 1970, o autor se refere ao fato de que desde então foi descoberta sua importância tanto para a obtenção de vitórias eleitorais quanto para o exercício do governo. Ele afirma:

Este é sobretudo, o momento das primeiras formulações gerais sobre a política conquistada e dominada pelos meios de comunicação. [...] De uma literatura segundo a qual há meios à disposição dos agentes sociais e dos governos, passamos vertiginosamente a uma literatura onde a comunicação aparece como campo social predominante que impõe as suas opiniões, imagens e agendas ao público. (GOMES, 2004, p. 21)

Dos estudos realizados por Gomes resulta o conhecimento de que nas quatro últimas décadas salta aos olhos a velocidade com que “um modelo de interface entre as esferas da comunicação de massa e da política se estabeleceu e se espalhou pelo mundo” (2004, p.23). O

76 votos a três, o Senado considera Collor culpado de crime de responsabilidade e o impede de exercer função pública durante oito anos. Em 20 de julho de 1994, por cinco votos a três, o Supremo Tribunal Federal (STF) absolve Collor da acusação de corrupção passiva.

¹⁴ Emissoras fazem cobertura maciça da posse de Barack Obama – 19 de janeiro de 2009.

Nunca antes na história da TV brasileira, a posse de um presidente norte-americano teve tanto destaque como a posse de Barack Obama. Todas as emissoras abertas, sem exceção, dará destaque na sua programação à posse de Obama. Globo, SBT, Record, Bandeirantes e RedeTV! prometem flashes durante toda a programação na terça-feira, a partir das 13h, quando começa a longa lista de eventos de Barack Obama. Além dos flashes, os principais telejornais da emissora darão destaque absoluto ao momento histórico. Embora a posse só ocorra nesta terça, os canais Globo News e Record News já dão destaque à Barack Obama. Hoje, por exemplo, as duas emissoras transmitiram o futuro presidente pintando um Centro Educacional.

autor destaca também vários aspectos desta relação: para ele fica claro que a política contemporânea se estabelece numa estreita relação com a comunicação de massa e que os agentes políticos

tendem a atuar para a esfera de visibilidade pública controlada pela comunicação, que grande parte (senão tudo) da política se encerra nos meios, linguagens, processos e instituições da comunicação de massa, que a presença da televisão alterou a atividade política e exigiu a formação de novas competências e habilidades no campo político que lhe transformaram significativamente a configuração interna. (GOMES, 2004, p.23-24)

Em função da influência e da importância dos meios de comunicação de massas, as estratégias políticas, em especial as eleitorais, estão voltadas para uma cultura centrada na produção e circulação de imagens públicas, preferencialmente na disputa pelas imagens predominantes, cujos procedimentos são direcionados ao centro da atividade estratégica da política, em que são necessárias as habilidades e técnicas da comunicação e do marketing.¹⁵ A dependência política dos meios de comunicação de massa torna necessário que os discursos políticos sejam organizados de acordo com a ‘gramática’ específica dos meios onde devem circular porque orientam a apreciação e consumo das mensagens por parte dos públicos-alvo.

Donde a necessidade de conversão do discurso político segundo a gramática do audiovisual e as fórmulas de exibição e de narração próprias do universo do entretenimento. Decorre deste pressuposto a evidência da centralidade de estratégias voltadas para a produção e administração de afetos e de emoções, para a conversão de eventos e idéias em narrativas e para o destaque daquilo que é espetacular, incomum ou escandaloso. (GOMES, 2004, p.24)

Ocorre que as relações entre as esferas da comunicação e da política sofrem a interferência da presença do domínio dos negócios, que tanto servem como instrumento de pressão como de apoio financeiro. Os agentes da política querem exposição midiática que lhes permita formar uma opinião no público que se converta em voto; querem aparecer nos jornais, revistas, rádios e na televisão. Neste caso, as formas mais eficientes de conseguir a exposição

Hoje, nos EUA, é Dia do Voluntariado e Dia de Martin Luther King. Disponível em <http://bloginternacional.wordpress.com/2009/01/19/emissoras-fazem-cobertura-macica-da-posse-de-barack-obama/>

mediática é transitar pela esfera de visibilidade pública da comunicação, participando de seus eventos e convivendo com seus personagens, desenvolvendo comportamentos ‘correspondentes às dramaturgias e espetáculos midiáticos’ e propor discursos sobre temas pautados pela imprensa.

A estratégia vencedora consiste em frequentemente protagonizar fatos noticiosos ao gosto da imprensa, em apresentar discursos e bandeiras que atraiam a sua atenção .em ser bem percebido visualmente (em fotos ou em gravações de imagem), de preferência conforme a imagem pública que se quer impor ao público, em deixar vaziar informações reservadas e “quentes” que façam o sujeito político aparecer bem em jornais, em revistas e na televisão. (GOMES, 2004, p. 155)

A mídia costuma também levar em conta a economia da informação que ocorre quando os agentes políticos se transformam em fontes de notícia e permutam informações (insumos essenciais para a produção diária de notícias ou até mesmo notícias exclusivas) e proteção (quando estes agentes são poupados de notícias desvantajosas). Há todo um trabalho por parte dos agentes políticos no sentido de se transformarem em pauta para o jornalismo. Gomes cunha o termo ‘política midiática’, referindo-se a um novo modelo de política que se caracteriza pelos políticos que obtêm e exercem cargos, e conduzem a atividade política por meio da comunicação de massas, cenário no qual partidos e grupos de interesse que num momento detinham o poder são deixados de lado, em função de outros, independentes, “que travam verdadeiras batalhas por discursos, coletivas, propaganda e publicidade, oportunidades de sair em fotos e vários outros eventos de ‘relações públicas’” (ZALLER apud GOMES, 2004, p.427).

Por outro lado, é importante destacar aqui a posição de outra estudiosa da área, Maria Carmen Aires Gomes, que chama a atenção para o fato de que

a emergência no contexto histórico de uma ordem social centrada nas relações de consumo, tecnológicas e burocratizadas resulta numa heterogênea e híbrida constituição de práticas sociais, espaços discursivos, gêneros discursivos e vozes, além de identidades múltiplas e de grupos

¹⁵ Sondagens de Opinião, Consultorias de Imagem, Análises de Opinião Pública. Assessorias de Comunicação e Planejamento e Organização de Eventos , entre outros.

instáveis de sujeitos posicionados sócio-historicamente. (GOMES, 2005, p. 156)

Os gêneros discursivos, na perspectiva de Gomes (2005), surgem a partir de relações de abertura da visão de linguagem como prática social e como elemento de mudança na vida social. Utilizando o viés metodológico da ACD (Fairclough, 1992, 2001), Gomes busca discutir como os diferentes gêneros discursivos e discursos (categorias constituintes do conceito foucaultiano de ordens do discurso¹⁶), se “aproximam em condições sociais particulares para produzirem novos e híbridos gêneros, formando uma superfície acidental e desigual, em função do contexto sócio-histórico em que se inserem.” (Gomes, 2005, p.157). É a partir da mudança discursiva¹⁷ e social e da flexibilidade que ela proporciona que novas possibilidades são criadas e afetam ‘as práticas sociodiscursivas, as relações sociais e as identidades existentes’. Gomes (2005, 2007) desenvolve estudos sobre um novo gênero que surge na mídia – o gênero discursivo reportagem-publicidade, referenciando-o em Fairclough, que considera o gênero discursivo¹⁸ como um elemento integrador de outros elementos sociodiscursivos, e afirma:

Fairclough ao discutir sobre o discurso na mudança social, assevera que as imposições da economia e do estado sobre a vida têm resultado em problemas e crises da identidade social [...], mudando o foco ideológico da produção econômica para o consumo e transformando, assim, a esfera cultural. Argumenta ainda que as ordens do discurso estabelecidas hoje pelas instituições são as do consumo e da publicidade, as da tecnologia e as da burocracia.(GOMES, 2005, p. 158)

Essa nova abordagem discursiva vai ao encontro do gênero de discurso midiático que é objeto deste trabalho: a reportagem e, mais especificamente, a reportagem de cunho político. Marshall (2003) coloca que o gênero jornalístico (bem como outros gêneros midiáticos) na era da publicidade tornou-se refém da lógica do mercado e da ‘ultraliberdade’, tornando-se

¹⁶ Para uma noção de ordem do discurso, ver Foucault, 1979.

¹⁷ O estudo da mudança sociodiscursiva deve se centrar tanto no evento discursivo (instância de uso da linguagem analisada como texto, prática discursiva e prática social) quanto no momento institucional das ordens do discurso (GOMES, 2007).

¹⁸ Gênero discursivo é um elemento integrador de outros elementos sociodiscursivos, constituindo identidades sociais, relações sociais, crenças e valores. Em outras palavras, quando interagimos com o outro, nós o fazemos através da produção de gêneros discursivos inscritos na história política da sociedade (GOMES, 2007).

espetacularizado e marquetizado, trazendo para o espaço da notícia “fagulhas de desejos, de necessidades criadas; assim, impressionar o leitor/consumidor e impeli-lo a determinadas ações são um dos seus objetivos comunicativos” (MARSHALL, 2003, p. 27). Dessa forma, a notícia passa a ser uma mercadoria construída para atender aos interesses e à dinâmica do mercado competitivo, e por isto, na visão de Marcondes Filho (1993), o jornalismo torna-se produtor de um mundo imaginário que pode ser moldado.

Gomes (2007, p. 1354), ao discutir “como a constituição dos gêneros instaura relações de poder entre produtores e interpretantes,” se vale das afirmações de Fairclough de que “neste período de transformação social rápida e profunda, há uma tensão entre pressões pela estabilização, parte da consolidação da nova ordem social, e pressões pela fluidez e pela mudança” (FAIRCLOUGH apud GOMES, 2007, p.1347) e de Threadgold, quando este autor afirma que “novas relações de identidade são construídas nas mais variadas formas de ação e interação sociais em função das contingências sócio-culturais e políticas” (THREADGOLD apud GOMES, 2007, 1354).

Essas relações de identidade e de ação e interação social mediadas pela mídia trazem mudanças muitas vezes preocupantes. Para Marcondes Filho (2000, p.7), o jornalismo que “nos últimos 200 anos provocou verdadeiras revoluções na maneira de ver, sentir e vivenciar o mundo, mas que, diante do desafio de forças extraordinárias [...], passa por grandes mudanças[...]”, apresenta hoje um comportamento em que ocorrem a substituição da verdade pela emoção, o expurgo da reflexão e a lógica da velocidade em detrimento da informação, de tal maneira que seus meios (principalmente a televisão) se transformam em meios eficientes tanto para a manipulação quanto para a sutil imposição de ideologias que interessam a uma elite, e nos jornais e na televisão, o noticiário pincela os fatos e pouco lhes aprofunda, de acordo com os interesses mencionados.

Após dialogar com muitos teóricos, em especial do campo da comunicação e do jornalismo, Gomes (2007, p. 1346) afirma:

Nesta perspectiva, gênero discursivo realiza o elo entre a prática social e o texto, estabelecendo relações entre as instâncias de produção, distribuição e consumo dos textos. Essa conexão se dá por meio de convenções partilhadas, em situações sociais, através de comunidades discursivas que partilham objetivos e propósitos comuns.

Mais uma vez fica claro que a linguagem e todas as suas formas de expressão estão imbricadas nas estruturas sociais, surgindo delas, modificando-as e outras vezes se entrelaçando a essas estruturas e ao poder social que emerge delas. Ao utilizar a ACD e seus teóricos neste trabalho, busco entender e mostrar como a linguagem se mescla ao poder e o expressa, e como se faz presente no discurso da mídia. Também investigo como a mídia utiliza o discurso para instalar conceitos e identidades sociais ou para subvertê-las e, interagindo com as estruturas sociais, criar, manter ou mudar relações estabelecidas na estrutura social nos seus diferentes campos, incluindo-se aqui as relações de gênero.

2.4. Mulher e política

A predominância da dominação social do masculino sobre o feminino é histórica, e a participação das mulheres em instâncias sociais diferentes daquelas que originalmente lhe eram determinadas, como as atividades domésticas ou do lar e as referentes à maternidade, é relativamente recente.

Os estudos feministas apontam que, já em 1405, Christine de Pisan (viúva e mãe de três filhos) realizou um protesto veemente contra a discriminação e o preconceito contra a mulher através do livro *La Cité des Dames*, tentando em pleno século XV reformular o papel da mulher na sociedade. As manifestações e os protestos realizados pelas mulheres aconteciam de forma espontânea e isolada; não havia um movimento organizado.

As primeiras manifestações feministas tiveram como tema reivindicatório o acesso à instrução. Marie de Gournay, em 1622, não só propôs a igualdade entre homens e mulheres, mas também destacou a importância da instrução como fator preponderante na luta pela conquista de seus direitos. Um dos primeiros periódicos (jornal) femininos de que se têm notícias é intitulado *Lady's Mercury*, publicado na Inglaterra, no ano de 1693, e como órgão de imprensa feminina, foi considerada uma leitura só de amenidades, tendo contribuído muito pouco com a causa libertária (AVELAR, 2001 e PINTO, 2003).

Em 1792 Mary Wollstonecraft¹⁹ publica "Em Defesa dos Direitos da Mulher (Vindication of the Rights of Woman)"²⁰, ensaio a favor da emancipação, em que lança as bases do feminismo moderno. O livro, escrito em seis semanas, reivindicava um destino próprio ao sexo feminino, desatrelando a mulher do marido e dos filhos.

Nísia Floresta²¹, brasileira, defendia uma melhor educação e posição social para as mulheres desde 1831, quando começou a escrever no Jornal *Espelho das Brasileiras*, dirigido às senhoras pernambucanas, em que durante trinta números colabora com artigos que tratam da condição feminina em diversas culturas. Inspirada na feminista inglesa, Wollstonecraft, em

¹⁹Mary Wollstonecraft era um fenômeno. Desde jovem, exercendo seus talentos como tradutora, educadora e jornalista, mantinha-se a si mesma. Em 1792, interessada nos tumultos revolucionários que estavam acontecendo em Paris, contagiada pela polêmica social e pela luta em favor da liberdade de pobres e oprimidos, deslocou-se para lá como correspondente de uma gazeta londrina. Segundo Voltaire Schilling "Contagiada pelo clima de efervescência subversiva, embriagada pelo ar libertário e pelas leituras dos filósofos franceses, ela percebeu que as mulheres não podiam continuar sendo, nos novos e extraordinários tempos que se abriam, apenas as discretas coadjuvantes dos homens. A revolução de 1789, num repente, escancarara as portas da emancipação para todos os tolhidos e oprimidos: dos escravos aos loucos. Porque ficariam elas de fora?"

(<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2004/11/08/000.htm>). Acesso em 04/03/2007.

Antes dela a francesa Olympe de Gouges redigiu uma *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*, e a lionesa Théroigne de Méricourt fundou um clube misto em 1790 - o dos Amigos da Lei.

²⁰ *Vindications of the Rights of Woman* é o título original da feminista e consistia numa resposta à Declaração Universal dos Direitos do Homem. No mesmo ano a obra foi traduzida para o francês e nos anos seguintes houveram várias outras edições, tornando-se conhecido e repercutindo pela Europa e Estados Unidos, consagrando-se a autora como pioneira na defesa dos direitos da mulher

²¹ Educadora, escritora e poetisa nascida em 12 de outubro de 1810, em Papari, Rio Grande do Norte, filha do português Dionísio Gonçalves Pinto com uma brasileira, Antônia Clara Freire, foi batizada como Dionísia Gonçalves Pinto, mas ficou conhecida pelo pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Em 1831, ela publica em um jornal pernambucano uma série de artigos sobre a condição feminina. Do Recife vai para o Rio Grande do Sul onde se instala e dirige um colégio para meninas. A Guerra dos Farrapos interrompe seus planos e Nísia resolve fixar-se no Rio de Janeiro, onde funda e dirige os colégios *Brasil e Augusto*, notáveis pelo alto nível de ensino. Em 1849, vai para a Europa. Em 1853, publicou *Opúsculo Humanitário*, uma coleção de artigos sobre emancipação feminina, que foi merecedor de uma apreciação favorável de Auguste Comte, pai do positivismo. Esteve no Brasil entre 1872 e 1875, em plena campanha abolicionista liderada por Joaquim Nabuco. Retorna para a Europa em 1875 e, três anos depois, publica seu último trabalho *Fragments d'un ouvrage inédit: Notes biographiques*, falecendo na França em 1885, aos 75 anos. <http://www.memoriaviva.com.br/nisia/>

1832, Nísia Floresta publica aos 22 anos em Recife (PE) o livro *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, no qual não faz uma tradução (ela tem acesso à versão francesa do livro de Wollstonecraft), mas produz texto próprio em que "aponta os principais preconceitos existentes no Brasil contra seu sexo, identifica as causas desse preconceito, ao mesmo tempo em que desmistifica a idéia dominante da superioridade masculina."²² A obra de Nísia Floresta é a primeira de que se tem notícia no Brasil tratando dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, exigindo que as mulheres sejam reconhecidas como seres inteligentes, merecedoras de respeito pela sociedade, num momento em que a grande maioria das mulheres brasileiras vivia enclausurada em preconceitos, sem qualquer direito que não fosse o de ceder e aquiescer sempre à vontade masculina.

Nísia Floresta se apropria do conhecimento produzido por Wollstonecraft no estrangeiro, assimilando suas concepções e acomodando-as ao cenário nacional, transformando-as através de sua experiência pessoal, em que cada palavra escrita é resultado de suas vivências, "mediatizadas pelo intelecto"²³. No ano seguinte - 1833 - sai uma segunda edição e, em 1839, ainda uma terceira, no Rio de Janeiro.

Os estudos sobre as mulheres apontam sua trajetória de luta e seu ingresso e figuração em novos quadros sociais, no exercício de atividades profissionais até então exercidas pelos homens, das novas condições e papéis assumidos em seus diferentes meios nas sociedades modernas.

Em 1967 foi elaborada a primeira Constituição Brasileira após a Declaração Universal dos Direitos Humanos que garante a igualdade legal, sem distinção de sexo. A década de setenta constituiu um marco para o movimento de mulheres no Brasil, que apesar

²² <http://www.portaldaliteratura.com/livros.php?livro=3999>. Acesso em 04/03/2007.

²³ Não é, portanto, o texto inglês que se conhece ao ler estes *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Ainda está para ser feita a sua tradução em língua portuguesa. Temos sim, nesta tradução livre, talvez o texto fundante do feminismo brasileiro, se o vemos como uma nova escritura, ainda que inspirado na leitura de outro. Vejo-o como uma resposta brasileira ao texto inglês; a nossa autora se colocando em pé de igualdade com a Wollstonecraft e até com o pensamento europeu, e cumprindo o importante papel de elo entre as idéias européias e a realidade nacional. <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2004/11/08/000.htm>. Acesso em 04/03/2007.

da ditadura política, vão às ruas reivindicando a redemocratização do país e a melhoria nas condições de vida e de trabalho da população brasileira.

Na sociedade brasileira, a década de 1970 foi marcada, de um lado, pela política ditatorial dos governos militares e, por outro, pelo surgimento de diversos movimentos populares, dos quais surgiram novos atores sociais e novos temas políticos. As mulheres saem do cenário doméstico e ingressam em movimentos sociais contra a carestia, na luta por creches, pela anistia, enfim, buscando seus direitos e melhorias sociais. Elas lutam pela criação de políticas públicas, muitas das quais oriundas ou decorrentes do movimento feminista e, com isso, entram no cenário político de forma coletiva, pelo menos em relação às lutas feministas anteriores.

Na década de oitenta, o movimento se amplia e se diversifica, ocupando os espaços políticos, sindicatos e associações de bairro. O Estado Brasileiro (o governo em todos os seus níveis) tem acolhido propostas do movimento feminista na Constituição Federal, elaborando políticas públicas voltadas para enfrentar e superar as desigualdades, discriminações e opressões vivenciadas pelas mulheres, o que permite, na década de noventa, a ampliação do movimento e o surgimento de inúmeras ONGs (organizações não-governamentais) com o objetivo de defender os direitos das mulheres, além de uma imensa quantidade e pluralidade de projetos, estratégias, temáticas e formas de organização.

A participação das mulheres na política tem sido estudada por diversas organizações mundiais e esses estudos mostram um cenário em que existe uma sub-representação das mulheres nesse campo social em que o Brasil ocupa uma posição ruim no ranking estabelecido. De 189 países estudados, de acordo com a Inter-Parliamentary Union²⁴, apenas 20 países apresentam mais de 30% de mulheres no parlamento (minorias influentes), e neste mesmo estudo, em termos regionais somente os países Nórdicos apresentam 40% de mulheres nos parlamentos. Nesta lista o Brasil ocupa a 102^a posição, situado em último lugar na

América do Sul e melhor posicionado na América Latina apenas em relação aos países da Guatemala (105^a) e Haiti (129^a). Existe uma grande preocupação com a mudança deste cenário no mundo, constatada pela adoção de legislação de cotas por sexo ou para mulheres feita por 98 países.²⁵ Em uma análise da participação feminina nas eleições de 2006, em comparação com as eleições de 2002, Rodrigues²⁶ constata que não houve crescimento significativo dessa participação.²⁷ Embora os movimentos das mulheres e a crítica feminista com relação aos limites da democracia política brasileira venham sendo incansáveis, segundo Camurça²⁸ (2007), "a cultura política hegemônica que ainda produz interdições, obstáculos e mesmo bloqueios à participação das mulheres na política, um monopólio dos homens até pouco tempo" faz com que a representatividade das mulheres neste campo ainda seja pequena.

A Assessoria de Imprensa do CFEMEA²⁹ permite a comprovação do pensamento de Camurça ao analisar as eleições 2006 e as mulheres que concorreram ao pleito e foram eleitas, ao afirmar:

Foram poucas as mulheres eleitas em 2006. De um total de 2.498 candidatas (2 à Presidência, 26 aos Governos, 35 ao Senado, 652 à Câmara Federal e 1783 às Assembléias e Câmara Legislativas) foram eleitas até o momento 173 mulheres (4 Senadoras, 46 Deputadas Federais e 123 Deputadas Estaduais/Distritais), segundo os dados do Tribunal Superior eleitoral. Nenhuma mulher foi eleita Governadora no 1º turno e 5 candidatas estão disputando o 2º turno. Esses resultados são péssimos e fica o sentimento de

²⁴ Classificação disponível no site www.ipu.org/wmn-e?classif.htm. Acesso em 17/06/2008.

²⁵ A informação é do projeto Global Database of Quotas for Women, desenvolvido pelo IDEA - Internacional Institute for Democracy and Electoral Assistance e a Universidade de Estocolmo que classifica essas legislações segundo tipo (constitucional, eleitoral ou partidária). Ver especificação dos países por tipo de cota em www.quotaproject.org/country.cfm. Copyright 2006, [International IDEA](http://www.idea.int) and [Stockholm University](http://www.stockholm.se). Acesso em 27/06/2008.

²⁶ RODRIGUES, Almira - Mulheres e Eleições 2006 no Brasil. Esta análise constitui uma das ações do Projeto A participação política das Mulheres nas Eleições 2006, desenvolvido pela socióloga e pesquisadora do CFEMEA, com o apoio da Embaixada da Finlândia que apoiou o CFEMEA em projeto anterior, sobre as Eleições Municipais de 2004 e a discussão da Reforma Política no Brasil.

²⁷ Segundo os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), são 125.913.479 eleitores/as, sendo 51,53% de mulheres e 20,42% de jovens (16 a 24 anos). As mulheres somam quatro milhões de votos a mais em todo o País. Ainda de acordo com o Tribunal, são mais de 18 mil candidatos/as oriundos de 29 partidos políticos.

²⁸ CAMURÇA, Sílvia. As mulheres na política e a reforma política. SOS Corpo e AMB - CFEMEA, março de 2007. Disponível no endereço <http://www.cfemea.org.br/>. Sílvia Camurça é socióloga e educadora popular, integra a equipe do SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia, em Pernambuco, e a Secretaria Executiva Colegiada da Articulação de Mulheres Brasileiras. Acesso em 17/06/2008.

²⁹ Mulheres eleitas em 2006: o desafio é cada vez maior. Dados atualizados. CFEMEA - Assessoria de Imprensa em 27 de outubro de 2006. As análises e dados estão disponíveis em: www.cfemea.org.br/temasedados/detalhes.asp?IDTemasDados=156. Acesso em 17/06/2008.

que a eleição de mulheres é um acontecimento cada vez mais difícil. Os dados detalhados estão no site www.cfemea.org.br.

A análise mostra que das candidatas à Presidência da República nenhuma chegou ao segundo turno, não tendo sequer grande representação na votação no primeiro turno. As mulheres concorreram ao Governo do Estado em 18 unidades da Federação e não ganharam em 1º turno em nenhuma delas, tendo alcançado votação expressiva e disputado o 2º turno em apenas 5 Estados³⁰.

O Senado Federal renovou 1/3 de seus/suas integrantes nas eleições de 2006 e as mulheres concorreram em 19 unidades da Federação, tendo se eleito como representantes em apenas 4 delas. Já as vagas na Câmara dos Deputados foram disputadas por mulheres em todas as unidades da Federação e os 29 partidos apresentaram candidatas em algum dos Estados, tendo sido eleitas 46 deputadas federais, por 20 Estados e por 13 partidos políticos, representando 8,97% das cadeiras da Câmara Federal. Em nível estadual, o total de mulheres eleitas diminuiu em relação às Eleições de 2002.³¹

O número de mulheres eleitas em 2006 é pequeno e não se ampliou de forma expressiva com relação às eleições de 2002. Os resultados para as Assembleias e Câmaras Legislativas são preocupantes, pois o número de mulheres eleitas decresce em 10 cadeiras, significando uma queda de 12,56 para 11,61% a proporção de mulheres eleitas para este cargo em todo o País em 2002. Os dados para candidaturas de mulheres às Assembleias já vinha apontando esse fenômeno da retração, o que se manteve quanto às mulheres eleitas. O CFEMEA levanta a hipótese "de que este nível local parece estar mais difícil e fechado para a

³⁰ Ana Júlia de Vasconcelos Carepa (PT-PA); Denise Frossard Loschi (PPS-RJ); Roseana Sarney Murad (PFL-MA); Wilma Maria de Faria (PSB-RN); e Yeda Rorato Crusius (PSDB-RS).

Todas essas mulheres têm uma trajetória política consolidada: Ana Júlia e Roseana são senadoras e têm a continuidade do mandato por terem sido eleitas em 2002; Denise e Yeda são deputadas federais e terão seus mandatos findos nesta 52ª Legislatura; e Wilma está disputando a reeleição como Governadora e terá sua gestão finda em 31 de dezembro de 2006. É interessante observar que as cinco candidatas são de diferentes partidos do espectro político e também de diferentes regiões do País. Em 2002, foram eleitas duas governadoras: Wilma Maria de Faria no 2º turno e Rosinha Garotinho no 1º turno. Dados disponíveis em www.cfemea.org.br.

³¹ Neste pleito, foram eleitas 123 deputadas estaduais/distritais, representando 11,61% do total de cadeiras que é de 1059 em todo o País (TSE – 6/10/2006). Há quatro anos, foram eleitas 133 deputadas estaduais/distritais, totalizando 12,56%.

entrada das mulheres, o que pode ser explicado em grande parte pela profissionalização da política e pelos elevadíssimos gastos das campanhas eleitorais, os quais são de origem privada".³²

Os pontos importantes levantados pelo CFEMEA com relação ao quadro político e à participação das mulheres nas Eleições 2006 no Brasil remetem a questões como: quais os fatores que atraem as mulheres para este campo; quais os elementos que constroem e limitam sua participação; como votam os eleitores de ambos os sexos com relação aos/as candidatas, e quais as estratégias e pautas de campanha das candidatas comparativamente aos candidatos – existem diferenças entre gastos financeiros, tempo dedicado à campanha, apoio recebido, entre outros.

Entre as conclusões a que a Assessoria de Imprensa do CFEMEA chegou, está a de que

[o]s partidos políticos têm um papel essencial na promoção da participação política das mulheres e podem desenvolver ações afirmativas independentemente de legislação federal, a exemplo da adoção de cotas por sexo para a composição de suas direções e destinação de percentuais do fundo partidário e do tempo de propaganda partidária gratuita para promoção das mulheres na política. [...] É importante a difusão de campanhas na mídia de promoção cotidiana da participação política das mulheres, visando combater a mentalidade patriarcal que reserva aos homens o território da política representativa.

A influência da mídia e as relações entre mídia e política no Brasil ganham destaque na medida em que se refletem fortemente na opinião pública e criam representações sobre os candidatos. “Assim, aquilo que a mídia [...] veicula ou deixa de veicular é significativo do ponto de vista da percepção da realidade social que está acessível à população” (MIGUEL apud FINAMORE e CARVALHO, 2006, p.351). O discurso da mídia é um discurso social, que de acordo com Fairclough (2001) constitui uma prática que representa, significa, constitui e constrói o mundo, e que pode tanto promover mudanças quanto reforçar a realidade vigente.

³² Assessoria de Imprensa CFEMEA, 2006.

A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la (FAIRCLOUGH, 2001, p.92).

Fairclough propõe que, sendo a linguagem uma forma de prática social, ao estudá-la, não podemos prescindir do conceito de ideologia, examinando como ela opera por intermédio do texto e como estas operações atuam na constituição dos sujeitos sociais. Da mesma forma, para Thompson (1998, p. 76), "estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação".

Vivemos num mundo interligado – "uma aldeia global", onde a presença da mídia, junto com outras instituições, torna-se responsável pela construção da cultura, através da veiculação de formas simbólicas, nas quais por meio da linguagem a imprensa reproduz dados da realidade, utilizando-se, segundo Thompson (1995, 1998), de mecanismos próprios que contribuem para naturalizar crenças, papéis sociais e interpretações ideologizadas da realidade. Thompson identificou modos de operação da ideologia (a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação), os quais se desdobram em diversas estratégias de construção simbólica presentes na mídia. Segundo o autor, na sociedade contemporânea moderna, a indústria da mídia alia-se ao capitalismo industrial que interliga o mundo e veicula conteúdos que contribuem para estabelecer e sustentar preconceitos e relações de poder, embora, por outro lado, as formas simbólicas que veicula possam também servir para contestar posições de poder.

Caldas (2005) aborda o papel da mídia na construção coletiva da história e reflete sobre a responsabilidade da mídia na elaboração do imaginário popular e na reconstrução da história, abordando as relações de poder e o processo de produção da informação, bem como as manipulações, conscientes ou não, nele envolvidas. Falando sobre a memória coletiva e a influência dos meios de comunicação de massa que ocorre na formação / deformação da opinião pública, a autora afirma que acontece "a destruição da temporalidade provocada pela

mídia em suas múltiplas formas de representação da realidade, da polissemia das vozes, de simulacro do real" (CALDAS, 2005, p.139). Segundo ela, a formação do imaginário social embasado na "aldeia global" permite a articulação de tudo "em teias multimídias com informações fragmentárias, destituídas de contexto, sem uma perspectiva histórica", o que traz consigo a necessidade de uma reflexão crítica que permita "o retorno de uma utopia social que substitua a práxis e a lógica do consenso fabricado pelo sujeito histórico, comprometido com a sociedade em que vive" (CALDAS, 2005, p.141). Esse fato ocorre com maior ênfase no discurso político.

Mesmo num cenário como esse, ainda está presente a luta das mulheres para ocuparem um espaço neste campo social. Manuela D'Ávila (PCdoB), candidata mais votada para a Câmara dos Deputados nas últimas eleições no Rio Grande do Sul, disse que o ambiente político é visto como masculino e há um "machismo" que procura constantemente descaracterizar a competência das mulheres. "A Rita Camata, que dá o nome a uma das leis mais importantes deste país, era apresentada como a musa do Congresso. Quando falam de minha votação também se referem a uma suposta beleza. Isso é preconceituoso e procura desqualificar a vitória das mulheres", disse Manuela.³³

A política, na qual também a mulher começa a se inserir, torna-se um espetáculo mediatizado pelos meios de comunicação de massa, cujo poder simbólico, de acordo com J.B. Thompson, causa grande impacto na comunicação social, e interfere na comunicação entre as pessoas, criando um discurso próprio, através do qual são criadas novas relações sociais e novas maneiras de relacionamento dos indivíduos com os outros e consigo. A Modernidade traz embutido o processo de expansão das redes de comunicação, os fluxos de informação e sua globalização, assim como seu entrelaçamento com as formas de poder – econômico,

³³ Matéria publicada no jornal O Globo. OLIVEIRA, Chico. Yeda: corrupção inibe presença feminina - Para governadora eleita do Rio Grande do Sul, moralização aumentaria participação. Fonte: Jornal O Globo - 04 Data: 11/12/2006. Também disponível em SENADO NA MÍDIA - Secretaria de Pesquisa e Opinião Pública - SEPOP <http://www.senado.gov.br/sf/noticia/senamidia/principaisJornais/verNoticia1.asp?ud=20061211&datNoticia=20061211&codNoticia=211207&nomeOrgao=&nomeJornal=O+Globo&codOrgao=2729>. Acesso em 18/06/2008.

político e militar - que é utilizado pelos atores sociais (individuais e coletivos) na conquista e alcance de seus objetivos. Ocorre o desenvolvimento acentuado das instituições midiáticas, e o crescimento de novas redes de comunicação e informação, que atuam no imaginário popular e permitem a criação de ídolos e de mitos. O discurso midiático seduz (Ferrés, 1998) e permite que especialmente o discurso político, uma vez midiaticizado, torne-se sedutor.

Thompson (1998) explora o impacto do discurso da mídia na relação entre o público e o privado e na mudança do vínculo entre a visibilidade e o poder. No livro *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia* (1998), Thompson esclarece que poder é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas conseqüências. O movimento de liberação da mulher é um movimento contínuo no qual está sempre presente uma disputa de poder, seja econômico (gerado pelo lucro) ou simbólico (gerado pelas informações), que consiste nas principais maneiras de obter sucesso e que são visíveis na mídia. Há que considerar que com a evolução da sociedade e em decorrência dos movimentos sociais, ocorreu também a evolução da noção de cidadania, a qual é mostrada na mídia e que se relaciona diretamente com a mulher. O desenvolvimento da mídia teve enorme influência na mudança dessa relação, deslocando a relação privado/público para a de visibilidade/invisibilidade, mudança que teve enorme repercussão na política, expondo os políticos a uma publicidade maior.

2.5. A Análise Crítica de Discurso – ACD

A Análise Crítica de Discurso³⁴ (ACD), cujo principal teórico é Norman Fairclough, é uma vertente teórico-metodológica que aborda o estudo das linguagens nas sociedades contemporâneas e tem como proposta prover uma base científica para questionamentos críticos³⁵ da vida social. Fairclough (2001) propõe a utilização do termo ‘discurso’ para se referir à linguagem como prática social, que implica uma forma de ação em que as pessoas podem agir tanto sobre o mundo quanto sobre os outros, como uma forma de representação, e uma relação dialética entre discurso e prática / estrutura social (relação recíproca). Ele afirma:

O discurso é uma prática, não apenas uma representação de mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. [...] O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’. [...] O discurso contribui para a construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. Esses três efeitos correspondem respectivamente a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo o discurso – o que denominarei as funções da linguagem ‘identitária’, ‘relacional’ e ‘ideacional’. A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91-92)

³⁴ Discurso é um conceito difícil, principalmente porque há tantas definições conflitantes e sobrepostas, formuladas de várias perspectivas teóricas e disciplinares. [...] Na lingüística, ‘discurso’ é usado algumas vezes com referência a mostras ampliadas de diálogo falado, em contraste com ‘textos’ escritos. [...] Mais comumente, entretanto, ‘discurso’ é usado na lingüística com referência a mostras ampliadas de linguagem falada ou escrita. (Além de reservar a ênfase em aspectos organizacionais de nível superior, esse sentido de ‘discurso’ enfatiza a interação entre falante e receptor(a) ou entre escritor(a) e leitor(a); portanto, entre processos de produção e interpretação da fala e da escrita, como também o contexto situacional do uso lingüístico.) [...] Finalmente, ‘discurso’ também é usado em relação a diferentes tipos de linguagem usada em diferentes tipos de situação social (por exemplo, ‘discurso de jornal’, ‘discurso publicitário’, ‘discurso de sala de aula’, ‘discurso de consultas médicas’). [...] Por outro lado, ‘discurso’ é amplamente usado na teoria e análise social, como por exemplo, no trabalho de Michel Foucault, com referência aos diferentes modos de estruturação das áreas de conhecimento e prática social. [...] (p.21) Nesse sentido, os discursos são manifestados nos modos particulares de uso da linguagem e de outras formas simbólicas, tais como imagens visuais (ver Thompson, 1990). Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’; diferentes discursos constituem entidades-chave (sejam elas a ‘doença mental’, a ‘cidadania’ ou o ‘letramento’) de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, como médicos ou pacientes), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise de discurso. Outro foco importante localiza-se na mudança histórica: como diferentes discursos se combinam em condições particulares para produzir um novo e complexo discurso. (vários discursos são combinados para produzir um novo e complexo discurso). Fairclough (2001, p. 22)

³⁵ Wodak (2004, p.225) a partir do pensamento de Krings (1973) destaca que o termo ‘crítica’ é usado convencionalmente num sentido amplo, denotando uma combinação do “engajamento social e político” com “uma construção de sociedade sociologicamente engajada”

Existe, portanto, a necessidade de compreender e qualificar os textos e seus efeitos sociais, isto porque não se pode afirmar que aspectos dos textos transformem a vida das pessoas, e embora não haja uma relação de causa e efeito que possa ser regularmente associada com um tipo de texto, ou com aspectos dos textos, estes causam efeitos sobre as pessoas que são determinados, de acordo com Fairclough (2001), pela relação dialética entre texto e contexto social.

A acomodação das sociedades pós-modernas a questões de discriminação entre homens e mulheres, por exemplo, são problemas parcialmente discursivos, vinculados à naturalização de discursos dominantes sobre as mulheres e sua posição nas sociedades, sendo objetos de análise para a ACD em função de se constituir um engajamento como prática teórica crítica para a mudança social.

Ramalho (2005) afirma que na pesquisa da ACD sempre estarão presentes referências aos filósofos e cientistas sociais (pensadores da escola de Frankfurt: Adorno, Horkheimer e Marcuse; e também pensadores mais contemporâneos como Habermas, Bakhtin, Foucault, Gramsci, Bourdieu e outros) que contribuíram na teorização de conceitos fundamentais, principalmente em função das noções de desigualdade e de naturalização. Os discursos públicos são diversos (acadêmico, feito pelos cientistas; midiático, feito pelos jornalistas e publicitários; jurídico, feito pelos advogados; político, feito pelos políticos, etc.) e em geral são os membros das classes sociais dominantes, de acordo com Resende (2008), que têm controle ou maior acesso a um ou mais tipos de discurso (e suas propriedades distintas), dependendo do campo social em que atuam.

Na visão de Resende (2008), a ACD caracteriza-se por rejeitar a perspectiva de uma ciência 'neutra' porque a própria ciência, assim como os discursos acadêmicos, são ao mesmo tempo constitutivos da estrutura social e influenciados por ela através da interação social. "Os objetivos críticos na análise do discurso visam elucidar as naturalizações (que parecem ser

não pertencentes a uma ideologia, mas se tornam senso comum), tornar claras as determinações sociais e os efeitos do discurso que estão obscuros” (FAIRCLOUGH apud RESENDE, 2006, p. 28).

Poder, ideologia e discurso tornaram-se um campo de estudos na segunda metade do século XX, quando a ciência lingüística desenvolveu ramificações e surgiu, na década de 1970, a ‘lingüística crítica’, descrita por Fairclough (2001, p. 46-47) como sendo uma combinação de “um método de análise textual” com uma teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos.

Ao se referir à lingüística crítica, Fairclough (2001, p. 46-47) destaca, na década de 70, a abordagem de um grupo da Universidade de East Anglia que buscou “casar um método de análise lingüística textual com uma teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos”, destacando dois aspectos fundamentais: primeiro chama a atenção para o fato de que “a linguagem à qual as pessoas têm acesso depende de sua posição no sistema social”, e a seguir afirma que “os falantes fazem ‘seleções’ segundo as circunstâncias sociais, assumindo que opções formais têm significados contrastantes e que as escolhas de formas são sempre significativas” (FAIRCLOUGH, 2001, p.47), de modo que a lingüística crítica vai analisar a questão social e a linguagem, e todo o universo que as permeia, preocupando-se com o sujeito que fala, com a posição social que ocupa, com o que escolhe no momento de sua fala e o que isto significa no âmbito social em que se insere, numa relação de intenções/produções. Esta perspectiva foi reavaliada pelos próprios lingüistas críticos, que passaram a se preocupar também com a variedade de sistemas semióticos, com a linguagem, e com a inter-relação entre ambos.

A partir do surgimento de novas abordagens nos estudos da linguagem e do discurso, estas foram divididas segundo sua orientação social para o discurso, tendo se destacado as abordagens não-críticas e críticas.

As abordagens críticas diferem das abordagens não críticas não apenas na descrição das práticas discursivas, mas também ao mostrarem como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, nenhum dos quais é normalmente aparente para os participantes do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 31-32).

A abordagem crítica vai dar origem à Análise Crítica do Discurso, que se distingue-se das demais abordagens geradas por esta corrente de pensamento em função de seu diálogo direto com as ciências sociais e de seu trânsito multidisciplinar. Os processos discursivos de produção e interpretação textual tornaram-se sua preocupação central, e há mais atenção explícita ao desenvolvimento de uma teoria social do discurso, com uma orientação para a luta e mudança histórica no discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p.51).

Embora não exista uma única orientação metodológica, a preocupação com questões de ideologia e poder são compartilhadas por todos os analistas críticos do discurso, o que na visão de Pedro (1997, p. 35),

pode ser conceitualizado como o conjunto de assimetrias entre participantes nos acontecimentos discursivos, a partir da eventual capacidade desigual desses participantes para controlar a produção dos textos, a sua distribuição e o seu consumo – e, portanto, a forma dos textos – em contextos sócio-culturais particulares.

Fairclough (2001, p117) define ideologias como “significações /construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação”. Para o autor, relações sociais, identidades sociais, valores e consciência cultural – elementos das práticas sociais, têm uma relação dialética entre si e são estudados de diferentes formas através da interação da ACD com outras áreas de conhecimento, o que se torna uma contribuição significativa para a compreensão destes mesmos processos sociais. Esta posição é desenvolvida por diversos estudiosos como Chouliaraki e Fairclough (1999) e van Dijk (2008).

Van Dijk (2004) relaciona discurso e ideologia através da perspectiva de que as ideologias são cognitivas, isto é, de que boa parte das nossas idéias, pensamentos e crenças são absorvidos pela razão e em seguida reproduzidos nos mais diferentes discursos como se fosse algo novo, próprio de cada um. O autor chama a atenção para o fato de que, como indivíduos, cada um de nós recebe idéias partilhadas por várias e diferentes pessoas, que se agrupam por compartilharem das mesmas ideologias, portanto, as ideologias são sociais. Sejam quais forem os diferentes grupos sociais (profissionais ou organizações diversas que se estabelecem entre determinadas pessoas), pode-se verificar que existem relações de conflito, de posições, de poder; há ideologias dominantes e dominadas (de acordo com os grupos mais ou menos poderosos), mas todos têm a sua ideologia própria capaz de identificá-los. Assim, Van Dijk (apud PEDRO,1997, p.111) define ideologia como

modelos conceituais básicos de cognição social, partilhados por membros de grupos sociais, constituídos por seleções relevantes de valores socioculturais e organizados segundo um esquema ideológico representativo da autodefinição de um grupo. Para além da função social que desempenham ao defender os interesses dos grupos, as ideologias têm a função cognitiva de organizar as representações sociais (atitudes, conhecimentos) do grupo (...), orientando assim as práticas sociais (...) e as produções escritas e orais dos seus membros. As ideologias são, portanto, sistemas básicos de cognição social que funcionam como princípios organizadores das atitudes e das representações sociais comuns a grupos particulares, controlando indiretamente as representações mentais que formam a base interpretativa do discurso.

As ideologias são partilhadas pelos membros dos grupos sociais (existe um senso comum construído e aceito por todos os membros, pois elas são sociocognitivas) e acabam sendo tomadas não só como verdades mas como modelos ou regras que se estabelecem no relacionamento com outras pessoas e grupos sociais. Van Dijk (apud Pedro, 1997, p. 111-112) resume seu modelo teórico dizendo:

As ideologias são modelos conceituais básicos de cognição social, partilhados por membros de grupos sociais, constituídos por seleções relevantes de valores socioculturais e organizados segundo um esquema ideológico representativo da autodefinição de um grupo. Para além da

função social que desempenham ao defender os interesses dos grupos, as ideologias têm a função cognitiva de organizar as representações sociais (atitudes, conhecimentos) do grupo, orientando assim, indiretamente, as práticas sociais relativas ao grupo e, conseqüentemente, também as produções escritas e orais dos seus membros.

Van Dijk (2008) finalmente esclarece que, com base na ACD, é possível perceber a partir de uma abordagem multidisciplinar entre as ciências humanas e sociais com raízes na lingüística, a relação explícita entre discurso e sociedade, por uma interface cognitiva de modelos mentais e cognições sociais como conhecimentos e ideologias, através da qual as elites simbólicas não só tem acesso privilegiado aos discursos públicos como também controlam sua reprodução na política, na mídia, na ciência e em muitas outras áreas sociais, e por intermédio desta, controlam também a reprodução discursiva da dominação na sociedade. Diz ele que a “relação entre discurso, cognição e sociedade é importante, por exemplo, na manipulação da opinião pública nos discursos beligerantes de políticos para conseguir apoio da população [...]” (VAN DIJK, 2008, p.8).

Embora em seu início a ACD se preocupasse predominantemente com textos escritos, mais recentemente, com a rápida proliferação da imagem como forma de comunicação, começaram a surgir estudos direcionados a outras formas semióticas, especialmente ao letramento visual.

Kress e van Leeuwen(1996) elaboraram a Gramática Visual do Design, que surgiu como uma importante ferramenta crítico-analítica no contexto da investigação lingüística. Os autores concebem a imagem como um sistema complexo produzido num contexto específico, que representa o mundo de forma concreta ou abstrata e interage com ele, acompanhada ou não de texto escrito, acabando por constituir um tipo de texto que pode ser reconhecido pela sociedade em seu contexto social, político e cultural. A Gramática Visual estabelece um diálogo com a ACD no sentido de analisar a interação entre o que é expresso nos textos e nas imagens, o que é especialmente relevante para fotografias ou ilustrações jornalísticas.

O jornalismo, enquanto uma prática social persuasiva que produz sentidos, organiza seus textos combinados com imagens, entre os quais sentidos determinados circulam, o que permite afirmar que as entrevistas e os perfis, que fazem parte do gênero reportagem, são compostos por textos verbais (escritos ou falados), e não-verbais (imagens e sons), característica que permite sua consideração como texto multimodal, por combinar diferentes códigos semióticos, de acordo com Kress e van Leeuwen (1996) e Almeida (2008). Para estes autores, a comunicação social é geralmente multimodal, combinando textos, gestos, falas, cores, imagens e posturas. A comunicação exige que seus participantes elaborem textos compreensíveis em contextos determinados, de forma que os argumentos e os modos de expressá-los sejam selecionados para que, a partir do texto, o sentido percebido pelo leitor esteja o mais próximo possível do desejado pelo autor. Partindo do princípio de que esta é a situação convencional na comunicação dos textos que circulam no dia-a-dia, é provável que a seleção de elementos e argumentos seja mais perceptível nos textos jornalísticos, os quais como mensagem colocam os seres humanos numa relação comunicativa que exige compreensão, conforme Almeida (2008).

Porisso, os elementos verbais e não-verbais, dispostos nos perfis e entrevistas jornalísticos, que são produzidos a partir de diferentes contextos sociais, geram tantos e tão diferentes discursos, impregnados de relações de poder, e tornam-se permeados de estratégias persuasivas que passam, muitas vezes, despercebidas pelo leitor. Com a intenção de entender os textos não-verbais das entrevistas e perfis jornalísticos, um dos objetivos do trabalho é a análise das fotografias que os compõem, investigando a partir da gramática do design visual as estratégias que os produtores do texto formularam (consciente ou inconscientemente) com a intenção de capturar a atenção e seduzir seu leitor.

A proposta de valorização e interpretação dos textos visuais a partir da análise crítica que Kress e van Leeuwen (1996) propõem é importante para este trabalho por serem as

entrevistas e perfis gêneros jornalísticos multimodais. Os elementos visuais não são meras “ilustrações” mas possuem significados em si mesmos em função de suas cores, planos e enfoques, seleções que não ocorrem por acaso, mas que muitas vezes os leitores não são capazes de interpretar.

Criada com base nas metafunções da linguagem apresentadas na gramática sistêmico-funcional proposta por Halliday (1989 e 1994), a gramática do design visual de Kress e van Leeuwen (1996) tem sua estrutura básica explicitada na quadro a seguir.

Estrutura básica da gramática do design visual	
Metafunção Ideacional: Representação das experiências de mundo por meio da linguagem	Estrutura narrativa (Ação transacional, Ação não-transacional, Reação transacional, Reação não-transacional, Processo mental, Processo verbal); Estrutura conceitual (Processo classificacional, Processo analítico, Processo simbólico);
Metafunção Interpessoal: Estratégias de aproximação/afastamento para com o leitor	Contato (Pedido, Interpelação ou Oferta) Distância Social (social, pessoal, íntimo) Atitude (objetividade ou subjetividade) Modalidade (valor de verdade);
Metafunção textual: Modos de organização do texto	Valor de Informação (Ideal – Real, Dado – Novo) Saliência (elementos mais salientes que definem o caminho da leitura) Moldura (o modo como os elementos estão conectados na imagem).

Quadro 2

Fonte: PETERMANN - UNirevista - 2006, p.3

Tendo em vista o objetivo do trabalho de investigação das estratégias de persuasão, conscientes ou inconscientes, produzidas pelos jornalistas no intuito de capturar a atenção e seduzir o leitor, a análise do material ficará restrita à metafunção interpessoal da linguagem, e aos aspectos que lhe dizem respeito, e à metafunção textual, ou modos de organização do texto no que se refere ao valor de informação.

Cada um dos aspectos selecionados será identificado nas fotografias dos perfis e das entrevistas das(os) candidatas(os), de modo que se possa questionar o porquê e os significados das escolhas feitas com relação às imagens que constituem esses textos.

A **metafunção interpessoal** permite que sejam percebidas e analisadas as tentativas de aproximação ou afastamento do produtor de um texto em relação ao seu leitor. Nesse aspecto o texto é entendido como um diálogo entre o produtor-jornalista e leitor-público, sendo assim identificados os graus de interação entre esses participantes. Três tipos de relações podem ser identificados:

- a primeira delas acontece entre aquelas pessoas, lugares e coisas representados na mensagem, participantes representados (PR);
- a segunda, entre aquele que produz o texto e aquele que o recebe como mensagem, aqui, jornalista e público, participantes interativos (PI); e
- a terceira relação que pode ser identificada ocorre entre os personagens representados na imagem e aqueles que recebem a mensagem, ou seja, entre os PRs e os PIs. Por seu valor ideológico em um momento eleitoral, é essa a relação a ser privilegiada no presente trabalho.

Como podemos observar no Quadro 2, quatro aspectos principais estão relacionados à interação entre os participantes representados e o leitor:

1. Contato: determinado pelo vetor entre as linhas de olho que se formam ou não entre PR (no caso, os/as candidatos/as) e o PI (leitor/a);
2. Distância social: estabelecida entre PR e PI, sendo que o que determina a distância social entre PR e PI é o tipo de corte utilizado na fotografia; se o plano for aberto ou geral, exibindo o corpo inteiro do PR, pode-se dizer que a distância que se estabelece entre os participantes é máxima, conferindo um caráter de impessoalidade; já o plano fechado traz o personagem representado para uma relação de maior intimidade com o público.

3. Atitude: a perspectiva apresentada ao leitor, que pode ser de subjetividade quando o leitor se submete a um único ponto de vista – o do produtor da imagem; ou de objetividade em relação à imagem, quando o produtor faz com que o leitor tenha a sensação de poder observar a imagem por diversos pontos de vista. Nas fotografias, as imagens subjetivas podem estar configuradas de duas maneiras: uma que representa envolvimento por parte do PR, sendo definida pelo ângulo frontal de seu corpo; e outra que representa desprendimento por parte deste personagem, sendo definida pela posição do corpo em perspectiva. Há também nas imagens subjetivas a produção de relações de poder entre PRs e PIs: em linhas bastante gerais, quando o PR está representado olhando para cima, é o PI quem se encontra em posição de poder; quando o PR olha no olho do PI, existe certa igualdade de poder entre eles; e ainda, quando o PR olha para baixo, acaba por colocar o PI em situação de inferioridade.

4. Modalidade: codificação do nível de realidade que a imagem representa, indo sempre do mais próximo do real até o menos próximo do real, e abrangendo aspectos como cor, cenário, detalhamento, profundidade, iluminação e brilho. Quando material jornalístico é produzido, seja entrevista, perfil ou outro, são escolhidos os temas, os termos adequados e a ordem em que devem aparecer, de forma que a produção de sentidos seja direcionada para leitores específicos. O mesmo processo ocorre na escolha de ilustrações - imagem ou foto jornalística, embora em geral o porquê dessas escolhas não seja consciente. De qualquer forma, analisar o tipo de texto visual cujo intuito seja o de apresentar um personagem a um público específico pode revelar importantes posicionamentos ideológicos.

Considerando-se a importância da entrevista e do perfil como gêneros da reportagem interpretativa, que permitem ao repórter apresentar textos mais elaborados do ponto de vista estético e criativo (produzidos a partir de um determinado contexto, de um conhecimento prévio de mundo em diferentes discursos impregnados de relações de poder) nas matérias chamadas humanas, e considerando, ainda, a importância do discurso midiático na construção

de subjetividades e de relações de poder, propomos a presente análise que investiga as representações de gênero na apresentação de candidaturas às eleições municipais de 2008 em Porto Alegre/RS.

3 ANÁLISE

O corpus discursivo, objeto de análise, consiste dos perfis dos(as) oito candidatos(as) e das entrevistas feitas com eles/elas, publicadas no Clic RBS, durante a campanha para a Prefeitura de Porto Alegre no primeiro turno das eleições de 2008. Foram selecionados tópicos dos perfis e das entrevistas, fotos e legendas, relativos às quatro candidatas e aos quatro candidatos à eleição municipal.

Na análise do trabalho utilizo um procedimento metodológico híbrido, em que foram integradas, na perspectiva discursiva crítica, duas abordagens que se complementam: o referencial da ACD com base em Fairclough e a Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen. Adotei a Análise Crítica de Discurso, pois como foi visto no Referencial Teórico, ela se ocupa do uso da linguagem como prática social, ou modo de agir sobre o mundo, de interagir com as pessoas na sociedade, fazendo com que o mundo e as relações sociais adquiram significados. Em termos metodológicos, como sinaliza Fairclough (2001, p. 275), “não há procedimento fixo para se fazer análise de discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso”.

Assim, com o intuito de encontrar o melhor caminho para a análise proposta, utilizei também a Gramática do Design Visual de Kress e Van Leeuwen porque, ao proporcionar ferramentas para a análise crítica de imagens, ela vai ao encontro da ACD, permitindo a percepção de posicionamentos ideológicos nos discursos que são o foco da presente análise.

A forma como os candidatos se apresentam e são representados reflete padrões socialmente estabelecidos e reconhecidos, comuns ao discurso e às representações políticas, passando de forma despercebida pelos receptores que não as questionam porque acreditam que elas se apoiam no senso comum. Essa representação é aceita, naturalizada, ou seja, é tomada como algo que ‘já existe e sempre existiu’. Thompson (1995) denomina este processo

de reificação, que consiste numa estratégia voltada para a permanência de normas, valores e posturas consideradas pertencentes a uma tradição ‘eterna’, que se apresentam como elementos contemporâneos sem exigir reflexão sobre suas origens históricas. Assim, as reportagens como ‘representações do discurso’ (Fairclough 2001) são partes importantes das notícias, constituindo uma forma de intertextualidade em que outros textos são incorporados.

As reportagens e os perfis elaborados e divulgados pela mídia refletem representações e padrões estabelecidos socialmente. É característica dos gêneros jornalísticos evocar os variados ‘senso comuns’ do cotidiano de forma a universalizar as ‘diferenças dos sujeitos’. Para representar homens e mulheres, por exemplo, utilizam categorias, classificações, hierarquias e ordenam a realidade e as relações entre as pessoas, de forma a torná-los compreensíveis e fazendo com que seus discursos sejam consumidos e reproduzidos.

Assim, o discurso da mídia contém e produz representações que veiculam noções já existentes na sociedade e que reproduzem crenças, valores e identidades sociais. É possível, portanto, por meio de uma análise do uso que faz da linguagem, desvendar as posições ideológicas que informam as escolhas linguísticas e que revelam relações de poder e desigualdades sociais. É o que a análise que segue procura investigar em termos das relações de gênero na política eleitoral. Analiso em primeiro lugar as imagens que fazem parte das entrevistas e perfis selecionados, a partir da Gramática do Design Visual. Focalizo a metafunção interpessoal que, como vimos, permite que seja percebido o grau de aproximação ou afastamento estabelecido entre o ator social representado e seu leitor.

3.1 Análise das imagens

Observando o conjunto das imagens reproduzidas abaixo, retiradas dos perfis e das entrevistas com os oito candidatos, verifica-se que elas apresentam algumas diferenças entre si quanto à interação que estabelecem com o público em termos de contato (olhar direto ou

indireto), distância social (plano aberto ou fechado), atitude (ângulo frontal ou oblíquo) e modalidade (grau de realidade propiciado pelo uso de cor, luz e fundo).

FOTOS DOS PERFIS DAS(OS) CANDIDATAS(OS)			
FOTO 1	FOTO 3	FOTO 5	FOTO 7
			
			
FOTO 9	FOTO 11	FOTO 13	FOTO 15

Quadro 3

FOTOS DAS ENTREVISTAS DAS(OS) CANDIDATAS(OS)			
FOTO 2	FOTO 4	FOTO 6	FOTO 8
			
			
FOTO 10	FOTO 12	FOTO 14	FOTO 16

Quadro 4

Contato

O contato direto, quando o vetor conecta PR e PI pela representação de um personagem que olha nos olhos do leitor, como se fizesse um pedido ou uma interpelação, é utilizado apenas em três casos: foto 1, de Maria do Rosário; foto 2, de Luciana Genro, e foto 13, de Ônix

Lorenzoni. Todas as outras fotos apresentam os/as candidatos/as em situação de “oferta”, pois os vetores que partem de seus olhos não acabam nos olhos do leitor/público. Trata-se, talvez, de uma estratégia discursiva que busca se diferenciar daquela da campanha eleitoral propriamente dita, já que “oferece” candidatos em vez de “seduzir” ou procurar convencer eleitores.

Distância Social

A primeira constatação importante é a diferença na distância social estabelecida pelas fotos dos perfis e das entrevistas. Nos perfis, todos os planos são fechados, em menor ou maior grau, trazendo os PRs para perto do potencial eleitor. Já nas fotografias que acompanham as entrevistas, embora nenhum(a) dos(as) candidatos(as) esteja em plano aberto ou geral, de forma que seu corpo inteiro seja exibido, o plano é bem mais aberto do que nos perfis, podendo ser caracterizado como médio ou intermediário.

Nos perfis, as fotos dos(as) candidatos(as), ao reproduzirem o rosto em detalhe, por meio do corte em close, dão a idéia de uma relação próxima, íntima, com o objetivo de estabelecer uma distância social mínima entre PR e PI, com o PR apresentando-se ao PI como se fosse alguém conhecido, alguém em quem se pode confiar. Esse corte é usado em perfis jornalísticos para que sejam evidenciadas as possíveis características de uma pessoa. Há, entretanto, uma visível diferença entre as fotos das mulheres e as dos homens, pois eles estão bem mais próximos da câmara, inclusive com dois dos rostos (fotos 11 e 13) cortados nas partes superior e inferior, oferecendo maior proximidade com o leitor.

Nas entrevistas, as fotos são apresentadas em plano médio, caracterizado em corte pela cintura do PR, em que a distância social estabelecida é intermediária. Identifica-se nas fotos das entrevistas que os/as candidatos/as se apresentam não como desconhecidos(as) (estariam em plano aberto) e nem como amigos íntimos (estariam em close). Não há, nesse aspecto, nenhuma diferença significativa entre as fotografias de mulheres e de homens.

Atitude

Com relação ao terceiro aspecto destacado na metafunção interpessoal da gramática visual de Kress e van Leeuwen (1996), nas fotos dos perfis predomina o ângulo frontal para as mulheres, denotando envolvimento (fotos 1, 3 e 5), e o ângulo oblíquo para os homens, denotando um maior desprendimento para com o leitor/observador (fotos 9, 11 e 15). Quanto à produção de significados expressivos de relações de poder, apenas a foto 7 (de uma das candidatas) atribui, por meio de câmera baixa, maior poder para o PI; nas fotos de duas candidatas (fotos 1 e 3) e de um candidato (foto 13), os PRs estão no mesmo nível dos PIs, indicando que existe certa igualdade de poder entre eles e na foto de uma candidata (5) e de três dos candidatos (9, 11 e 15), os PRs são enfocados por meio de câmera alta, acabando por colocar o PI em situação de inferioridade.

Nas fotos das entrevistas, as quatro candidatas (2, 4, 6 e 8) e três dos candidatos (12, 14 e 16) são apresentados em câmera média, a partir de diferentes ângulos, indicando que existe certa igualdade de poder entre eles e o público leitor; somente um candidato (foto 10) é captado de cima para baixo (câmera alta), acabando por colocar o PI em situação de inferioridade.

Considerando que em um processo eleitoral é interessante atrair a simpatia dos eleitores, para a maioria das(os) candidatas(os) a identificação entre os personagens que representam e o público-leitor é fundamental, daí a postura de certa igualdade de poder entre eles conferida pela mídia. O único candidato que não parece estar representado em igualdade com o público, mas mostra uma posição de certa superioridade é o atual detentor do posto, candidato a re-eleição (foto 10). Sua postura mostra que ele já faz parte desse mundo político e de interesses públicos, passando a impressão de construção, trabalho e conhecimento, o que o coloca em vantagem sobre os demais.

Outro dado relevante nas fotos das entrevistas é a diferença nas expressões gestuais. Apenas uma das mulheres (foto 8) tem o braço erguido, indicando movimento. As outras têm uma postura contida, inerte. Já os homens fazem gestos largos com os braços (imagens 12, 14 e 16), ou são representados realizando uma ação (imagem 10), em contraste com a relativa passividade das fotos femininas.

Modalidade

O quarto e último aspecto da metafunção interpessoal e que codifica o nível de realidade apresentado pela imagem depende de aspectos como saturação de cor, diferenciação de cor, modulação de cor, contextualização, representação, profundidade, iluminação e brilho. Nas fotos dos perfis, apenas uma (5) apresenta saturação de cor, realçada pela luminosidade intensa que destaca a candidata no conjunto geral, compensando o fato de que ela é a que apresenta menor aproximação com o leitor em termos de distância social. Todas as outras fotos estão em tons neutros e com pouca luminosidade, inclusive a foto 7, a única que possui um fundo identificável como externo. Apenas a 5 e a 7 estão claramente contextualizadas, embora a 1 e a 11 apresentem algum elemento contextual. O que se busca, portanto, não é tanto enfatizar o PR como pessoa real, e sim colocá-lo bem próximo ao público como candidato.

Diferentemente, nas fotos das entrevistas é possível perceber uma preocupação mais realista, visto que todos/as são apresentados/as em ambientes abertos, em que se destacam cores, iluminação, cenário e profundidade.

Se examinarmos os cenários em que são apresentados, vemos que a preocupação do(s) jornalista(s) foi a de aproximar os candidatos da cidade, já que 7 das 8 fotos mostram aspectos de Porto Alegre. As fotos 2 e 14 apresentam a cidade ao fundo, com os candidatos igualmente à esquerda, em ângulo oblíquo. As fotos 4, 6, 8, 12 e 16 têm como pano de fundo diferentes monumentos, facilmente identificáveis para quem conhece a cidade. A única foto que não tem

uma tomada externa é a do atual prefeito e candidato a re-eleição, que como já foi observado, aparece em seu local de trabalho, inclusive com a tela de seu computador em primeiro plano.

Penso que nas reportagens jornalísticas, sejam do gênero entrevista ou perfil, não existe um único modo de representação visual, embora existam formas mais apropriadas para o que se quer dizer sobre determinada pessoa em situações específicas. Mesmo considerando que as fotos que ilustram os perfis dos candidatos foram escolhidas pela *Zero Hora* a partir de seu Banco de Dados, enquanto as fotografias das entrevistas expressam a escolha dos(as) candidatos(as) quanto ao local em que queriam ser fotografados, é importante perceber que as imagens não são produzidas de forma aleatória com elementos escolhidos ao acaso. Como vimos, consideradas como um todo, as fotos que acompanham os perfis (sucintos, diretos, informativos) contrastam com o conjunto de fotos que ilustram as entrevistas (mais abertas, mais amplas). Da mesma forma, em linhas gerais, os candidatos parecem ter sido representados de forma mais ativa e mais próxima do que as candidatas.

A seguir analisaremos o texto verbal (legendas) que acompanham as fotos, buscando verificar se eles reforçam ou contradizem a interpretação visual realizada.

3.2 Análise das Legendas das fotos

LEGENDAS DAS FOTOS DOS PERFIS DOS (AS) CANDIDATOS (AS)			
Maria do Rosário é deputada federal desde 2002 (Fernando Gomes/ZH/Banco de Dados)	Luciana Genro foi uma das fundadoras do PSOL, em 2003 (Divulgação ZH)	Em 2004, foi a vereadora mais jovem da história da Capital (Marcos Nagelstein/ZH/Banco de Dados)	Esta é a quinta vez que Vera Guasso concorre a cargo eletivo (Adriana Franciosi/ ZH/Banco de Dados)
Fogaça deixou o PPS em 2007 e retornou ao PMDB (Paulo Franken/ZH/Banco de Dados)	Em 2006, Marchezan Jr. foi eleito deputado estadual (Reprodução/ ZH/ Banco de Dados)	Em 2004, Onyx concorreu para a prefeitura de Porto Alegre com Paulo Brum (Divulgação ZH)	Carlos Gomes é o candidato do PHS à prefeitura de Porto Alegre (Adriana Franciosi/ZH)

Quadro 5

As legendas que acompanham as fotos dos perfis nomeiam as(os) candidatas(os) de formas diferentes, o que mostra valores e pesos diferenciados por parte dos jornalistas na

elaboração do material oferecido aos leitores. O nome de todos os quatro candidatos (Fogaça, Marchezan Jr., Onyx, Carlos Gomes) aparece como o sujeito exposto das frases de apresentação, enquanto que apenas duas das candidatas (Maria do Rosário e Luciana Genro) são assim nomeadas. Manuela D’Avila, cujo nome não está exposto, é apresentada como “a vereadora mais jovem” a ser eleita, e Vera Guasso é praticamente desqualificada já que sua quinta candidatura a cargo público recebe maior ênfase ao ser colocada em posição inicial de frase.

Nota-se aqui que as legendas, enquanto gêneros discursivos que acompanham as fotografias, tornam-se um poderoso argumento para fixar a imagem dos candidatos entre o público-leitor(a), pois existe nelas, além do que é expressamente dito, a presença de determinados fragmentos de outros textos. Por exemplo, ao informar que “Fogaça deixou o PPS em 2007 e retornou ao PMDB”, o que está dito reporta aos feitos anteriores e a vida pregressa do candidato, lembrando ao público que ele tem toda uma história anterior que é de domínio público. Existe uma predominância na exposição deste candidato sobre os outros do mesmo sexo, mas que se torna muito maior se comparada ao discurso feito com relação às candidatas, em que apenas duas tem suas representações discursivas como sujeitos diretos de ação política. Em termos deste gênero jornalístico, essa forma de representação é a consolidação do poder hegemônico do discurso político, sexista – que ainda coloca a mulher em segundo plano, tanto pelas oportunidades de participação nas disputas eleitorais como na sua exposição ao público.

Nota-se, ainda, a ausência de informações positivas sobre a vida política de Carlos Gomes. Não há referência a nenhuma ação por ele exercida (ele apenas “é” o candidato), enquanto entre seus concorrentes um “deixou” e “retornou”, outro “foi eleito”, e ainda outro “concorreu”. A mesma utilização de verbos de estado (ser) em oposição a verbos de ação

(fazer) caracteriza a apresentação das candidatas mulheres: Maria do Rosário “é”, Luciana Genro “foi”, Manuela “foi”, e “Esta é a quinta vez que Vera Guasso concorre”.

Embora aparentemente as legendas estejam linguisticamente equilibradas em termos do número de palavras ou de linhas, o tipo de construção gramatical e as escolhas lexicais, se examinadas mais cuidadosamente, revelam força maior em alguns dos enunciados.

LEGENDAS DAS FOTOS DAS ENTREVISTAS DOS (AS) CANDIDATOS (AS)			
O mirante do Morro Santa Tereza foi o local escolhido por Maria Rosário para ser fotografada por Zero Hora no dia 8	A prefeitura de Porto Alegre foi o local escolhido por Luciana para ser fotografada por Zero Hora na tarde do dia 1º	O viaduto Borges de Medeiros foi o escolhido da candidata para fotografar para a reportagem de ZH	Vera escolheu o Monumento ao Expedicionário para ser fotografada no dia 3 de setembro
José Fogaça (PMDB), 61 anos, o atual prefeito e candidato à reeleição fala dos desafios para um eventual segundo mandato.	Onyx Lorenzoni foi fotografado na tarde do dia 9 de setembro no centro da Capital	Em 14 de setembro, ZH fotografou o candidato no mirante do Morro Santa Tereza, local escolhido por ele.	Carlos Gomes escolheu o Cais do Porto para ser fotografado por considerá-lo um dos locais que poderiam gerar empregos.

Quadro 6

As legendas das fotografias que acompanham as entrevistas privilegiam as escolhas dos(as) candidatos(as) com relação ao lugar em que seriam fotografados. Seja na voz ativa (Carlos Gomes escolheu) ou na voz passiva (foi o local escolhido por), o fato é ressaltado em seis das oito legendas. Apenas Onyx Lorenzoni foi fotografado em local que não pressupõe escolha. E, no caso de José Fogaça, não há nenhuma referência ao fato, mesmo porque ele foi fotografado em seu local de trabalho.

Ainda com relação a Fogaça, é interessante destacar que a sua é a única legenda que apresenta detalhes como dados pessoais (idade, atividade) e que se refere a uma ação por parte do PR (personagem representado): “fala dos desafios para um eventual segundo mandato”, inclusive enfatizando sua re-eleição e, dessa forma, distinguindo-o sobremodo dos demais.

Embora não haja nenhuma diferença marcante entre as legendas dos candidatos e das candidatas, percebe-se claramente uma diferenciação entre o atual prefeito e os demais, diferença essa já bastante óbvia, como vimos, na análise da representação visual.

As questões teóricas propostas por Fairclough, Van Dijk, e Kress e Van Leeuwen convergem para o fato de que existe relação direta entre texto e imagem no gênero jornalístico e na sua produção no contexto sociocultural, visto que, numa relação recíproca, influenciam a produção e reprodução dos discursos como vimos no material analisado acima. Esses discursos, que são moldados na e pela sociedade, caracterizam-se tanto como prática política quanto ideológica - ambas produto de uma interação social complexa, engajadas na luta pelo poder. Imagens e texto se mesclam no discurso e reforçam desigualdades sociais que estão ligadas à classe dominante e às diferenças hierárquicas de poder e sexo, originando representações que são constantemente veiculadas pela mídia e que colaboram de forma significativa na produção de identidades sociais. Essas identidades desiguais representadas na mídia geram assimetria nas relações de gênero, interferindo de forma direta na participação feminina também nos espaços dedicados à prática política.

Conforme foi visto no referencial teórico, a entrevista e o perfil jornalísticos são gêneros que permitem compreender uma personalidade, consistindo no melhor filão das matérias chamadas humanas, que permitem ‘ultrapassar linguagens’, ‘ler o comportamento dos personagens’, e ‘transpassar a informação atrelada com interessantes peculiaridades ao leitor’, entendendo-se a partir daí a presença de ideologias que permeiam as práticas de representação social e política.

3.3 Análise dos perfis

Tratando-se de texto jornalístico com a intenção de apresentar alguém, no perfil, o nome de todas(os) as/os oito candidatas(os) aparece como o sujeito exposto das frases de

apresentação. Os perfis das(os) candidatas(os) têm a função de apresentar biograficamente os/as entrevistado(as), e conforme o referencial teórico, estão acrescidos de informações pessoais que de certa forma passam ao leitor o comportamento e a qualificação de cada um(a). Para isto começam apresentando sua origem, especificando onde nasceram, sua idade e abordando as ligações com a família. Três das candidatas (Maria do Rosário, Luciana Genro e Manuela D'Ávila) e dois dos candidatos (Nelson Marchezan e Ônyx Lorenzoni) estão vinculados aos pais que são nomeados, aparentemente, por sua ordem de importância social: filha do funcionário público e da dona de casa, primogênita da médica e do advogado, filha da juíza e do professor universitário, filho do ex-deputado federal e da professora, e filho de Dalva Dornelles Lorenzoni e Rheno Julio Lorenzoni, sendo que estes últimos não têm descrita sua atividade profissional. Carlos Gomes é advogado, Vera Guasso é técnica em informática e começou sua luta política na adolescência, durante a repressão da ditadura militar. José Fogaça foi deputado estadual, deputado federal e senador pelo Rio Grande do Sul, completando 24 anos de vida parlamentar. Todos eles tem relatado seu estado civil, nome e profissão dos cônjuges (se casados), bem como o número de filhos.

Assim como as legendas das fotos, a descrição dos candidatos nos perfis também apresenta as(os) candidatas(os) de formas diferentes, o que mostra o tratamento diferenciado na elaboração do material oferecido aos leitores pelos jornalistas. A disposição lingüística dos textos não está equilibrada em termos do número de palavras ou de linhas, o tipo de construção gramatical e as escolhas lexicais, e, se examinadas mais cuidadosamente, revelam força maior em alguns dos enunciados nos quais estão presentes fragmentos de outros textos que também reportam à vida pregressa das(os) candidatas(os) que lembram os leitores dos feitos políticos de cada um, onde novamente há um privilegiamento dos candidatos em relação às candidatas, e onde mais uma vez, José Fogaça é beneficiado através da utilização de verbos de ação (fazer) em oposição a verbos de estado (ser) que caracteriza a apresentação

dos outros candidatos, especialmente das candidatas mulheres. Maria do Rosário “é, foi, coordenou”, Luciana Genro “é, foi, disputou”, Manuela “é, foi, se elegeu”, e “Vera Guasso “foi, concorreu, é”; Ônyx Lorenzoni “para conservar sua ideologia doutrinária, *mudou-se* para o então PFL”, Carlos Gomes “*exerce* a advocacia, como liberal”, Marchezan “foi, é, coordena”, e José Fogaça, “ingressou no partido, apresentou projeto, participou de três momentos importantes, tenta reeleição”. Notadamente as informações positivas sobre este candidato o diferencia dos demais, especialmente das candidatas mulheres.

3.4 Análise das entrevistas

Nas entrevistas que são alvo do presente estudo, segue-se o critério de ordem alfabética na cronologia da apresentação. Além disso, as entrevistas são estruturadas de forma bastante semelhante, buscando estabelecer uma equidade entre os/as candidatos/as. Nosso propósito será, portanto, o de investigar se ou como, apesar da intenção explícita de não favorecer nenhum dos PRs, diferenças ideológicas estão presentes ou subentendidas nos diálogos estabelecidos entre o jornal e os/as candidatos/as.

Começamos com a apresentação inicial das(os) candidatas(os). Esta parte introdutória, semelhante às legendas das fotografias inicialmente abordadas, contém informações que deveriam corresponder ao *lead* da notícia e que, segundo Vilas Boas (1996), corresponde a uma espécie de guia ou apresentação inicial, cuja função é oferecer uma prévia do assunto a ser abordado, devendo ser mais objetivo, empregando linguagem clara e simples para fornecer a quem lê a informação básica sobre o tema de forma a prender-lhe o interesse.

APRESENTAÇÃO DAS CANDIDATAS NAS ENTREVISTAS

<p>“O novo que eu quero apresentar tem experiência e conteúdo”, diz Maria do Rosário</p> <p>Candidata fala sobre a ausência da tradicional militância do PT .</p>	<p>“Sou uma pessoa com absoluta capacidade de dialogar”, diz Luciana Genro.</p> <p>Candidata quer se inspirar no que de melhor teve no governo de seu pai</p>	<p>“Eu vivo em 2008, ando para frente, não olho para trás”, diz Manuela.</p> <p>A jornalista tenta este ano o seu primeiro cargo no Executivo</p>	<p>"Quem aceita dinheiro de empresário vai perder a independência política", afirma Vera Guasso.</p>
<p>Ex-vereadora de Porto Alegre por dois mandatos, ex-deputada estadual e atualmente exercendo o segundo mandato de deputada federal, a professora Maria do Rosário (PT), 41 anos, é a quinta entrevistada da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre.</p> <p>Nesta entrevista, Rosário fala sobre a ausência da tradicional militância do PT na campanha eleitoral, lamenta o fato de o presidente Lula não estar mostrando a cara nos programas de TV do horário eleitoral obrigatório e faz críticas à gestão de José Fogaça. A publicação da série segue o critério da ordem alfabética.</p>	<p>Deputada federal em segundo mandato, Luciana Genro (PSOL), 37 anos, é a terceira entrevistada da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre. Luciana, que também já foi deputada estadual entre 1995 e 2002, afirma que não infringiu o estatuto do seu partido ao aceitar dinheiro de empresas para a sua campanha, cita o seu pai, Tarso Genro, como um modelo de prefeito e diz que, se for eleita, montará uma equipe de governo formada por profissionais de universidades e da iniciativa privada. A publicação da série, que se encerra no dia 1º, segue o critério da ordem alfabética.</p>	<p>Depois de ser eleita em 2004, aos 23 anos, a vereadora mais jovem da história de Porto Alegre, e de conquistar o mandato de deputada federal em 2006, a jornalista Manuela D’Ávila (PC do B) tenta este ano o seu primeiro cargo no Executivo. Nesta entrevista – a quarta da série com os candidatos à prefeitura da Capital –, a mais nova entre os oito concorrentes responde aos que a chamam de inexperiente, alfineta seus adversários e diz que seu primeiro ato se for eleita será criar um comitê que irá preparar a cidade para a Copa de 2014. A publicação da série segue o critério da ordem alfabética.</p>	<p>Candidata é a última entrevistada da série com os concorrentes à prefeitura de Porto Alegre</p> <p>Última entrevistada da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre, a funcionária pública federal Vera Guasso (PSTU), 45 anos, disputa pela segunda vez consecutiva o cargo de prefeita. A publicação da série seguiu o critério da ordem alfabética.</p>

Quadro 7

APRESENTAÇÃO DOS CANDIDATOS NAS ENTREVISTAS			
<p>“Me considero um administrador eficiente e democrático”, diz Fogaça</p> <p>O atual prefeito e candidato à reeleição, José Fogaça (PMDB), 61 anos, fala do seu principal desafio para um eventual segundo mandato.</p> <p>No segundo dia da série de entrevistas com os oito concorrentes à prefeitura de Porto Alegre, o atual prefeito e candidato à reeleição, José Fogaça (PMDB), 61 anos, fala do seu principal desafio para um eventual segundo mandato.</p> <p>O ex-senador e ex-deputado federal e estadual também se compromete em cumprir os quatro anos de mandato caso venha a ser reeleito. Fogaça responde ainda às críticas de seus adversários, que o chamam de administrador lento. A publicação da série, que se encerra no dia 1º, segue o critério da ordem alfabética.</p>	<p>"Só assume comigo na prefeitura quem abrir seu sigilo", diz Onyx.</p> <p>Deputado é o sétimo entrevistado da série com os oito candidatos à prefeitura</p> <p>O sétimo entrevistado da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre é o deputado federal em segundo mandato Onyx Lorenzoni (DEM). Esta é a terceira vez que Onyx, 53 anos, disputa a eleição para prefeito da Capital. A primeira foi em 1992, quando ficou em sétimo lugar, e a segunda, em 2004, ficando na terceira colocação. Nesta entrevista, Onyx fala sobre como pretende, se eleito, viabilizar a tarifa única do transporte coletivo urbano sem que haja aumento no valor das passagens. A publicação da série segue o critério da ordem alfabética.</p>	<p>Nelson Marchezan Jr.: "Me apaixonei pela idéia de ser prefeito de Porto Alegre"</p> <p>Deputado é o sexto entrevistado da série com os oito candidatos à prefeitura</p> <p>Deputado estadual em primeiro mandato, Nelson Marchezan Jr. (PSDB), 36 anos, é o sexto entrevistado da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre. Ex-diretor de Agronegócios do Banrisul e atual presidente do diretório municipal do PSDB, Marchezan fala nesta entrevista sobre a influência do pai na sua trajetória política, analisa a participação da governadora Yeda Crusius na campanha eleitoral e mostra de que forma pretende acabar em quatro anos com as filas nos postos de saúde. A publicação da série segue o critério da ordem alfabética.</p>	<p>Leia a entrevista com o candidato do PHS à prefeitura de Porto Alegre</p> <p>A partir de hoje, Zero Hora publica uma série de entrevistas com os oito candidatos a prefeito de Porto Alegre. A publicação será por ordem alfabética. O primeiro da série é o advogado Carlos Gomes (PHS), 66 anos, que já havia concorrido à prefeitura em 1992.</p>

Quadro 8

Como se pode verificar no quadro comparativo acima as(os) candidatas(os) são apresentadas(os) nas entrevistas por recortes feitos de suas falas.

“O novo que eu quero apresentar tem experiência e conteúdo”, diz Maria do Rosário, que *fala* sobre a ausência de militância do PT. “Sou uma pessoa com absoluta capacidade de dialogar”, diz Luciana Genro que *quer se inspirar* no melhor do governo de seu pai. “Eu vivo em 2008, ando para frente, não olho para trás”, diz Manuela, jornalista que *tenta* este ano seu primeiro cargo no Executivo. “Quem aceita dinheiro de empresário vai perder a independência política”, afirma Vera Guasso que *é* a última entrevistada da série.

“Me considero um administrador eficiente e democrático”, diz Fogaça. Atual *prefeito* e candidato à *reeleição*, *José Fogaça (PMDB), 61 anos, fala* do principal desafio para eventual segundo mandato. “Só assume comigo na prefeitura quem abrir seu sigilo”, diz Ônyx, deputado e sétimo entrevistado. “Me apaixonei pela idéia de ser prefeito de Porto Alegre”. É a fala de Marchezan Jr., deputado, sexto entrevistado da série. A referência a Carlos Gomes é “Leia a entrevista com o candidato do PHS à prefeitura de Porto Alegre”, sendo ele, portanto, o único que não se apresenta pessoalmente.

Maria do Rosário, Luciana Genro e Manuela D’Avila são apresentadas por si mesmas e referenciadas na primeira pessoa “eu”, “sou”, “vivo”, enquanto Vera Guasso é apresentada de forma impessoal (‘Quem aceita...’), o que a desqualifica frente às demais candidatas; José Fogaça e Nelson Marchezan também são apresentados diretamente na primeira pessoa: “Me considero...”, “Me apaixonei...”, Ônyx Lorenzoni é apresentado de forma indireta em sua fala “Só assume comigo...”, e Carlos Gomes é apresentado de forma absolutamente impessoal, seu nome sequer é mencionado. A diferença entre os discursos realizados mesmo em primeira pessoa está no direcionamento dado ao conteúdo da fala em que José Fogaça é o único dos candidatos que se refere a uma ação política concreta e relevante para o contexto eleitoral quando diz: “Me considero um administrador eficiente e democrático”.

Nas entrevistas, aparecem informações em que as diferenças entre candidatas(os) se fazem notar mais claramente: Vera Guasso é apresentada como funcionária pública federal

que disputa pela segunda vez consecutiva o cargo de prefeita; Manuela D'Avila é apresentada em primeiro lugar como *'a mais jovem'* e depois como deputada e jornalista; Luciana Genro é apresentada como deputada federal em segundo mandato e vinculada à figura paterna, que qualifica como *'modelo de prefeito'*, enquanto Maria do Rosário é apresentada como *'ex-vereadora, ex-deputada estadual e deputada federal em segundo mandato'* e, ainda, como *'professora'*, falando sobre a ausência da tradicional militância do PT na campanha eleitoral e lamentando a falta de Lula no horário eleitoral obrigatório. Com relação aos homens, Carlos Gomes é *'advogado'*; Ônyx Lorenzoni (DEM) é deputado federal em segundo mandato, já tendo se colocado em terceiro lugar em disputas eleitorais para prefeito da capital; Nelson Marchezan Jr é apresentado como *'Ex-diretor de Agronegócios do Banrisul e atual presidente do diretório municipal do PSDB'* e aborda a *'influência do pai na sua trajetória política'*, referenciando-se em histórico político anterior, bem conhecido do público; José Fogaça do PMDB é apresentado como *'ex-senador e ex-deputado federal e estadual'* que se *'compromete em cumprir os quatro anos de mandato caso venha a ser reeleito'*, fato que lhe dá a autoridade da ação e vinculação às suas realizações políticas de domínio público. Os homens em sua maioria são citados pelas suas atividades com formação profissionalizante, enquanto as mulheres são *'funcionária pública'*, a *'mais jovem'* e *'jornalista'*, a mulher que é política mas vinculada à figura paterna de grande projeção política, e ex-vereadora, ex-deputada estadual e deputada federal em segundo mandato, professora.

Após a apresentação dos candidatos, na sequência das entrevistas, são feitas as perguntas consideradas relevantes pelos jornalistas. Embora a estrutura das entrevistas seja bastante parecida, ela não é sempre igual, existindo diferenças no número das questões propostas, na sua ordem, e também no tratamento a eles/elas dispensado.

Apresentada pela editora de política Dione Kuhn, a série de oito entrevistas com os candidatos tem a participação dos jornalistas Paulo Sant'Anna e Fernanda Zaffari. A editora

de política destaca que as fotos que ilustram as entrevistas foram tiradas nos locais de Porto Alegre que as/os candidatas(os) mais gostam e que a série segue a ordem alfabética com o objetivo de uma *possível imparcialidade*. De acordo com ela, o roteiro proposto pelos jornalistas aborda questões pessoais, propõe perguntas íntimas, questões polêmicas e contraditórias e a problemas reais do cotidiano do portoalegrense.

As entrevistas, incluídas em sua totalidade, inclusive com as respostas, no Anexo B, estão estruturadas por meio de seções específicas, conforme se verifica no quadro abaixo:

<p>Afinal..... Das coisas da cidade Explique a contradição Vida Real Pergunta do Paulo Sant'Anna Pergunta de Fernanda Zaffari Pergunta íntima A/O candidata(o) e a cidade (<u>Neste espaço os candidatos respondem às mesmas perguntas</u>): Se for eleita, qual será o seu primeiro ato? Qual a menina-dos-olhos do plano de governo? O que derrubaria para fazer diferente? O melhor de Porto Alegre? O pior de Porto Alegre? O melhor prefeito que Porto Alegre já teve? Um modelo de administração municipal? O que dá para prometer em quatro anos? O que não dá para prometer em quatro anos? A sua principal qualidade? O seu principal defeito?</p>

Quadro 9 – Roteiro das entrevistas

Como são extensas, escolhi para análise os seguintes tópicos: *Afinal.....*, *pergunta íntima*, *pergunta do Paulo Sant'Anna* e *pergunta de Fernanda Zaffari*, em função de expressarem a posição dos jornalistas sobre a condução do processo midiático e retratarem de certa forma como a mídia apresenta/representa as(os) candidatas(os). Deixo claro aqui que este é um pequeno recorte do material existente, que pode ainda ser oferecido para muitas outras análises.

Na análise que segue busco discutir a organização e estruturação das entrevistas por parte do jornal, levando em consideração quais os tópicos colocados em primeiro plano (as

citações, as relações com os partidos ou com familiares), o privilegiamento de certas esferas de atividades, o tom das perguntas, a forma como as pessoas são referenciadas e nomeadas, sempre com o objetivo de verificar se existe assimetria de gênero, isto é, como a mídia trata as mulheres em relação aos homens candidatos ao mesmo cargo.

Para facilitar a visualização do leitor, incluo abaixo um quadro com um “recorte” das perguntas feitas, contendo apenas aquelas selecionadas para análise.

AS CANDIDATAS			
<p>Maria do Rosário:</p> <p>Afinal... Onde foi parar a militância do PT? Mas por que não existe mais o mar de bandeiras característico de eleições passadas? O presidente Lula decidiu não participar da campanha em Porto Alegre sob a alegação de que há três candidatos da base do governo concorrendo: a senhora, a candidata Manuela D'Ávila (PC do B) e o candidato José Fogaça (PMDB). A senhora lamenta a ausência do presidente na sua campanha?</p>	<p>Terceiro Entrevistado: Luciana Genro</p> <p>Afinal... O seu pai, o ministro Tarso Genro, é o seu principal cabo eleitoral? A senhora costuma dizer que no escurinho da urna Tarso votará na filha, e não na candidata do PT, Maria do Rosário. Ele votaria na senhora por ser pai ou por concordar com as suas idéias? Como explicar a doação de campanha de R\$ 100 mil que a sua candidatura recebeu do Grupo Gerdau? Isso não vai contra o estatuto do partido?</p>	<p>Quarto Entrevistado: Manuela D'Ávila</p> <p>Afinal... A senhora se sente preparada para comandar a prefeitura com apenas 27 anos? O que o PC do B ainda tem de comunista? Mas não é o que todos os partidos defendem?</p>	<p>Oitavo Entrevistado: Vera Guasso</p> <p>Afinal... A senhora é conhecida dos gaúchos pela imagem de durona. Na vida privada também é assim? A senhora aceita dinheiro de empresário?</p>
<p>Pergunta do Paulo Sant'Anna Se o PT não for para o segundo turno da eleição em Porto Alegre, esta será a maior derrota do partido. A possibilidade de a senhora vir a ser a responsável por essa eventual derrota não lhe preocupa?</p>	<p>Pergunta do Paulo Sant'Anna Se a senhora tivesse estrutura partidária seriam grandes as suas chances de ir para o segundo turno. Pelas pesquisas e pelo seu partido fica visível que essa eleição é uma plataforma de ensaio. A senhora concorda?</p>	<p>Pergunta do Paulo Sant'Anna Tu acreditas que a tua beleza vai ajudar a te fazer prefeita de Porto Alegre, apesar da tua pouca idade?</p>	
<p>Pergunta íntima A senhora se incomoda em ver um dos principais líderes do seu partido, o ministro Tarso Genro, na campanha da sua adversária Luciana Genro?</p>	<p>Pergunta íntima Sua mudança de visual ainda gera comentários dos eleitores nesta campanha. A senhora está contente com os resultados? Foi só uma mudança visual ou de idéias também?</p>	<p>Pergunta íntima Se for eleita, como fará para conciliar o governo e o seu namoro com o deputado federal José Eduardo Cardozo (PT-SP)? A distância atrapalha?</p>	<p>Pergunta íntima A sua filha (Natália, 25 anos) faz campanha para a senhora?</p>
<p>Pergunta de Fernanda Zaffari Nota-se que você gosta da militância e de fazer campanha. Mas fale a verdade, qual é o lado chato?</p>	<p>Pergunta de Fernanda Zaffari Você foi mãe jovem (Luciana teve o filho, Fernando, aos 17 anos). Que conselhos daria a garotas que passam pela mesma situação?</p>	<p>Pergunta de Fernanda Zaffari Seu discurso sempre foi voltado para o público jovem. O que você diz para um jovem que não acredita em política?</p>	

Quadro 10

OS CANDIDATOS			
<p>Segundo Entrevistado: José Fogça</p> <p>Afinal... Se reeleito, o senhor vai cumprir os quatro anos de mandato? Ou poderá renunciar em 2010 para concorrer ao Senado? O que o senhor não repetiria num eventual segundo mandato? Por que o senhor não conseguiu implantar os Portais da Cidade?</p>	<p>Sexto Entrevistado: Nelson Marchezan Jr</p> <p>Afinal... Afinal, o eleitor vota no senhor por suas propostas ou por causa de seu pai, Nelson Marchezan? (Nascido em Santa Maria e morto em fevereiro de 2002, Nelson Marchezan foi vereador, deputado estadual e deputado federal. Entre 1981 e 1982, foi presidente da Câmara dos Deputados. Marchezan foi filiado ao PDS e, posteriormente, ao PSDB.)</p>	<p>Sétimo Entrevistado: Onyx Lorenzoni</p> <p>Afinal... Uma de suas propostas de governo é a tarifa única para o transporte coletivo. Há quanto tempo o senhor não anda de ônibus? O senhor diz que não recebe doação de empresário do ramo de transporte coletivo. De quem o senhor aceita dinheiro para campanha?</p>	<p>Carlos Gomes</p> <p>Afinal... Por que o senhor decidiu ser candidato faltando um mês para as eleições e com chances próximas de zero de se eleger? Poderia citar uma boa idéia? Por que o senhor é filiado a um partido que praticamente não existe no Estado?</p>
<p>Pergunta do Paulo Sant’Ana O Jardim Europa é a mais exitosa experiência paisagística e de entretenimento da cidade. Um oásis totalmente cercado. Agora, vão cercar o Instituto de Educação e o Morro Ricaldone. Quando aparecerá uma administração que cercará todos os parques?</p>	<p>Pergunta do Paulo Sant’Ana Neste momento, o apoio da governadora Yeda Crusius acrescenta ou subtrai?</p>	<p>Pergunta do Paulo Sant’Ana Uma das bandeiras de sua campanha é a tarifa única. O senhor diz que não aumentará o valor da passagem nem haverá prejuízos à prefeitura. Alguém vai arcar com esses custos. Quem?</p>	
<p>Pergunta íntima O senhor se considera um administrador lento como dizem seus adversários?</p>	<p>Pergunta íntima Onde o senhor arranja ânimo para fazer campanha depois que boa parte do seu partido rejeitou sua candidatura e com baixos índices nas pesquisas?</p>	<p>Pergunta íntima O senhor disse recentemente à jornalista Fernanda Zaffari que sua família se converteu à Igreja Luterana num momento de dificuldade. Que momento foi esse?</p>	
<p>Pergunta de Fernanda Zaffari O senhor tem quatro filhos (Gustavo, Carmela, Martim e Francesca) e já comentou sobre os momentos agradáveis de ser pai. E os menos agradáveis, quais são?</p>		<p>Pergunta de Fernanda Zaffari O senhor está com um discurso afinado com o seu vice, Mano Changes (PP). Já assistiu a algum show da Comunidade Nin-Jitsu? Conhece as músicas dele? Mas o senhor já foi a algum show de Mano?</p>	

Quadro 11

Na entrevista com Maria do Rosário o tom da primeira pergunta é incisivo: “Onde foi parar a militância do PT?”; na com Luciana Genro, o tom é mais mitigado e a pergunta atrela a identidade da candidata ao pai, político bastante conhecido pelo público: “O seu pai, o ministro Tarso Genro, é o seu principal cabo eleitoral?”; já Manuela D’Avila tem sua capacidade colocada em dúvida, embora de forma suavizada pela utilização do verbo “sentir-se”: “A senhora se sente preparada para comandar a prefeitura com apenas 27 anos? O que o

PC do B ainda tem de comunista?”, e o tratamento dado a Vera Guasso privilegia a esfera pessoal; “A senhora é conhecida dos gaúchos pela imagem de durona. Na vida privada também é assim? A senhora aceita dinheiro de empresário?”.

Nas entrevistas realizadas com os candidatos esta mesma pergunta (*Afinal...*) é feita de outras formas. Para José Fogaça, as questões, propostas de modo pouco incisivo, privilegiam as atividades políticas e partem de uma suposição bastante positiva: “Se reeleito, o senhor vai cumprir os quatro anos de mandato? Ou poderá renunciar em 2010 para concorrer ao Senado? O que o senhor não repetiria num eventual segundo mandato?, e Por que o senhor não conseguiu implantar os Portais da Cidade?”; para Ônyx, a pergunta, também relacionada à esfera da atividade política, é no entanto bastante agressiva: "Uma de suas propostas de governo é a tarifa única para o transporte coletivo. Há quanto tempo o senhor não anda de ônibus?, e, O senhor diz que não recebe doação de empresário do ramo de transporte coletivo. De quem o senhor aceita dinheiro para campanha?"; Marchesan é inquirido com relação a seu pai, mas em tom bem mais agressivo do que o empregado em relação a Luciana Genro: “Afinal, o eleitor vota no senhor por suas propostas ou por causa de seu pai, Nelson Marchezan?”; enquanto Carlos Gomes, assim como acontece com Manuela, tem sua capacidade colocada em dúvida: “Por que o senhor decidiu ser candidato faltando um mês para as eleições e com chances próximas de zero de se eleger? Poderia citar uma boa idéia? Por que o senhor é filiado a um partido que praticamente não existe no Estado?”

Olhando a seção como um todo, pode-se perceber que, quanto ao tom das perguntas, os homens são tratados com maior aspereza, com a óbvia exceção do então prefeito José Fogaça. No que se refere ao primeiro assunto abordado, predomina entre as mulheres o aspecto pessoal, sem qualquer referência a realizações políticas. Nota-se ainda que elas são abordadas de forma “relacional”, ou seja, na sua relação com o partido ou com a família.

Com relação à *pergunta íntima*, também são encontradas diferenças. Para as candidatas a pergunta se relaciona a questões familiares: para Maria do Rosário é perguntado se “A senhora se incomoda em ver um dos principais líderes do seu partido, o ministro Tarso Genro, na campanha da sua adversária Luciana Genro?”; para Vera Guasso a pergunta é: “A sua filha (Natália, 25 anos) faz campanha para a senhora?”; para Manuela d’Avila a pergunta se relaciona ao namorado: “Se for eleita, como fará para conciliar o governo e o seu namoro com o deputado federal José Eduardo Cardozo (PT-SP)? A distância atrapalha?”; e para Luciana Genro refere-se à aparência pessoal: “Sua mudança de visual ainda gera comentários dos eleitores nesta campanha. A senhora está contente com os resultados? Foi só uma mudança visual ou de idéias também?”

Entre os candidatos, a pergunta íntima não foi feita a Carlos Gomes. Para Ônyx também se referiu à família: “O senhor disse recentemente à jornalista Fernanda Zaffari que sua família se converteu à Igreja Luterana num momento de dificuldade. Que momento foi esse?”; para Marchesan foi perguntado: “Onde o senhor arranja ânimo para fazer campanha depois que boa parte do seu partido rejeitou sua candidatura e com baixos índices nas pesquisas?”. Para José Fogaça a pergunta se relaciona às atividades políticas desenvolvidas por ele: “O senhor se considera um administrador lento como dizem seus adversários?”, levando para o campo de interesse do candidato.

De forma geral, as perguntas “íntimas” são bem mais íntimas para as mulheres, girando em torno de pais, filhos, namorados e até da aparência pessoal. Embora a família de Ônyx tenha sido abordada, ela o foi de forma bem mais “distanciada” ou generalizada. Destaca-se, mais uma vez, a pergunta feita para José Fogaça – nada íntima e apoiada no que dizem seus adversários.

Percebe-se que as entrevistas mostram evidências de opiniões e avaliações pré-existentes, por meio dos diálogos estabelecidos a partir das questões propostas, trazendo à

tona a presença de outras vozes quando se referem a outros fatos/textos que acabam inseridos no contexto (por exemplo a existência de um passado em que outro político – o pai, está presente, com outras ações e propostas realizadas pelos candidatos em outros momentos...). Essas vozes são reconhecidas, e incluídas ou excluídas, em função do contexto e do conhecimento compartilhado e implicam uma forma de intertextualidade em que partes de outros textos podem ser incorporados em qualquer situação. Para Fairclough (2003), os textos sempre fazem implicações, já que o que é dito em um texto é sempre dito em concordância ou discordância em relação a outro. Aqui, essas implicações e esses textos referem-se a fatos, ações e coisas ditas por outras pessoas (os políticos, os pais das(os) candidatas(os), os jornalistas, a própria mídia, etc.), ou presentes em repertórios de informações ou idéias partilhadas pelas(os) próprias(as) candidatas(os), ou por grupos, que constituem crenças, valores socioculturais, historicidades, presentes nas relações sociais em que as representações produzem identidades com que a mídia representa as/os candidatas(os), privilegiando alguns em detrimento de outros. Nas entrevistas, por meio de descrição sumária de acontecimentos anteriores relatados, os textos produzem representações das(os) candidatas(os) em que identidades vão sendo construídas, em que as mulheres são descritas em desvantagem com relação aos homens, pela referência a sua idade/experiência, aparência física, pela qualificação e pelos domínios sociais ocupados(professora, mãe, etc), posições de destaque e cargos políticos que já detiveram ou detêm, enquanto os homens são descritos pelas suas realizações passadas e pelas propostas para o futuro, remetendo a ações concretas. Infere-se do exposto, que a designação/representação das candidatas é sexista em função de que os candidatos recebem um maior aporte a partir do “fazer” e não apenas do “ser”.

Com relação às perguntas de Paulo Sant’Ana as(aos) candidatas(os), observam-se questões também de enfoques e pesos diferenciados. Para Maria do Rosário ele pergunta “Se o PT não for para o segundo turno da eleição em Porto Alegre, esta será a maior derrota do

partido. A possibilidade de a senhora vir a ser a responsável por essa eventual derrota não lhe preocupa?”, conferindo à candidata uma responsabilidade muito maior do que ela teria com relação ao partido político uma vez que ela não se colocou sozinha na posição que ocupa. Para Luciana Genro, o jornalista faz a pressuposição de que ela estaria concorrendo apenas para verificar possibilidades e pede a aprovação dela para o que pressupõe: “Se a senhora tivesse estrutura partidária seriam grandes as suas chances de ir para o segundo turno. Pelas pesquisas e pelo seu partido fica visível que essa eleição é uma plataforma de ensaio. A senhora concorda?”. Já para Manuela D’Avila, Sant’Ana desloca a possibilidade de vir a ser eleita para atributos femininos valorizados na sociedade atual e para sua juventude, pressupondo falta de experiência, quando pergunta: “Tu acreditas que a tua beleza vai ajudar a te fazer prefeita de Porto Alegre, apesar da tua pouca idade? Nota-se, ainda, que as duas perguntas anteriores de Paulo Sant’Ana são formuladas explicitamente, pelo uso da conjunção “se”, sobre possibilidades relacionadas à inserção partidária das candidatas. Apenas para Manuela, a pergunta é incisiva, sem qualquer relação com a política propriamente dita.

Com relação aos candidatos, as perguntas de Paulo Sant’Ana têm enfoque claramente de relação com o partido e de ação política, numa representação bem mais adequada ao evento político em foco. Para Marchesan ele pergunta: “Neste momento, o apoio da governadora Yeda Crusius acrescenta ou subtrai?”. Já para Ônyx o jornalista questiona: “Uma das bandeiras de sua campanha é a tarifa única. O senhor diz que não aumentará o valor da passagem nem haverá prejuízos à prefeitura. Alguém vai arcar com esses custos. Quem?”, referindo-se ao discurso político do próprio candidato e à sua plataforma eleitoral. Destaca-se a diferença do questionamento realizado para José Fogaça, em que Sant’Ana reforça de forma positiva uma ação desenvolvida na gestão do candidato à reeleição, diferenciando-o de todas(os) as/os outras(os) quando pergunta: “O Jardim Europa é a mais exitosa experiência paisagística e de entretenimento da cidade. Um oásis totalmente cercado. Agora, vão cercar o

Instituto de Educação e o Morro Ricaldone. Quando aparecerá uma administração que cercará todos os parques?”. Paulo Sant’Ana não entrevistou nem Carlos Gomes e nem Vera Guasso e não há nenhuma referência ao porquê do fato.

A jornalista Fernanda Zaffari evidenciou uma conduta menos diferenciada. Para Maria do Rosário ela perguntou: “Nota-se que você gosta da militância e de fazer campanha . Mas fale a verdade, qual é o lado chato?”, enfocando a relação com a política e buscando descobrir se algum aspecto é negativo para a candidata. Para Luciana Genro a pergunta da jornalista é bem pessoal e sexista, pois enfoca a maternidade, atributo biológico feminino, sem relacioná-lo a qualquer atividade política: “Você foi mãe jovem (Luciana teve o filho, Fernando, aos 17 anos). Que conselhos daria a garotas que passam pela mesma situação?” Quando entrevista Manuela D’Avila, Fernanda Zaffari, a exemplo de Santana, enfoca a juventude da candidata, sem no entanto penalizá-la por isso: “Seu discurso sempre foi voltado para o público jovem. O que você diz para um jovem que não acredita em política?”

Fernanda Zaffari entrevista apenas dois dos candidatos: José Fogaça e Ônyx Lorenzoni, mas não explicita a razão de não entrevistar os demais. As perguntas que dirige a ambos os candidatos são de caráter estritamente pessoal, quebrando o paradigma até então estabelecido nas entrevistas: para José Fogaça ela questiona as relações com familiares: “O senhor tem quatro filhos (Gustavo, Carmela, Martim e Francesca) e já comentou sobre os momentos agradáveis de ser pai. E os menos agradáveis, quais são?”, e para Ônyx ela pergunta sobre a relação pessoal dele com seu vice colocando que: “O senhor está com um discurso afinado com o seu vice, Mano Changes (PP). Já assistiu a algum show da Comunidade Nin-Jitsu? Conhece as músicas dele?”

Parece haver, nas perguntas de Fernanda Zaffari, uma maior simetria entre sua abordagem a candidatas e candidatos. Estaria ela, sendo mulher, mais consciente sobre a

questão das diferenças? É uma hipótese que não pode ser descartada, mas que carece de maiores evidências para ser aqui discutida.

De qualquer forma, fica patente nas discussões acima que, ao organizarem as entrevistas, os jornalistas partem de sentidos e identidades que remetem às relações de poder presentes nas práticas sociais e discursivas da cultura, socializados através de códigos lingüísticos e representações culturais em que está presente a ideologia patriarcal de exclusão ou de menor importância para as mulheres, especialmente no campo da política.

Destaca-se, no referencial teórico, que o jornalismo é uma forma de comunicação e uma prática discursiva nas quais transitam pensamentos, modelos de comportamento e valores que produzem representações, significados (símbolos e expressões simbólicas) e constroem identidades, que são reforçadas pela veiculação constante nas mídias características de nosso tempo. Esses comportamentos, valores e atitudes associados a identidades de gênero (o masculino – participação na esfera pública, na produção; o feminino – participação na esfera privada – reprodução e cuidado do outro) permitem que o público confirme seus valores, estilos de vida, o mundo e seu lugar nele, levando à perpetuação de assimetrias de gênero.

3.5 Candidata e candidato com maior chance de eleição para segundo turno

 <p>Maria do Rosário é deputada federal desde 2002 (Fernando Gomes/ZH/Banco de Dados)</p>	 <p>Fogaça deixou o PPS em 2007 e retornou ao PMDB (Paulo Franken/ZH/Banco de Dados)</p>
 <p>O mirante do Morro Santa Tereza foi o local escolhido por Maria Rosário para ser fotografada por Zero Hora no dia 8</p>	 <p>José Fogaça (PMDB), 61 anos, o atual prefeito e candidato à reeleição fala dos desafios para um eventual segundo mandato.</p>

Quadro 12

Analiso, por fim, o tratamento discursivo referente aos candidatos com maior chance de eleição para o segundo turno: Maria do Rosário e José Fogaça. Continuo buscando a compreensão da linguagem visual e da interação imagem/texto e levando em conta o contexto sócio histórico de sua produção, a intenção do autor e de sua relação com o público-leitor.

Nas fotos do perfil, Maria do Rosário e José Fogaça estão em situação de oferta como personagens que olham nos olhos do leitor e ambos os candidatos são enquadrados em close, usado em perfis jornalísticos como forma de aproximação dos leitores, colocando a ambos como alguém conhecido, “de confiança”, apresentação que também é realizada nas fotos das entrevistas. Nas imagens das entrevistas, porém, o plano médio utilizado em lugar do close anterior representa uma distância intermediária que permite ao leitor a escolha dos participantes do espetáculo midiático. Nelas difere a atitude da candidata e do candidato, pois existe a produção de significação expressiva presente nas relações de poder estabelecidas entre PRs e PIs, em que Maria do Rosário expressa a postura de certa igualdade de poder entre ela e os leitores, enquanto José Fogaça expressa posição de domínio com relação ao público leitor, uma vez que, ao mostrar uma participação efetiva no mundo político, passa a impressão de trabalho e conhecimento, o que o coloca diretamente em vantagem sobre Maria do Rosário. As fotos de Maria do Rosário e José Fogaça estão contextualizadas de forma semelhante, com cenário ao fundo, e com iluminação e brilho, dando a idéia de cuidado na escolha dos espaços que ocupam.

As legendas que acompanham as fotos, entretanto, nomeiam os candidatos de formas diferentes, expressando valores e pesos diferenciados com relação a eles por parte dos jornalistas. Nas legendas dos perfis, Maria do Rosário e José Fogaça, são nomeados pelas mesmas razões – suas realizações políticas; já nas fotos relativas às entrevistas, a legenda da foto de Maria do Rosário apenas esclarece que ela escolheu o lugar em que foi fotografada enquanto a legenda da foto de José Fogaça reporta o leitor, como já vimos, aos feitos

anteriores do candidato, lembrando ao público que ele tem toda uma história de realizações políticas. Reforço o fato de que as legendas são gêneros discursivos que, ao complementarem as imagens, tornam-se argumentos poderosos na linguagem multimodal.

Nas entrevistas, a diferença no tratamento discursivo dado a Maria do Rosário e José Fogaça é gritante: enquanto ela é questionada, num tom bastante incisivo, acerca da relação com o partido e do apoio recebido, ele é inquirido sobre sua possível reeleição. O jornalista Paulo Sant'Anna reforça a posição incisiva quando indica a possibilidade de a candidata ser responsabilizada pela maior derrota de seu partido no segundo turno das eleições, enquanto que elogia José Fogaça pelas realizações na administração pública. Também no que é considerado *pergunta íntima*, Maria do Rosário é penalizada, pois a pergunta remete à vinculação de um líder de seu partido à campanha de outra candidata sua concorrente, ao passo que José Fogaça é questionado sobre sua lentidão administrativa, acusação que é no entanto atribuída aos oponentes e não ao entrevistador (representante do jornal). A jornalista Fernanda Zaffari permanece equilibrada ao afirmar que Maria do Rosário gosta da militância política – o que é natural e desejável em qualquer pessoa envolvida na política, e pergunta sobre o que é chato, pedindo à candidata que ‘fale a verdade’; para José Fogaça, a jornalista comenta o que ele disse sobre o que é agradável em ser pai e pergunta o que é desagradável nesta área.

Considerando-se a análise das imagens e dos textos relacionados como um todo, verificam-se diferenças relacionadas a gênero, embora de forma aparentemente velada, mas que a ACD leva a perceber.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do discurso presente no material selecionado para o estudo - as fotos e textos dos perfis e entrevistas relativas às/aos candidatas(os) nas eleições de 2008 para prefeito em Porto Alegre - permitiu testar e confirmar a hipótese norteadora do trabalho, isto é, que as campanhas eleitorais, apesar da modernidade e da tecnologia, oportunizam a constatação do embate entre a manutenção de um discurso conservador e sexista, reforçando na maioria das vezes a posição da mulher subordinada ao homem. Esta conclusão foi possível em função da proposta metodológica transdisciplinar da Análise Crítica do Discurso, que permite considerar Mídia, Feminismo e Política de forma integrada, para investigar o uso da linguagem na sociedade contemporânea e a relação, à vezes implícita, entre discurso e relações sociais.

Conforme exposto no referencial teórico, a mídia está intimamente atrelada ao espetáculo da política, e a visibilidade que proporciona às/aos candidatas(os) valoriza seu reconhecimento diante dos seus pares e dos eleitores. Essa visibilidade permite que se identifiquem acréscimos de valorização e relevância à/ao candidata(o) no próprio campo político, nas representações estabelecidas e na formação de identidades.

Embora uma investigação da trajetória feminina mostre as conquistas e a crescente participação da mulher no mercado econômico, por outro lado também permite constatar que ainda persiste o modelo familiar de base patriarcal com seu discurso sexista ideologicamente marcado. Os estudos sobre a participação política das mulheres e a forma como elas têm sido representadas pelos meios de comunicação indicam pistas que permitem entender que a mídia é um componente essencial na produção do espetáculo político. Por isso, a visibilidade que a mídia proporciona exerce papel fundamental na disseminação das representações da realidade e da imagem das mulheres e dos homens políticos/os, e influencia a formação da opinião pública em diferentes circunstâncias, especialmente durante o processo eleitoral,

condicionando muitas vezes as trajetórias políticas num cenário que se torna complexo. Além disso, a mídia mantém e dissemina determinados discursos que cristalizam as representações de gênero, associando as mulheres a estereótipos cujas fontes primárias se encontram na cena privada, enquanto os homens são associados ao espaço público.

Essas marcas aparecem ‘naturalizadas’ e se tornam senso comum. Especialmente no jornalismo, prática social produtora e disseminadora de discursos, as relações de poder vêm permeadas de estratégias persuasivas que passam, muitas vezes, despercebidas pelo leitor em função do processo de reificação presente na mídia, em que a permanência de normas, valores e posturas aparecem vinculadas a uma tradição ‘eterna’, refletindo representações e padrões estabelecidos socialmente.

Escolhidas ou não pelos candidatos, as fotos que ilustram os perfis e as entrevistas analisados não foram produzidas de forma aleatória com elementos escolhidos ao acaso, pois em linhas gerais os candidatos parecem ter sido representados de forma mais ativa e mais próxima do que as candidatas. As legendas que acompanham as fotos trazem a presença de determinados fragmentos de outros textos que reforçam a representação visual, havendo instâncias em que a mulher é colocada em segundo lugar tanto na participação em disputas eleitorais como na sua exposição ao público. As representações ali implícitas produzem identidades desiguais que geram assimetria nas relações de gênero e que influenciam na participação das mulheres também nos espaços dedicados à prática política.

As legendas, aparentemente equilibradas, revelam por sua construção gramatical e escolhas lexicais, força maior em alguns enunciados, tratamento diferenciado que ocorre ainda na elaboração dos perfis oferecidos aos leitores. Da mesma forma, as entrevistas seguem o critério de ordem alfabética na cronologia de apresentação e são aparentemente estruturadas de forma semelhante. No entanto, ao analisá-las, é possível verificar que nem todos/as têm o mesmo espaço e que a proposta inicial não foi seguida, pois existe o

privilegiamento de esferas de atividades, de referenciação e nomeação das pessoas entrevistadas e há evidências de intertextualidade, por meio da qual opiniões e avaliações pré-existent implicam a reprodução de bloqueios à participação da mulheres na política, reforçando o monopólio dos homens neste campo.

Na verdade, percebe-se por parte da mídia um esforço em não discriminar entre candidatas e candidatos, buscando estruturar o roteiro de forma exatamente igual. Mas percebe-se também que, ao fazerem a mesma pergunta a dois candidatos, as diferenças de gênero aparecem. Isso fica claro na análise do objeto de estudo, em que excepcionalmente concorreram à eleição para Prefeita/o de Porto Alegre quatro mulheres e quatro homens, e em que as práticas sociodiscursivas da mídia sinalizam a presença de um discurso ‘tendencioso’ sobre as mulheres, mantendo as relações sociais e as representações e identidades existentes, preservando muitas vezes os homens de marcas discriminatórias, colocando-os em um lugar social que não só garante mas privilegia sua apresentação e representação pública.

Nesse contexto, percebe-se que é na prática que a ideologia se manifesta, pois ela está internalizada nos próprios sujeitos, cabendo ao analista de discurso apontar as implicações desse fato e, assim, contribuir para a formação de leitoras e leitores mais exigentes, que compreendam que a linguagem é uma prática social que impõe uma determinada visão de mundo, muitas vezes naturalizada e informada pelo senso comum. Ao desvendar os efeitos do discurso que estão obscuros, pode-se chamar a atenção para as relações de poder e a reprodução dos valores discriminatórios, conscientes ou não, no processo de produção da informação.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Danielle Barbosa Lins de. (Organizadora) *Perspectivas em Análise Visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.
- ARISTOTELES. A Política. Edição completa das obras de Aristóteles de Andronico de Rodes pela metade do último século a.C. Informação disponível em <http://www.mundociencia.com.br/filosofia/aristoteles.htm>, acesso em 10 julho de 2008.
- AVELAR, Lúcia. *Mulheres na elite política brasileira*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer: Editora Da UNESP, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de.. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Análise Crítica do Discurso: A Representação de Gênero na Imprensa Escrita : A Pesquisa. *The ESpecialist*. São Paulo: EDUC, v.15, n.1/2, p.113-119, 1995.
- CALDAS, G. Mídia e memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano. In: B EZZON , L.C. (Org.). *Comunicação, política e sociedade*. Campinas: Alínea, 2005. p. 137-150.
- CAMURÇA, Sílvia. As mulheres na política e a reforma política. SOS Corpo e AMB - CFEMEA, março de 2007. Disponível no endereço <http://www.cfemea.org.br/temasedados/detalhes.asp?IDTemasDados=181>
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Sotaques d'aquém e d'além mar: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro*. Satarem: Jortejo, 1998.
- CHOULIARAK, L. e N. FAIRCLOUGH. 1999. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press. apud MAGALHÃES, Izabel. Introdução: a análise de discurso crítica. *DELTA* [online]. 2005, vol.21, n.spe, pp. 1-9. ISSN 0102-4450. doi: 10.1590/S0102-44502005000300002.
- COELHO, Maria José. Jornalista e Coordenadora de Comunicação do Instituto Observatório Social. *A Mulher no Mercado de Trabalho*. Revista - ANO 2. Nº 5 - março 2004. (também disponível em www.observatoriosocial.org.br/download/emrevista5.pdf)
- COSTA, Ana Alice Alcantara. *O movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política*. 2005 Disponível em <http://www.portalfeminista.org.br/GEN/PDF/v5n2/Costa>
- CRUZ, Sabrina Uzêda da. A representação da mulher na mídia: um olhar feminista sobre as propagandas de cerveja. *Revista TRAVESSIAS* Publicação do Grupo de Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Arte (PECLA) e do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) , volume 3, p. I-XV, 2008.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997
- ENCICLOPÉDIA EINANDI: literatura - texto. Porto: Casa das Moedas – vol. 17, 1989.

FINAMORE Claudia Maria; CARVALHO, João Eduardo Coin de. Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso. Rev. Estud. Fem. vol.14 no.2 Florianópolis May/Sept. 2006. Também disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010426X006000200002&script=sci_arttext&tlng=pt acesso em 05/01/2009.

FLORESTA, Nísia. Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens. Recife, 1832.

FOLHA DE SÃO PAULO. Manual da Redação. 5ª ed. São Paulo: Editora Publifolha, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social. Editora UNB, Brasília/DF, 2001.

_____. Discourse and social change. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research. London: Routledge, 2003.

GOMES, Wilson. Transformações da política na era da comunicação de massa. São Paulo: Paulus, 2004.

GOMES, Maria Carmen A. A questão do hibridismo na relação entre gêneros discursivos e mudança social. In: Revista de Estudos da Linguagem. V.13.n1.jan./jun.2005. p.155-170.

GOMES, Maria Carmen Aires. Gêneros da Mídia: configurando o gênero reportagem-publicidade. In: 4 Simpósio Internacional de Gêneros Textuais - SIGET, 2007, Tubarão. 4 Simpósio Internacional de Gêneros Textuais - SIGET. Tubarão : Unisul, 2007. v. 1. p. 1344-1356. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/80.pdf>
www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/index1.htm - 354k, acesso em 03/03/2009.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os Cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBSBAWM, Eric J. Ciência, religião, ideologia. In: A era do capital. Traduzido por Luciano Costa Neto. Coleção Pensamento Crítico – Vol, 12. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1982.

JODELET, D. (Org.) As Representações Sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

KRESS, G. e VAN LEEUWEN, T. Reading images: the grammar of the design visual. London: Routledge, 1996.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. História da vida privada no Brasil. São Paulo Companhia das Letras, 1998, vol.3

MARCONDES FILHO, C. Jornalismo fin-de-siècle. São Paulo, Scritta, 1993.

MARCONDES FILHO, C. Comunicação e jornalismo: *a saga dos cães perdidos*. São Paulo, Hacker Editores, 2000

MARQUES DE MELO, José. Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

- MARSHALL, Leandro. *Jornalismo na Era da Publicidade*. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista*. São Paulo: Ática, 1986.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da Sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITC, Sandra (Orgs) et. al. *Textos em representações sociais*. 8.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1995. p. 89 -111.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*, São Paulo: Contexto, 2002.
- O GLOBO. *Manual de redação e estilo*. -- 25. ed. São Paulo: Globo, 1998.
- PEDRO, Emília Ribeiro. *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Caminhos, 1997.
- PETERMANN, Juliana. *Imagens na publicidade: significações e persuasão*. UNIrevista - Vol. 1, n° 3 : julho 2006.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do Feminismo no Brasil*. Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo/SP, 2003.
- PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Editora Contexto, 2003
- QUEIROZ, Tobias. *Cultura Potiguar em xeque. Ensaio. Curso de Especialização em Jornalismo Cultural -Faculdades Integradas de Patos – FIP. João Pessoa / PB, novembro de 2004*
- RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. *Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico metodológico*. SIGNÓTICA- vol. 17, 275 – 298; N°2. 2005 Publicação do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.
- RESENDE, Viviane de Melo. “Não é falta de humanidade, é para dificultar a permanência deles perto de nosso prédio”: análise discursiva crítica de uma circular de condomínio acerca de “moradores de rua” em Brasília, Brasil. *Discurso & Sociedad*, 2(2) 2008, 422-444 - RELATÓRIO DE PESQUISA - 1/2006 disponível em [http://www.dissoc.org/ediciones/v02n02/DS2\(2\)Resende.html](http://www.dissoc.org/ediciones/v02n02/DS2(2)Resende.html). Acesso em 23/03/2009.
- RESENDE, Viviane de Melo e RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.
- RODRIGUES, Almira - *Mulheres e Eleições 2006 no Brasil*. Artigo publicado pelo Cfemea em Brasília em 03 de outubro de 2006. Disponível em http://www.cfemea.org.br/temasedados/imprimir_detalhes.asp?IDTemasDados=157, acesso em 03/03/09.
- SCHWARTZENBERG, A. *O Estado Espetáculo*. São Paulo, Difel, 1978.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

_____A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: RJ, Vozes, 1998.

VAN DIJK, Teun. Racismo e Discurso na América Latina. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VAN DIJK Teun A. Notícias e conhecimento. Tradução de Luciano Bottini, Heloiza Hercovitz e Eduardo Meditsch. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia (Formato Impresso e eletrônico), Vol.II Nº 2 - 2º Semestre de 2005 –p. 13 a 29. Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Jornalismo/ Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2138/1850 - 2k – acesso em 03/03/09.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Cognição, discurso e interação. São Paulo: Contexto, 2004

VAN DIJK, Teun. Semântica do discurso e ideologia. In: PEDRO, Emília (org.). Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. p.105-168.

VERNANT, Jean-Pierre. As Origens do Pensamento Grego. São Paulo, Bertrand Brasil, 1989.

VILAS BOAS, Sérgio. Perfis: e como escrevê-los. São Paulo: Summus, 2003. (Coleção Novas Buscas em Comunicação, v. 69).

VILAS BOAS, Sérgio. O Estilo Magazine. São Paulo: Summus, 1996.

WEBER, Maria Helena. Comunicação e Espetáculos da Política. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

WIDHOLZER, Nara Rejane da Silva. Mudança discursiva e publicidade: dissimulando o sexismo. Pelotas: UCPEL -Dissertação de Mestrado.2003.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Revista Linguagem em (Dis)curso, vol 4, número especial, 2004.

Outras fontes:

ClicRBS- Portal de conteúdo gaúcho que contempla as subsidiárias da RBS, jornal Zero Hora, ClicNessa, com informações culturais (cinema, teatros, ...www.clicrbs.com.br/ - 1k

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/2004/11/08/000.htm> . Acesso em 04/03/2007.

<http://www.portaldaliteratura.com/livros.php?livro=3999>. Acesso em 04/03/2007.

www.ipu.org/wmn-e?classif.htm . Acesso em 17/06/2008.

<http://www.cfemea.org.br/temasedados/detalhes.asp?IDTemasDados=156>. Acesso em 17/06/2008.

<http://www.senado.gov.br/sf/noticia/senamidia/principaisJornais/verNoticia1.asp?ud=20061211&datNoticia=20061211&codNoticia=211207&nomeOrgao=&nomeJornal=O+Globo&codOrgao=2729>- Acesso em 18/06/2008.

www.quotaproject.org/country.cfm .[International IDEA](#) and [Stockholm University](#) |Acesso em 27/06/2008.

<http://www.mundociencia.com.br/filosofia/aristoteles.htm>, acesso em 10/07/2008.

www.observatoriosocial.org.br/download/emrevista5.pdf. acesso em 28/07/2008.

<http://www.blogger.com/delete-comment.g?blogID=3431735053756931126&postID=3244173653224377109> Acesso em 15 de Outubro de 2008 00:24.

<http://eleicoes.uol.com.br/2008/enquetes/enquete.jhtm?d=4601>. Acesso em 15/10/2008.

<http://bloginternacional.wordpress.com/2009/01/19/emissoras-fazem-cobertura-macica-da-posse-de-barack-obama/> Acesso em 19/01/2009.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnero> – acesso em 03/02/2009.

www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/index1.htm. Acesso em 03/03/2009.

[http://www.dissoc.org/ediciones/v02n02/DS2\(2\)Resende.html](http://www.dissoc.org/ediciones/v02n02/DS2(2)Resende.html). Acesso em 23/03/2009.

http://www.cfemea.org.br/temasedados/imprimir_detalhes.asp?IDTemasDados=157. Acesso em 03/03/09.

A N E X O S

A N E X O A - P E R F I S

ANEXO A: PERFIS

Disponíveis em

<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=candidato&id=54397&cargo=1&ano=2008&estado=1&municipio=2§ion=Prefeito>. Acesso em 12/10/2008

Candidata A - Maria do Rosário (PT)

	<p>Número - 13</p> <p>Partido - PT</p> <p>Vice: Marcelo Tuerlinkx Danéris Partido - PT</p> <p>Coligação - Frente Popular (PT - PRB - PTC - PSL)</p>
---	--

Maria do Rosário é deputada federal desde 2002 (Fernando Gomes/ZH/Banco de Dados)

Maria do Rosário Nunes, 41 anos, nasceu em Veranópolis em 22 de novembro de 1966. É filha do funcionário público Agílio Nunes (falecido) e da dona de casa Hilda Fiorentin Nunes. A família se mudou para Porto Alegre em 1973 e passou a residir no bairro Partenon. Casada com o professor Eliezer Pacheco, é mãe de Maria Laura, oito anos. Professora da rede pública, com especialização em estudos sobre violência doméstica, pela Universidade de São Paulo (USP), atualmente é acadêmica de mestrado na temática de gênero, educação e sexualidade, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Iniciou sua militância no movimento estudantil secundarista e no Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/Sindicato). Foi vereadora de Porto Alegre de 1993 a 1996 pelo PT. Reeleita para o cargo, deixou-o em 1999 para tornar-se deputada estadual. Durante este período, foi presidente da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos e vice-presidente da Assembléia Legislativa gaúcha por dois anos.

Em 2002, foi eleita deputada federal. Durante o primeiro mandato, foi relatora da CPI Mista que investigou as redes de exploração sexual de crianças e adolescentes. Coordenou a Frente Parlamentar de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente e integrou as comissões de Educação e Cultura, e Constituição, Justiça e Cidadania. Além disso, já participou das comissões de Direitos Humanos e Minorias, Seguridade Social e Família, e representou a Câmara na Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos durante a Ditadura Militar. Foi ainda presidente da Comissão Especial da Lei Nacional da Adoção. Em 2004 foi candidata à vice-prefeita de Porto Alegre e em 2006 foi reeleita deputada federal. Site da candidata: Situação: Deferido

Candidata B - Luciana Genro (PSOL)

	<p>Número - 50</p> <p>Partido - PSOL</p> <p>Vice: Édison Pereira de Souza Partido - PV</p> <p>Coligação: Sol e Verde (PSOL - PV)</p>
---	---

Luciana Genro foi uma das fundadoras do PSOL, em 2003 (Divulgação)

Luciana Krebs Genro, 37 anos, nasceu em Santa Maria em 17 de janeiro de 1971. Com dois anos de idade, entretanto, já morava em Porto Alegre. É a primogênita da médica Sandra Krebs Genro e do advogado Tarso Genro, atual ministro da Justiça e ex-prefeito da capital gaúcha. Professora de inglês, a atual deputada federal tem uma irmã, Vanessa, médica. Casada há 14 anos com Sérgio, jornalista, Luciana é mãe de Fernando, 20 anos, jogador de futebol.

Começou a militância estudantil do colégio Júlio de Castilhos, aos 14 anos. Desde criança, porém, respirou um ambiente de lutas democráticas e políticas, já que seu pai teve atuação ativa na luta contra a ditadura militar e foi para o exílio no início da década de 70.

Em 1994, foi eleita deputada estadual com 17 mil votos pelo PT. Seu mandato foi marcado pela luta contra as privatizações da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações (CRT). Foi reeleita deputada estadual em 1998 com o dobro dos votos, 36 mil ao total. A combatividade também marcou seu segundo cargo eletivo. Foi nesse período que integrou uma frente pela melhoria da escola pública e de melhores salários para os trabalhadores em educação.

Em 2002 disputou a cadeira de deputada federal, obtendo 100 mil votos, quase três vezes mais do que a votação anterior. Como uma das principais opositoras da política do governo Lula, combateu a reforma da Previdência – fato que provocou seu rompimento e expulsão do PT, em dezembro de 2003. No ano seguinte, participou da formação do PSOL juntamente com os políticos Heloísa Helena e Babá. Em 2006, foi eleita a deputada federal mais votada em Porto Alegre, com mais de 185 mil votos.

Site da candidata: Situação: Deferido

Candidata C - Manuela D'Ávila (PCdoB)



Número - **65**

Partido - **PcdoB**

Vice: **Antônio Berfran Acosta Rosado** Partido – **PPS**

Coligação: **Porto Alegre é Mais (PCdoB - PPS - PSB
– PR - PMN - PTdoB - PTN)**

Em 2004, foi a vereadora mais jovem da história da Capital (Marcos Nagelstein/ZH/Banco de Dados)

Manuela Pinto Vieira D'Ávila nasceu em 18 de agosto de 1981 em Porto Alegre. Filha da juíza Ana Lúcia e do professor universitário Alfredo, Manuela tem três irmãs e um irmão: Luciana (advogada), Carolina (publicitária), Mariana (atriz) e Fernando (historiador). Na infância morou nas cidades de Estância Velha, São Lourenço do Sul, Pedro Osório e Rio Grande. Aos 14 anos, entretanto, retornou para Porto Alegre, onde passou a estudar no Centro de Ensino Médio Pastor Dohms.

Começou a atuar no movimento estudantil em 1999. No mesmo ano, Manuela se filiou à União da Juventude Socialista (UJS). Em 2001, ingressou no Partido Comunista do Brasil. Nos dois anos seguintes, integrou a direção nacional da UJS e a vice-presidência Sul da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Jornalista formada pela PUC, Manuela se elegeu vereadora de Porto Alegre em 2004 com 9.498 votos, que lhe garantiram o título de vereadora mais jovem da história da capital gaúcha. Sua eleição se deu a partir de uma plataforma de políticas públicas para a juventude. Durante a campanha, lançou a expressão "E aí, beleza?", que busca a identificação do público jovem e tornou-se sua marca registrada.

Dois anos depois, em 2006, foi eleita a deputada federal mais votada do Rio Grande do Sul, com 271.939 votos. Manuela obteve também a terceira maior votação para deputado federal da história do Estado e garantiu a primeira cadeira do PCdoB gaúcho em Brasília. Na Câmara dos Deputados é membro da Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público e da Comissão de Turismo e Desporto. É membro da direção municipal e estadual e do Comitê Central do PCdoB.

Site da candidata: Situação: Deferido

Candidata D - Vera Justina Guasso (PSTU)

	<p>Número - 16</p> <p>Partido - PSTU</p> <p>Vice: Humberto Stembrino Corrêa Carvalho</p> <p>Partido - PCB</p> <p>Coligação: Frente de Esquerda (PSTU-PCB)</p>
---	--

Esta é a quinta vez que Vera Guasso concorre a cargo eletivo (Adriana Franciosi/ZH/Banco de Dados)

Vera Justina Guasso, 45 anos, nasceu em 13 de abril de 1963 em Santiago, no noroeste do Rio Grande do Sul. Sua luta política começou ainda na adolescência, durante a repressão da ditadura militar e seguiu durante o movimento estudantil, na década de 80.

Em 1995, a técnica em informática e mãe de Natália participou da fundação do PSTU. No ano seguinte, foi candidata à deputada estadual. Em 2000, à vereadora, em 2004, à prefeitura de Porto Alegre, e em 2006, ao Senado. Não se elegeu em nenhuma das quatro tentativas. Nesta última, concorreu ao representando a Coligação Frente de Esquerda, composta pelo PSOL, PSTU e PCB, obtendo 48.390 votos, sendo que 19.881 em Porto Alegre.

Sua militância política foi marcada por mobilizações e campanhas da juventude e da classe trabalhadora. Entre suas principais causas estiveram a luta contra as opressões das mulheres, negros e homossexuais.

Atualmente, é Presidente Estadual do PSTU, funcionária do Serpro, e diretora do Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados do RS (SINDPPD-RS) e integrante da coordenação nacional da Conlutas.

Site da candidata: Situação: Deferido

Candidato E - José Fogaça (PMDB)

	<p>Número - 15 Partido - PMDB Votos - 470.696 Vice: José Alberto Reus Fortunati Partido - PDT Coligação: Cidade Melhor - Futuro Melhor (PMDB - PTB - PDT)</p>
---	---

Fogaça deixou o PPS em 2007 e retornou ao PMDB (Paulo Franken/ZH/Banco de Dados)

José Alberto Fogaça de Medeiros, 61 anos, nasceu em 13 de janeiro de 1947 em Porto Alegre. Casado com Isabela, tem quatro filhos: Gustavo, Carmela, Martim e Francesca. Ao longo de sua trajetória, Fogaça foi deputado estadual, deputado federal e senador pelo Rio Grande do Sul, completando 24 anos de vida parlamentar. Além disso, também tem sua vida marcada pela atividade como poeta e compositor popular.

Formado em Direito pela PUC-RS, exerceu a atividade de professor de Direito Constitucional e Língua Portuguesa, comunicador e consultor. Fogaça ingressou na vida pública em 1978, como deputado estadual. Em 1982, foi eleito deputado federal e, em 1986, senador da República.

Na Câmara dos Deputados, Fogaça foi um dos coordenadores da campanha pelas Diretas-Já. Eleito senador constituinte em 1986 e reeleito em 1994, foi relator-adjunto da Assembléia Nacional Constituinte e um dos responsáveis pela elaboração do texto final da atual Constituição. No Senado, apresentou projeto que propôs o Parlamentarismo como sistema de governo e participou de três momentos importantes na ampliação dos direitos sociais do Brasil: a Constituição, o Novo Código Civil e o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Peemedebista desde o surgimento do antigo MDB, foi para o PPS em 2001 por divergências internas. Em 2007, entretanto, Fogaça se desfilou para retornar ao PMDB. É prefeito de Porto Alegre desde 2005 e está tentando a reeleição.

Site do candidato: Situação: Deferido

Candidato F – Nelson Marchezan Jr.

	<p>Número - 45</p> <p>Partido - PSDB</p> <p>Vice: Tadeu Gonzaga Martins Partido: PSDB</p>
---	---

Em 2006, Marchezan Jr. foi eleito deputado estadual (Reprodução/ZH/Banco de Dados)

Nelson Marchezan Júnior, 36 anos, nasceu em Porto Alegre no dia 30 de novembro de 1971. Filho do falecido ex-deputado federal Nelson Marchezan e da professora Maria Helena Bolsson Marchezan, tem quatro irmãos: Adriana (bióloga), Ana Lúcia (relações públicas), Cristina (veterinária) e Nelson Felipe (administrador). Advogado formado, Marchezan Jr. é solteiro e tem um filho. Atualmente, é deputado estadual e cursa pós-graduação em Gestão Empresarial na Fundação Getúlio Vargas.

Ingressou na carreira política em 2002, quando foi eleito deputado federal pelo PSDB com 61.068 votos. Entretanto, não chegou a exercer o cargo, pois a Justiça Eleitoral entendeu que Marchezan Jr. não conseguiu comprovar que sua filiação ao PSDB se dera em tempo hábil. Com representatividade, mas sem legitimidade, ele acabou aceitando o convite feito pelo governador eleito Germano Rigotto, para ser diretor de agronegócios do Banco do Estado do Rio Grande do Sul.

Em 2006, foi eleito deputado estadual e fez a maior votação da bancada do PSDB na Assembléia Legislativa, com 45.604 votos. Foi vice-presidente do Diretório Estadual do PSDB e é o atual presidente do Diretório Municipal.

Marchezan Jr. é presidente da Comissão de Finanças, Planejamento, Fiscalização e Controle da Assembléia Legislativa, membro titular da Comissão de Constituição e Justiça e integrante da CPI dos Adubos e Insumos Agrícolas. É também coordenador da Frente Parlamentar para Incentivo à Utilização da Tecnologia da Informação e da Comunicação no Setor Público e o deputado que mais relatou projetos na Assembléia Legislativa em 2007.

Site do candidato: Situação: Deferido

Candidato G - Onyx LorenzoniNúmero - **25**Partido - **DEM**Vice: **Diogo Paz Bier** Partido: **PP**Coligação: **Porto Futuro Alegre (DEM - PP - PSC)**

Em 2004, Onyx concorreu para a prefeitura de Porto Alegre com Paulo Brum (Divulgação)

Onyx Dornelles Lorenzoni nasceu em 3 de outubro de 1954, em Porto Alegre.

Descendente de italianos que migraram para o Brasil no final do século XIX, Onyx Lorenzoni é filho de Dalva Dornelles Lorenzoni e Rheno Julio Lorenzoni. Formou-se em 1976 pela faculdade de Medicina Veterinária na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e chegou a realizar estágio em Traumatologia e Ortopedia na Universidade da Califórnia, em Davis, nos Estados Unidos.

Casado com a pedagoga Hellen Cardia Lorenzoni, é pai de quatro filhos. Sua primeira filiação política foi no PL, partido onde permaneceu por dez anos. Por discordar com os rumos do partido, na época, e para conservar sua ideologia doutrinária, mudou-se para o então PFL, atual DEM. Foi o primeiro líder do partido na Câmara dos Deputados, em 20 anos, que não pertencia ao eixo Sudeste- Nordeste.

Em 2004, concorreu para a prefeitura de Porto Alegre tendo como vice, Paulo Brum, do PSDB, e ficando em 3º lugar no primeiro turno. Também foi sub-relator da CPMI dos Correios, onde apresentou a proposta de Criação de um Sistema Nacional de Combate à Corrupção. É o presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados.

Em 2007, foi apontado pelo Departamento Intersindical de Apoio Parlamentar (DIAP) ficou entre os dez parlamentares mais destacados por sua articulação política. Tem dois livros publicados: *Os 500 dias do PT no Governo são outros 500* e *A Máfia da Estrela*.

Site do candidato: Situação: Deferido

Candidato H - Carlos Gomes

	<p>Número - 31</p> <p>Partido - PHS</p> <p>Vice: Paulo Stölben Partido - PHS</p>
---	--

Carlos Gomes é o candidato do PHS à prefeitura de Porto Alegre (Adriana Franciosi/ZH)

Carlos Antônio Gomes nasceu no dia 18 de agosto de 1942, em Erechim. Casado com Eunice Gomes é pai de três filhos: a veterinária Gisele, a advogada Luciana Isabel e o jogador profissional de futebol e acadêmico de Direito Antônio Carlos. Formado em Direito pela Universidade de Passo Fundo, Gomes exerce a advocacia, como liberal, há 42 anos.

Iniciou jovem na política atuando na juventude trabalhista do PDT. Gomes seguiu no partido até conhecer o plano de governo e as reformas propostas na economia pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello, quando mudou o PRN. Por ele foi candidato à prefeito de Porto Alegre em 1992, quando propôs a construção de uma ferrovia ligando a região metropolitana até o litoral norte, e depois para o Sul, até Rio Grande.

Em 1994, quando o candidato do PRN à Presidência da República renunciou, Gomes assumiu a candidatura.

Há cinco anos filiou-se ao PHS. Além de advogado, Gomes também trabalhou na agricultura e no comércio, tendo duas concessionárias de automóveis com o pai e os irmãos.

Situação: Substituto Majoritário Pendente de Julgamento

A N E X O B - ENTREVISTAS

ANEXO B – Entrevistas

Quinto Entrevistado: Maria do Rosário (26 - Sexta feira)

26/09/2008 | 03h35min

<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=noticias&id=2205437§ion>

“O novo que eu quero apresentar tem experiência e conteúdo”, diz Maria do Rosário
Candidata fala sobre a ausência da tradicional militância do PT



O mirante do Morro Santa Tereza foi o local escolhido por Maria Rosário para ser fotografada por Zero Hora no dia 8

Ex-vereadora de Porto Alegre por dois mandatos, ex-deputada estadual e atualmente exercendo o segundo mandato de deputada federal, a professora Maria do Rosário (PT), 41 anos, é a quinta entrevistada da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre.

Nesta entrevista, Rosário fala sobre a ausência da tradicional militância do PT na campanha eleitoral, lamenta o fato de o presidente Lula não estar mostrando a cara nos programas de TV do horário eleitoral obrigatório e faz críticas à gestão de José Fogaça. A publicação da série segue o critério da ordem alfabética.

Afinal...

Onde foi parar a militância do PT?

Maria Rosário — Quando não está trabalhando ou na escola, a militância está na rua. No final de semana, está colocando coisas na janela. Temos uma campanha, comparativamente com as últimas eleições, em que se está retomando o sentido de militância. Está nas proporções adequadas com uma campanha com mais restrições de material. Sou a favor de que não se coloque material nos postes. Mas se tivéssemos material nos postes, o PT teria em maior número.

Mas por que não existe mais o mar de bandeiras característico de eleições passadas?

Rosário — É natural. O PT viveu muitas experiências no último período. Boas, de governo, e difíceis. Não queremos dizer que a militância é a mesma da década de 80 ou 90. O ritmo da vida, as novas relações sociais são diferentes. Parece que há, não na política, mas com tudo que existe, um menor encantamento. As pessoas do PT também estão vivendo na sociedade, mas proporcionalmente aos outros partidos ainda acho que temos mais militância.

O presidente Lula decidiu não participar da campanha em Porto Alegre sob a alegação de que há três candidatos da base do governo concorrendo: a senhora, a candidata Manuela D’Ávila (PC do B) e o candidato José Fogaça (PMDB). A senhora lamenta a ausência do presidente na sua campanha?

Rosário — Não gosto quando Lula é citado nos outros programas, porque não tem nada a ver. O PPS (partido que está coligado com Manuela) é contra Lula e a favor do governo de Yeda

Crusius, e Lula está na fotinho na campanha da Manuela. O PMDB gaúcho sempre foi contra Lula. Confio que a população tenha informação política para juntar o Lula com o PT, e o PT nesta eleição sou eu.

As pesquisas colocam Manuela como a sua adversária na briga pela segunda vaga para o segundo turno. Qual a diferença entre as duas candidaturas?

Rosário — Não vejo dessa forma. A candidatura de Fogaça é forte, até porque ele está na prefeitura. Interessa para nós é ter uma prefeitura ágil e eficiente, atenta ao momento de desenvolvimento do Brasil. Quero fazer uma gestão com muita ousadia junto com o presidente Lula. Fogaça continua sendo o adversário mais forte pela posição que ocupa. Vamos concentrar nossa campanha em mostrar as diferenças de práticas de governo.

Das coisas da cidade

O que a senhora vai manter da atual administração municipal?

Rosário — Se for eleita, vou fazer uma conversa madura com o prefeito a quem estarei sucedendo e analisar junto a ele suas questões mais importantes. Não vou deixar em aberto nenhuma obra que tenha começado.

Qual a sua principal medida para desafogar o trânsito da Capital?

Rosário — São medidas combinadas. Só uma medida não resolve um problema tão grave, que não é só do Centro, mas é da cidade como um todo. Portanto, quero qualificar o transporte de passageiros de forma imediata, com ônibus cumprindo melhores horários, redesenhando seus trajetos e com mais segurança nas paradas para recuperar os milhares de passageiros que estão deixando de andar de ônibus. Integrar o transporte coletivo como um todo na cidade e com a Região Metropolitana é outra meta. O metrô, para médio e longo prazo, é a terceira meta. E ampliar as vias estruturais, assim como fizemos com a Manoel Elias, a Terceira Perimetral, a Protásio Alves, a Bento Gonçalves, a Juca Batista, a Cavalhada e a Eduardo Prado.

O que a senhora destaca de positivo da gestão de José Fogaça?

Rosário — A vitória de Fogaça em 2004 foi calcada na frase que dizia que “ficaria o que estava bom”. De lá para cá, a situação da saúde piorou, o recolhimento de lixo piorou, o ônibus é mais demorado. Mas o que mais impressiona é que a atual gestão apresenta realizações que foram das nossas gestões. É o caso da Terceira Perimetral.

Fizemos 12 quilômetros em sete anos, conseguimos financiamento. Só ficou um viaduto para ser concluído, e isso não foi feito em quatro anos. Ouço o prefeito dizer que houve problemas financeiros. A prefeitura nunca teve crise estrutural. As contas sempre foram colocadas por nós com muita seriedade. Não há uma marca da atual gestão. Ter concluído o Conduto Álvaro Chaves? Nós iniciamos a obra. O que há é muita propaganda.

A Terceira Perimetral foi praticamente concluída na última gestão do PT na Capital. Uma das poucas obras que não foram concluídas foi o Viaduto José Eduardo Utzig, na Zona Norte, que Fogaça inaugurou.

Pergunta do Paulo Sant’Anna

Se o PT não for para o segundo turno da eleição em Porto Alegre, esta será a maior derrota do partido. A possibilidade de a senhora vir a ser a responsável por essa eventual derrota não lhe preocupa?

Rosário — Eu não trabalho com essa possibilidade. Acredito na vida política com conteúdo e consistência. E nós temos essa frente que tem essa consistência, temos o que apresentar. De toda forma, trago as responsabilidades todas para mim. Quem pretende ser prefeito não pode dividir responsabilidades. Pode dividir vitórias, mas não responsabilidades.

Pergunta íntima

A senhora se incomoda em ver um dos principais líderes do seu partido, o ministro Tarso Genro, na campanha da sua adversária Luciana Genro?

Rosário — Não, porque ele é pai. Eu sou mãe (Rosário tem uma filha, Maria Laura, de oito anos). Isso é a maior alegria da vida. Acho engraçado que a Luciana diz “no escurinho ele vai votar em mim”. Por que ela tem necessidade de dizer isso? Entendo a Luciana e o pai dela e separo o Tarso do pai da Luciana. Jamais vou ser responsável por separar um pai de uma filha.

Pergunta de Fernanda Zaffari

Nota-se que você gosta da militância e de fazer campanha . Mas fale a verdade, qual é o lado chato?

Rosário — Quando perguntam “lembra de mim?” e eu não lembro. Quando não lembro, digo para a pessoa.

Pior adversário

Quem é o candidato mais difícil nesta disputa?

Rosário — Fogaça, porque governa a cidade e é uma pessoa com experiências. Considero o prefeito uma boa pessoa, mesmo que não seja um bom prefeito.

Explique a contradição

O seu partido governou por 16 anos Porto Alegre. Não é uma contradição a senhora agora se apresentar como o novo para Porto Alegre?

Rosário — Separo o novo do que é descartável. O novo tem conteúdo. O descartável é qualquer coisa que a gente experimenta agora, não gostou e pensa que vai poder trocar no próximo fim de semana. Não é assim. A vida política tem de voltar a ter conteúdo. Quando a gente só investe no novo, pode ficar quatro anos tendo de usar essa novidade, e se não cair bem fica ruim. Como acho que as pessoas não são mercadorias e os políticos muito menos, tenho para mim que o novo que eu quero apresentar tem experiência e conteúdo.

A candidata e a cidade

Neste espaço os candidatos respondem às mesmas perguntas

Se for eleita, qual será o seu primeiro ato?

Rosário — Caminhar pelas ruas e determinar prazos para que minha equipe apresente metas.

Qual a menina-dos-olhos do plano de governo?

Rosário — A saúde. Destaco a gestão integrada pela informatização entre equipes de saúde da família e Centros de Especialidades da Saúde.

O que derrubaria para fazer diferente?

Rosário — Pretendo constituir uma nova estrutura de gestão, mais ágil, capaz de dar respostas objetivas.

O melhor de Porto Alegre?

Rosário — Sua gente dinâmica, com opinião.

O pior de Porto Alegre?

Rosário — As pessoas que vivem na rua, o crack.

O melhor prefeito que Porto Alegre já teve?

Rosário — Tenho pelo menos quatro. O prefeitos do PT tiveram características próprias. Olívio Dutra construiu novas possibilidades administrativas. Tarso Genro viu o futuro com bases do Ceitec, do metrô. Raul Pont construiu a Terceira Perimetral. João Verle teve a seriedade de indicar os limites da gestão.

Um modelo de administração municipal?

Rosário — Belo Horizonte resolveu a saúde. Hoje tem 513 equipes de saúde da família. Porto Alegre, 84. Quando Fernando Pimentel (do PT) chegou à prefeitura, eles tinham menos do que aqui. Na segurança, um modelo é Campinas (SP), com população semelhante à de Porto Alegre e que conseguiu integrar o transporte coletivo da região metropolitana e colocar câmeras em todas as escolas e vias públicas.

O que dá para prometer em quatro anos?

Rosário — Vou conseguir criar um sistema de saúde em que todos sejam atendidos.

O que não dá para prometer em quatro anos?

Rosário — O metrô.

A sua principal qualidade?

Rosário — Sou clara, objetiva, não minto.

O seu principal defeito?

Rosário — Ser direta demais.

ZERO HORA

Terceiro Entrevistado: Luciana Genro (24 - Quarta feira)

Eleições 2008 | 24/09/2008 | 03h43min

<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=noticias&id=2200335§ion=Not%EDcias>

“Sou uma pessoa com absoluta capacidade de dialogar”, diz Luciana Genro



Candidata quer se inspirar no que de melhor teve no governo de seu pai

Deputada federal em segundo mandato, Luciana Genro (PSOL), 37 anos, é a terceira entrevistada da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre.

Luciana, que também já foi deputada estadual entre 1995 e 2002, afirma que não infringiu o estatuto do seu partido ao aceitar dinheiro de empresas para a sua campanha, cita o seu pai, Tarso Genro, como um modelo de prefeito e diz que, se for eleita, montará uma equipe de governo formada por profissionais de universidades e da iniciativa privada. A publicação da série, que se encerra no dia 1º, segue o critério da ordem alfabética.

Afinal...

O seu pai, o ministro Tarso Genro, é o seu principal cabo eleitoral?

Luciana Genro — Não, meu principal cabo eleitoral é Heloísa Helena (ex-senadora por Alagoas e principal líder do PSOL) e a minha trajetória política.

A senhora costuma dizer que no escurinho da urna Tarso votará na filha, e não na candidata do PT, Maria do Rosário. Ele votaria na senhora por ser pai ou por concordar com as suas idéias?

Luciana — Aí tu vais ter de perguntar para ele.

Como explicar a doação de campanha de R\$ 100 mil que a sua candidatura recebeu do Grupo Gerdau? Isso não vai contra o estatuto do partido?

Luciana — Não tenho nada que explicar em relação a isso, até porque essa doação foi estritamente dentro do estatuto do PSOL. Os meus adversários é que têm de explicar a história de caixa 2, de desvio de recursos, de utilização indevida de cartão corporativo.

Quem está proibido de doar para as campanhas do PSOL?

Luciana — Empreiteiras, bancos e multinacionais.

A Gerdau é uma multinacional.

Luciana — Mas a proibição da multinacional se dá justamente porque as empresas que vêm atuar no Brasil em geral se comportam de forma parasitária. Sugam nossa riqueza e mandam embora.

Não é pelo fato de terem filiais em outras partes do mundo, mas pelo fato de remeterem os recursos que aqui ganham para filiais de outras partes do mundo. A Gerdau não se enquadra no conceito de multinacional previsto no estatuto do partido.

Explique a contradição

O seu vice, Edison Pereira, foi na eleição de 2004 candidato a vice-prefeito de Jair Soares, do PP (sigla originária da Arena, braço político da ditadura militar), um partido com posições antagônicas às do PSOL. Isso não é uma contradição?

Luciana — O PV tem uma história de alianças com o PT. A aliança que o PV fez com o PP em Porto Alegre foi um episódio na vida política desse partido, e eu considero um episódio ruim. Agora, esse é um balanço que eles devem fazer. Me sinto tranqüila em relação a essa aliança porque ela foi feita com base em um acordo programático, em uma história comum de lutas.

Vida Real

Qual será a sua medida mais radical se for eleita prefeita e que mexerá com a vida do cidadão?

Luciana — Depende do conceito de radical. Uma medida dura que eu quero tomar é o corte de cargos de confiança. Isso eu acho que contraria a tradição política de parasitismo na administração pública.

De quanto seria esse corte?

Luciana — De 70% dos cargos de confiança (CCs). Hoje são mais ou menos 740, incluindo a administração direta e indireta (de acordo com a prefeitura, existem 676 cargos de livre nomeação, 482 da administração direta e 194 da indireta).

Vou restringir o cargo de confiança a um cargo efetivamente de auxílio político, e não a cargos técnicos. Hoje nós temos até pessoas que cumprem função de engenheiro ou que servem café, coisas que não cabem num conceito de cargo de confiança, servem só para inchar a máquina pública e satisfazer os interesses dos partidos.

Como a senhora montaria uma equipe de governo, tendo um partido pequeno?

Luciana — Quero montar a minha equipe aproveitando a inteligência da cidade. Quero chamar as pessoas que estão nas universidades e na iniciativa privada, valorizar o servidor de carreira que conhece a prefeitura, a cidade, os programas e que pode dar continuidade a eles. Também pretendo buscar pessoas que não necessariamente estão aqui em Porto Alegre, mas que podem nos ajudar a construir programas importantes, como é o caso de Luiz Eduardo Soares, um especialista em segurança pública. Nascido no Rio de Janeiro, o antropólogo Luiz Eduardo Soares foi secretário nacional de Segurança Pública do governo Lula em 2003. Também atuou como assessor para a área de segurança no primeiro ano da segunda gestão de Tarso Genro em Porto Alegre (2001-2002).

Pergunta do Paulo Sant'Ana

Se a senhora tivesse estrutura partidária seriam grandes as suas chances de ir para o segundo turno. Pelas pesquisas e pelo seu partido fica visível que essa eleição é uma plataforma de ensaio. A senhora concorda?

Luciana — Não, querido Paulo Sant'Ana. Eu, por exemplo, já detecto um crescimento importante da minha candidatura na faixa de escolaridade de nível superior. Minhas adversárias caíram vários pontos nessa faixa. E agora, além de continuar mostrando as minhas propostas, vou também mostrar quem é quem, como se comportou cada um dos candidatos que são deputados.

As minhas adversárias votaram pelo aumento de salário dos deputados, eu votei contra. As minhas adversárias votaram pela recriação da CPMF, eu votei contra. As minhas adversárias votaram contra o projeto do Senado que aumentou as verbas para a saúde, eu votei a favor. As minhas

adversárias pertencem a partidos envolvidos em escândalos, como é o caso do PT com o mensalão. Como é o caso do PC do B com o cartão corporativo do ministro do Esporte. Além de mostrar minhas propostas, também vou mostrar a minha diferença com os outros candidatos. Assim acredito que vou crescer.

Pergunta de Fernanda Zaffari

Você foi mãe jovem (Luciana teve o filho, Fernando, aos 17 anos). Que conselhos daria a garotas que passam pela mesma situação?

Luciana — Diria primeiro que é muito difícil ser mãe jovem. Eu não recomendo. Tive uma estrutura familiar que me ajudou bastante, mas no caso de se defrontar com essa situação, acho que a melhor coisa é tratar o filho ou a filha com muita autenticidade e construir uma relação de muita confiança e amizade.

O pior adversário

Qual é o candidato mais difícil nesta disputa?

Luciana — O pouco tempo de televisão (Luciana é a candidata com o terceiro menor tempo de propaganda no rádio e na TV, com 1min52s. José Fogaça tem o maior tempo, 6min33s).

Pergunta íntima

Sua mudança de visual ainda gera comentários dos eleitores nesta campanha. A senhora está contente com os resultados?

Luciana — Toda mulher tem alterações episódicas no seu visual. Não vejo que a minha alteração seja tão grande assim, mas estou contente de ter chamado a atenção das pessoas. É uma coisa boa saber que as pessoas comentam se o meu cabelo deve ser liso ou crespo.

Foi só uma mudança visual ou de idéias também?

Luciana — É uma mudança parcial de visual. Às vezes estou com o cabelo liso, às vezes com o cabelo crespo. Me vestir com um pouco mais de cuidado do que usualmente me visto é uma forma de tratar com respeito o cargo que estou disputando, mas as minhas idéias continuam as mesmas.

Quando eu disputava o cargo de deputada (nas eleições de 1994, 1998, 2002 e 2006) procurava enfatizar a minha combatividade, a minha capacidade de denúncia, de cobrar dos governos. Agora, estou enfatizando minha capacidade de execução e de dialogar. Embora eu tenha idéias que muitos consideram radicais, sou uma pessoa com absoluta capacidade de diálogo e de convivência com a diferença, e isso é importante para se governar uma cidade como Porto Alegre.

A candidata e a cidade

Neste espaço os candidatos respondem às mesmas perguntas

Se eleita, qual será o seu primeiro ato?

Luciana — Cortar 70% dos cargos de confiança e abrir concurso para médicos e guardas municipais.

A menina-dos-olhos do plano de governo?

Luciana — A segurança pública. Quero fazer programas que incluem a Guarda Municipal como uma guarda comunitária, que cuide não só do patrimônio público mas também das pessoas, e que envolvam os jovens da periferia alvos das gangues e do narcotráfico.

O que derrubaria para fazer diferente?

Luciana — O loteamento partidário. É tradição dos governos dividir secretarias em feudos partidários, muitas vezes acordados antes da eleição.

O melhor de Porto Alegre?

Luciana — As pessoas e o nosso rio, que não é rio, mas que a gente insiste em chamar de rio.

O pior de Porto Alegre?

Luciana — Os políticos (risos).

O melhor prefeito que Porto Alegre já teve?

Luciana — Não me sinto em condições de julgar todos porque não acompanhei o momento político de cada um. Acompanhei em especial o meu pai (Tarso foi prefeito de 1993 a 1996 e de 2001 a 2002), que foi um excelente prefeito. Pretendo me inspirar naquilo que foi o melhor do governo dele: as diligências pela cidade para resolver os problemas.

Um modelo de administração municipal?

Luciana — Modelos são sempre perigosos, porque cada cidade tem a sua particularidade.

O que dá para prometer em quatro anos?

Luciana — Acabar com o caos na saúde pública.

O que não dá para prometer em quatro anos?

Luciana — O metrô, porque não depende só da prefeitura.

A sua principal qualidade?

Luciana — A sinceridade.

ZH – O seu principal defeito?

Luciana — A teimosia.

ZERO HORA

Quarto Entrevistado: Manuela D'Ávila (25 - Quinta feira)

Porto Alegre | 25/09/2008 | 07h47min

<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=noticias&id=2202826§ion=Not%EDcias>

“Eu vivo em 2008, ando para frente, não olho para trás”, diz Manuela



A jornalista tenta este ano o seu primeiro cargo no Executivo

Depois de ser eleita em 2004, aos 23 anos, a vereadora mais jovem da história de Porto Alegre, e de conquistar o mandato de deputada federal em 2006, a jornalista Manuela D'Ávila (PC do B) tenta este ano o seu primeiro cargo no Executivo. Nesta entrevista – a quarta da série com os candidatos à prefeitura da Capital –, a mais nova entre os oito concorrentes responde aos que a chamam de inexperiente, alfineta seus adversários e diz que seu primeiro ato se for eleita será criar um comitê que irá preparar a cidade para a Copa de 2014. A publicação da série segue o critério da ordem alfabética.

Afinal...

A senhora se sente preparada para comandar a prefeitura com apenas 27 anos?

Manuela D'Ávila – Sim. Tenho a mesma trajetória dos meus adversários. Aprendi muito no parlamento, tenho dois mandatos muito eficientes, que correspondem às expectativas da população. Fiz 9,5 mil votos como vereadora e 65 mil votos só em Porto Alegre para deputada federal. Acho que isso é um reconhecimento pelo meu trabalho. Para tu veres como é a ironia da vida: com os meus 27 anos sou a candidata com mais tempo de partido. São 10 anos! Não estive em nenhum outro partido ao longo da minha vida. Às vezes as pessoas adquirem experiências ruins, se acomodam com processos equivocados. Essas experiências não adquiri e não pretendo adquirir.

O que o PC do B ainda tem de comunista?

Manuela – Tudo. Temos ideologia, somos um partido que acredita no bem comum, que acredita que é possível ter uma sociedade organizada a partir da reflexão do homem.

Mas não é o que todos os partidos defendem?

Manuela – Desculpa, mas não é. Não é uma casualidade que o meu partido não tem nenhum parlamentar investigado. Somos um partido de idéias, não temos caciques, temos ideologia.

Explique a contradição

O candidato a vice-prefeito Berfran Rosado (PPS) participou de um governo (de Antônio Britto, 1995-1998) que fez as privatizações da CRT e da CEEE. O PC do B critica até hoje essas privatizações. Não é uma contradição você estarem juntos agora?

Manuela – Quem tem contradição com isso são os que dizem que essa é uma contradição minha. Eu tenho disposição de unir a cidade para enfrentar problemas que em 20 anos não foram enfrentados. Quando o PMDB governou o Estado eu ainda não votava (em 1994, Antônio Britto foi eleito governador pelo PMDB, e Manuela tinha 13 anos). Era uma época em que Lula ainda achava que empresário era inimigo dele. Hoje o vice de Lula é o empresário José Alencar. Meu discurso é igual. Eu usei o adesivo Lula-Alencar na eleição de 2002. Tem gente que cortou o nome de Alencar e se arrepende. Em 2002, com 20 anos, eu já tinha a capacidade de entender a aliança do peão Lula com o empresário Alencar. Eu vivo em 2008, ando para frente, não olho para trás.

A senhora se sente confortável com o fato de o PPS, partido do vice Berfran Rosado, ainda ocupar cargos na administração do prefeito José Fogaça?

Manuela – O PPS já orientou o pedido de demissão dos ocupantes de cargos na prefeitura e já encaminhou à comissão de ética os que continuam na administração. Isso é um problema de fidelidade partidária. São as mesmas discrepâncias que fazem com que o PT esteja coligado com o governo de Aécio Neves (PSDB), em Minas.

Das coisas da cidade

O que a senhora destaca de positivo na administração de José Fogaça?

Meu discurso de posse como vereadora (em 2005) se relaciona com o que eu digo agora. Naquele momento eu já dizia: “Prefeito, eu sou de oposição, mas conte comigo para tudo aquilo que for para o bem da cidade”. A prova disso é que eu votei a favor das parcerias público-privadas e do camelódromo, enquanto a bancada do PT votou contra. O camelódromo é uma iniciativa interessante porque pôs fim a um conflito de 15 anos. Mas foi uma única coisa.

Pesquisa Ibope mostrou que a saúde é a principal preocupação dos porto-alegrenses. Se eleita, qual será a sua primeira medida para o setor?

Manuela – Informatização da rede, porque todo o resto passa por isso. As equipes de saúde da família precisam ter os dados disponíveis. A informatização permite fazer consultas a exames com velocidade, permite o prontuário eletrônico e a distribuição de medicamentos.

Pergunta do Paulo Sant’Ana

Tu acreditas que a tua beleza vai ajudar a te fazer prefeita de Porto Alegre, apesar da tua pouca idade?

Manuela – Apesar da pouca idade, Sant’Ana? Não acho que é apesar da minha pouca idade. Eu ironizo. Como fui obesa, tenho uma felicidade particular em ouvir elogios. Não sou nenhum padrão estético. Significa que talvez a gente estimule as meninas a tomarem menos anorexígenos. Sou a candidata que menos mudou esteticamente, estou igual. Não faço nenhuma transformação em foto ou em TV. Primeiro, acho que é uma besteira essa pergunta, segundo, porque ela é machista. Nunca ouvi essa pergunta para nenhum candidato a governador ou a prefeito de Porto Alegre. Esse é o problema, e não o elogio em si. É uma pauta que certamente amanhã tu não vais perguntar para o Fogaça. E isso é lamentável. Em pleno 2008 tenho de responder isso. É o mesmo problema com relação a minha idade. Por que ninguém pergunta para o Bill Gates, que com a minha idade já era multimilionário?

O pior adversário

Qual é o candidato mais difícil nesta disputa?

Manuela – Talvez o prefeito José Fogaça. É muito difícil porque ele tem a máquina da prefeitura, isso o torna mais competitivo. Ele tem caráter, embora eu o considere um prefeito sem a velocidade necessária para corresponder às expectativas da população. Fogaça fragmentou sua administração, tem companhias que não se relacionam com a integridade dele. Por que tudo está sendo inaugurado em período de eleição? Isso não combina com o caráter dele.

Pergunta íntima

Se for eleita, como fará para conciliar o governo e o seu namoro com o deputado federal José Eduardo Cardozo (PT-SP)? A distância atrapalha?

Manuela – Todas as relações têm problemas, né? Distância é um deles. Nosso companheirismo é uma vantagem. Não tem nada melhor do que namorar uma pessoa honesta no mundo em que eu vivo. Isso supera a distância. Aliás, não vinculo ele à política. Não teria coragem de fazer o que outros fazem... com o pai.

Pergunta de Fernanda Zaffari

Seu discurso sempre foi voltado para o público jovem. O que você diz para um jovem que não acredita em política?

Manuela – Faço muito debate em escola e sempre digo que escolher político não é como escolher namorado. Se tu não escolheres namorado para ti ou se tu não comprares um apartamento, isso só terá repercussão na tua vida. Agora, se tu não elegeres o prefeito, ele vai ser eleito igual, seja ele bom ou ruim. Quem não participa da eleição porque acha que está tudo errado ou porque perdeu a esperança estará deixando a decisão para os que têm seus interesses. Os processos e as mudanças só acontecem com participação de todos.

Oitavo Entrevistado: Vera Guasso (01/10– Quarta feira) - Eleições 2008 | 01/10/2008 |

04h04min

<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=candidato&id=54477&cargo=1&ano=2008&estado=1&municipio=2§ion=Prefeito>

"Quem aceita dinheiro de empresário vai perder a independência política", afirma Vera Guasso



Candidata é a última entrevistada da série com os concorrentes à prefeitura de Porto Alegre. Vera escolheu o Monumento ao Expedicionário para ser fotografada no dia 3 de setembro.

Última entrevistada da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre, a funcionária pública federal Vera Guasso (PSTU), 45 anos, disputa pela segunda vez consecutiva o cargo de prefeita. A publicação da série seguiu o critério da ordem alfabética.

Afinal...

A senhora é conhecida dos gaúchos pela imagem de durona. Na vida privada também é assim? Vera Guasso — Sou muito firme com a minha família, procuro sempre a coerência, a ética. Mas sou uma pessoa sensível. (“Pra nós ela é a Verinha”, ressalta o companheiro de partido Júlio Flores, que a acompanha na entrevista). Sou emocional, choro facilmente. Fiquei emocionada com a quantidade de pessoas que me ligaram para prestar solidariedade depois do assalto (Vera fica com os olhos marejados).

(Na noite do dia 3, Vera Guasso foi agredida numa tentativa de assalto na Cidade Baixa, bairro onde mora. Ao tentar negociar para ficar com a bolsa e os documentos, foi agredida com socos e pontapés.)

A senhora aceita dinheiro de empresário?

Vera — De forma nenhuma. Temos um princípio que é inegociável. Quem paga, manda. Não existe almoço grátis. Quem aceita dinheiro de empresário vai perder a independência política. O que é mais caro para nós é a independência para dizer o que pensamos.

Qual será sua medida mais radical se for eleita?

Vera — Não aceitaremos nenhuma negociata. Vamos desfazer tudo que foi feito até agora. Enfrentaremos o poder econômico na cidade.

Por que a senhora insiste em concorrer mesmo com chances remotas de vencer a eleição?

Vera — Não somos um partido eleitoral. Somos um partido da luta social, que está cotidianamente nas ruas. O PT também começou pequeno só que numa década de grandes lutas sociais. Hoje o neoliberalismo é muito forte, e isso se reflete na sociedade.

Das coisas da cidade

Qual a sua principal medida para desafogar o trânsito?

Vera — De cara, vamos propor o congelamento das passagens de ônibus e ampliar as linhas. Isso será imediato.

Cite duas medidas para ajudar a solucionar o problema da segurança.

Vera — Sentar com os movimentos sociais e mobilizá-los para discutir com o governo do Estado um projeto de mudança das polícias Civil e Militar. Criar emprego, alternativas para as pessoas que hoje estão nas mãos do narcotráfico.

Pergunta íntima

A sua filha (Natália, 25 anos) faz campanha para a senhora?

Vera — Não é uma militante, mas me apóia, me acompanha em eventos. Ela tem uma compreensão da solidariedade humana.

A candidata e a cidade

Se eleita, qual será o seu primeiro ato?

Vera — Um plano de obras públicas para construir escolas, creches, postos de saúde e moradias. Vamos chegar à prefeitura, chamar os técnicos e dizer que queremos um projeto imediato. Vira demagogia se a gente não planeja.

Qual a menina-dos-olhos do plano de governo?

Vera — Os conselhos populares. Vamos chamar os setores organizados da sociedade para discutir nosso projeto de governo.

O que derrubaria para fazer diferente?

Vera — Tem tanta coisa errada que eu substituiria... (Vera olha para Júlio Flores. Ambos ficam pensando até que Flores propõe a encampação das empresas de ônibus, e Vera acata.). Isso pode ser. A municipalização progressiva do transporte coletivo de Porto Alegre. Entendemos que o transporte tem de ser público. Para ser barato e de qualidade não pode ter lucro.

O melhor de Porto Alegre?

Vera — Temos aí esse lago que a gente chama de Rio Guaíba. Achamos que essa coisa é muito legal mas tem de ser de uso público, desde o Cais do Porto até Ipanema. Também os trabalhadores e a juventude que vivem aqui. Porto Alegre é um dos centros mais politizados do país.

O pior de Porto Alegre?

Vera — A miséria que se vê nas ruas.

O melhor prefeito que Porto Alegre já teve?

Vera — Todos os prefeitos que passaram por aí privilegiaram a minoria da sociedade. Para nós nenhum foi o melhor por conta desse projeto.

O que dá para prometer em quatro anos?

Vera — Temos vontade política de mudar, mas só será possível com participação popular. Vamos ter de enfrentar poderosos. O governo Lula chegou dizendo que faria um monte de coisas, mas entregou seu projeto por conta de interesses prévios, como financiamento de campanha. É possível colocar a saúde pública à disposição de toda a população, mas é preciso garantir verbas e enfrentar o governo federal.

ZERO HORA

Segundo Entrevistado: José Fogaça (23 – Terça feira)
Eleições 2008 | 23/09/2008 | 04h53min

<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=noticias&id=2197918§ion=Not%EDcias>

“Me considero um administrador eficiente e democrático”, diz Fogaça

O atual prefeito e candidato à reeleição, José Fogaça (PMDB), 61 anos, fala do seu principal desafio para um eventual segundo mandato



José Fogaça (PMDB), 61 anos, o atual prefeito e candidato à reeleição fala dos desafios para um eventual segundo mandato

No segundo dia da série de entrevistas com os oito concorrentes à prefeitura de Porto Alegre, o atual prefeito e candidato à reeleição, José Fogaça (PMDB), 61 anos, fala do seu principal desafio para um eventual segundo mandato.

O ex-senador e ex-deputado federal e estadual também se compromete em cumprir os quatro anos de mandato caso venha a ser reeleito. Fogaça responde ainda às críticas de seus adversários, que o chamam de administrador lento. A publicação da série, que se encerra no dia 1º, segue o critério da ordem alfabética.

Afinal...

Se reeleito, o senhor vai cumprir os quatro anos de mandato? Ou poderá renunciar em 2010 para concorrer ao Senado?

José Fogaça — Não há como renunciar ao mandato de prefeito porque não tem nenhum cargo que eu possa vir a concorrer que seja mais importante que a prefeitura de Porto Alegre. O Senado para mim não é mais importante.

Respeito muito os senadores Sérgio Zambiasi (PTB), Paulo Paim (PT) e Pedro Simon (PMDB). Sei que eles estão numa posição muito mais elevada porque é uma representação nacional. Para o José Fogaça, ser prefeito de Porto Alegre é mais importante do que ser senador.

O que o senhor não repetiria num eventual segundo mandato?

Fogaça — Não gostaria de precisar repetir a grande contenção de gastos que fui obrigado a fazer nos dois primeiros anos para poder arrumar a casa. Agora eu sei que não vou precisar repetir.

Por que o senhor não conseguiu implantar os Portais da Cidade?

Fogaça — Nós assumimos muitos compromissos que estão se iniciando agora. Estamos tomando R\$ 430 milhões para o Programa Sócioambiental, estamos investindo R\$ 15 milhões nas vilas Dique e Nazaré, temos de pagar as obras da Terceira Perimetral e do Conduto Álvaro-Chaves. Há um conjunto grande de investimentos, e o Portais da Cidade teve de ficar para um segundo momento. Mas ele está inteiramente viabilizado.

(O que prevê o Portais da Cidade: os ônibus vindos dos bairros desembarcariam em três grandes portais, nas imediações da área central. De lá, passariam linhas rápidas, a cada três minutos, que conduziriam os passageiros ao Centro.)

Vida Real

Qual é o seu maior desafio?

Fogaça — Enfrentar e resolver o extraordinário crescimento do número de veículos automotores da cidade.

De acordo com a EPTC, de 2005 a 2008 houve aumento de 12% no número de veículos urbanos na Capital:

2005 531.881 veículos

2006 549.780 veículos

2007 575.385 veículos

2008 (até julho) 596.653 veículos

E como o senhor resolveria o trânsito?

Fogaça — Uma das primeiras medidas é transformar a Terceira Perimetral numa via rápida. Isso tem de ser feito por meio de um conjunto de pequenas e médias obras ao longo da via. Um viaduto na Avenida Bento Gonçalves, uma trincheira (passagem de nível) na Anita Garibaldi, uma outra trincheira no Viaduto Leonel Brizola.

O outro investimento seria na qualidade do transporte público. O metrô é a prioridade número 1, mas o custo é elevadíssimo, mais de R\$ 2 bilhões. Só pode ser feito pelo governo federal. Enquanto brigamos pelo metrô, temos de implantar um novo modelo de transporte coletivo, que é o nosso projeto Portais da Cidade.

Na área da saúde, apontada como prioridade pela maioria dos porto-alegrenses na pesquisa Ibope, quais são as três medidas que o senhor destacaria?

Fogaça — Expandir as equipes do Programa Saúde da Família, completar o processo que está em andamento de informatização – para que haja regulação das internações, das consultas especializadas e da distribuição dos exames e medicamentos — e completar a estrutura física de qualificação dos postos de saúde da cidade.

Um dia teremos uma cidade sem pichações?

Fogaça — Enfrentamos com coragem esse problema, criando o disque-pichação para que as pessoas possam fazer denúncias. Esse serviço já levou a mais de 159 prisões, mais de 900 casos registrados. O que ocorre é que essas pessoas são presas, levadas perante o juiz e liberadas. Ainda não há uma clareza quanto a que tipo de pena aplicar a esse tipo de infração.

O Ibope mostrou que para o porto-alegrense governo do Estado e prefeitura têm responsabilidades praticamente iguais em relação à segurança. O senhor concorda com essa avaliação?

Fogaça — Quem pensa que as responsabilidades são iguais está errado. Tenho um despacho de um juiz que diz que estou proibido de exercer ações de segurança pública, que são restritivas à Brigada Militar e à Polícia Civil. O que temos é uma política de colaboração.

Pergunta do Paulo Sant'Ana

O Jardim Europa é a mais exitosa experiência paisagística e de entretenimento da cidade. Um oásis totalmente cercado. Agora, vão cercar o Instituto de Educação e o Morro Ricaldone. Quando aparecerá uma administração que cercará todos os parques?

Fogaça — Não sei quando aparecerá essa administração. O que nós fazemos é entender e consultar o pensamento dos moradores do entorno. Poderíamos aplicar o princípio do referendo e do plebiscito. Mas o plebiscito tem de ser realizado junto com as eleições. É importante respeitar a vontade não só dos moradores do entorno, mas de toda a cidade.

Estamos cercando o Parque Maurício Sirotsky Sobrinho porque é consenso que deve ser cercado. Achamos que não devemos cercar a Redenção porque entendemos que os usuários não desejam isso em sua imensa maioria. Evidentemente isso pode ser alterado por um plebiscito. Há diferentes situações na cidade. Há parques que podem e devem ser cercados e outros que não porque essa não é a vontade da população.

Pergunta íntima

O senhor se considera um administrador lento como dizem seus adversários?

Fogaça — Me considero um administrador eficiente e democrático. Nenhuma das nossas realizações deixou de ter primeiro uma consulta aos interessados. Ao implantar o camelódromo, nós começamos enfrentando uma forte reação contrária dos camelôs que não desejavam deixar a rua e não queriam ir para lá.

Fizemos uma grande engenharia democrática que levou muito mais tempo conversando, debatendo, analisando, mostrando as vantagens, reconhecendo as desvantagens e tentando superá-las de comum acordo.

Pergunta de Fernanda Zaffari

O senhor tem quatro filhos (Gustavo, Carmela, Martim e Francesca) e já comentou sobre os momentos agradáveis de ser pai. E os menos agradáveis, quais são?

Fogaça — Os momentos da distância. Em razão do meu trabalho (Fogaça foi senador por 16 anos, de 1987 a 1994 e de 1995 a 2002), sempre fui obrigado a viver muito tempo longe dos filhos.

O pior adversário

Qual é o candidato mais difícil nesta disputa?

Fogaça — O desconhecimento por parte da população das obras que nós realizamos nesses últimos anos em Porto Alegre.

Explique a contradição

O senhor elogia muito o vice-prefeito Eliseu Santos (PTB). Chegou a dizer que ele, como secretário, salvou a saúde do município. Por que ele não continuou seu candidato a vice nesta campanha?

Fogaça — Porque a composição política assim determinou. Foi apenas uma estratégia decidida pelos partidos. Foi construída respeitosamente, ouvindo todos os interessados, inclusive o próprio doutor Eliseu, que de uma maneira extraordinária e pouco comum na vida política concordou em favor da unidade política.

É uma demonstração de abnegação e grandeza muito rara de acontecer na política. A estratégia montada pelos partidos de conceder o vice ao PDT foi essa. Evidentemente, com a minha concordância, e obviamente, com a concordância do PTB.

O candidato e a cidade

Neste espaço os candidatos respondem às mesmas perguntas

Se eleito, qual será o seu primeiro ato?

Fogaça — Determinar o início dos projetos que vão qualificar o sistema viário.

A menina-dos-olhos do plano de governo?

Fogaça — Há duas coisas que faço com cuidado especial. As creches comunitárias – vamos terminar 2008 entregando 38, e queremos que isso se expanda em ritmo ainda maior. A outra é a expansão das equipes do Programa Saúde da Família. Já atingimos 90 e queremos atingir 200 em quatro anos.

O que derrubaria para fazer diferente?

Fogaça — Se o município tivesse recursos, eu compraria a área do Estaleiro Só e implantaria uma bela estrutura paisagística. Mas a área é privada.

O melhor de Porto Alegre?

Fogaça — As pessoas.

O pior de Porto Alegre?

Fogaça — Quando estou longe de Porto Alegre.

O melhor prefeito que Porto Alegre já teve?

Fogaça — Loureiro da Silva viveu num grande momento de transição da cidade, de área pastoril para a modernidade industrial. Fez obras estratégicas como a canalização do Arroio Dilúvio e a Farrapos.

Um modelo de administração municipal?

Fogaça — O do ex-prefeito Dirceu Carneiro (PMDB), na década de 70, na cidade de Lages (SC). Um modelo que criou o Orçamento Participativo, altamente inovador e copiado por outros governos, inclusive em Porto Alegre (o OP foi implantado na Capital em 1988, na gestão de Olívio Dutra, do PT).

O que dá para prometer em quatro anos?

Fogaça — Que as mudanças que estão andamento não vão parar.

O que não dá para prometer em quatro anos?

Fogaça — Dar passo maior do que a perna.

A sua principal qualidade?

Fogaça — Respeitar as diferenças, como político.

O seu principal defeito?

Fogaça — Timidez. Isso em política é um defeito.

ZERO HORA

Sétimo Entrevistado: Onyx Lorenzoni (30 - Terça feira)

<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=candidato&id=54617&cargo=1&ano=2008&estado=1&municipio=2§ion=Prefeito>

Eleições 2008 | 30/09/2008 | 04h15min

"Só assume comigo na prefeitura quem abrir seu sigilo", diz Onyx
Deputado é o sétimo entrevistado da série com os oito candidatos à prefeitura



Onyx Lorenzoni foi fotografado na tarde do dia 9 de setembro no centro da Capital

O sétimo entrevistado da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre é o deputado federal em segundo mandato Onyx Lorenzoni (DEM). Esta é a terceira vez que Onyx, 53 anos, disputa a eleição para prefeito da Capital. A primeira foi em 1992, quando ficou em sétimo lugar, e a segunda, em 2004, ficando na terceira colocação. Nesta entrevista, Onyx fala sobre como pretende, se eleito, viabilizar a tarifa única do transporte coletivo urbano sem que haja aumento no valor das passagens. A publicação da série segue o critério da ordem alfabética.

Afinal...

Uma de suas propostas de governo é a tarifa única para o transporte coletivo. Há quanto tempo o senhor não anda de ônibus?

Onyx Lorenzoni — Eu ando de ônibus, inclusive muitas vezes saio do bairro Tristeza para correr. Vou de ônibus até perto da Usina do Gasômetro. De lá eu volto correndo.

O senhor diz que não recebe doação de empresário do ramo de transporte coletivo. De quem o senhor aceita dinheiro para campanha?

Onyx — Não aceito doações que possam vir a significar comprometimento com a gestão de Porto Alegre. Os meus financiadores são aquelas pessoas que acreditam no meu trabalho, nas idéias do meu partido. Sempre tive financiadores claramente conhecidos. Graças a isso tive independência para enfrentar, como membro da CPI dos Correios, José Dirceu (ex-chefe da Casa Civil do governo Lula), o presidente Lula e toda aquela gente do mensalão. Se eu tivesse qualquer rabinho preso eu já estava derrubado. E reafirmo: só assume comigo na prefeitura quem abrir o seu sigilo fiscal, bancário e telefônico do primeiro dia de governo até o último.

O senhor desde o início defendia a tese de que o seu principal adversário na briga pelo segundo turno era José Fogaça, já que a outra vaga ficaria com uma das candidatas. De acordo com as pesquisas essa tese ainda não se confirmou. Por quê?

Onyx — Primeiro, eu acho que é cedo para dizer que a tese não se confirmou. Todos aqueles candidatos que entraram na disputa liderando as pesquisas nas últimas três eleições perderam: Antônio Britto (2002), Raul Pont (2004) e Germano Rigotto (2006). Tenho uma tradição de chegada forte, foi assim em 2004, quando pulei da sétima, oitava colocação para o terceiro lugar.

Tenho certeza de que se a gente conseguir virar os dois dígitos, ou seja, ir para 12%,13%, nós vamos para o segundo turno.

Explique a contradição

O vice-governador Paulo Afonso Feijó é hoje um dos principais líderes do seu partido, muito pelo cargo que ocupa. Por que a participação dele na sua campanha tem sido tímida? É por que ele é uma figura polêmica demais?

Onyx — Ele já foi aos meus programas de TV. Paulo Afonso está indo para a rua me ajudar, é meu companheiro, vai a eventos. É muito forte a presença dele. Me sinto honrado de ter uma pessoa com a firmeza de caráter dele. Tenho orgulho de tê-lo ao meu lado, e faço questão de tê-lo na minha propagando eleitoral.

Das coisas da cidade

O senhor tem um plano de obras ousado para Porto Alegre. De onde o senhor imagina que virão os recursos para financiar todos esses projetos?

Onyx — Várias cidades do mundo e do próprio Brasil são exemplos de que com criatividade se pode montar projetos econômicos que podem resultar em melhorias de vida das pessoas. Porto Alegre nunca se valeu dos regimes de concessão. Por exemplo: a empresa que construiu estacionamentos subterrâneos que hoje viabilizam o centro histórico de Madri esteve aqui, bateu à porta da prefeitura e pediu para construir um estacionamento subterrâneo, fazer um estudo no Largo Glênio Peres, e ninguém deu bola para isso. As minhas três prioridades são segurança, saúde e educação. O dinheiro para essas três áreas terá origem no orçamento do município, com a reorganização administrativa da prefeitura, a redução das secretarias. Os recursos de todas as economias que nós pudermos fazer serão destinados exclusivamente para essas três áreas. Tudo aquilo que for para melhorar os equipamentos urbanos de Porto Alegre será feito com dinheiro privado.

Cite um projeto ou programa criado na atual administração e que o senhor pretende manter.

Onyx — O Portais da Cidade, porque melhoraria a mobilidade urbana. Embora haja necessidade de uma série de aperfeiçoamentos.

Pergunta do Paulo Sant'Ana

Uma das bandeiras de sua campanha é a tarifa única. O senhor diz que não aumentará o valor da passagem nem haverá prejuízos à prefeitura. Alguém vai arcar com esses custos. Quem?

Onyx — As empresas que já ganham muito dinheiro em Porto Alegre e que, de maneira geral, servem mal à população. O próprio Fogaça, quando buscou meu apoio no segundo turno na eleição de 2004, descobriu que dava para propor passagem de ônibus integrada. Ele dizia que as pessoas iam poder pegar dois ou três ônibus sem pagar nova passagem. O prefeito não fez isso nos três primeiros anos de governo. Lançou o TRI agora, na boca das eleições. E ele capitulou o interesse das empresas, tanto que a passagem integrada não é para pobre e desempregado. Quem não tem R\$ 2,10 para passagem tem de arrumar R\$ 21 para comprar o cartão, senão não tem direito. Sem falar que não foi feito para funcionar porque exige que a pessoa pegue o segundo ônibus num intervalo de 30 minutos. Quer dizer que se alguém passa mal, quer pagar uma conta, quer fazer um lanche ou se o ônibus atrasar perde aquele direito. Portanto, o TRI foi feito para não valer. É apenas uma resposta eleitoral.

Pior adversário

Qual é o candidato mais difícil nesta disputa?

Onyx — O prefeito Fogaça, porque tem a máquina e quatro anos de prefeitura.

Pergunta de Fernanda Zaffari

O senhor está com um discurso afinado com o seu vice, Mano Changes (PP). Já assistiu a algum show da Comunidade Nin-Jitsu? Conhece as músicas dele?

Onyx — Conheço as músicas do Mano. Ele é um jovem e talentoso músico que ousou no meio dessa lambança geral que é a política no Brasil. Poderia ter ficado numa posição cômoda de criticar, mas optou por botar uma gravata e ir para o outro lado do balcão, e hoje é deputado estadual. Ele defende uma bandeira extraordinária que é a bandeira que nos uniu, a da educação integral. Mano sabe separar a figura do músico. As pessoas tendem a olhar Mano com os óculos do preconceito e do estereótipo. Quem tira os óculos do preconceito para ouvi-lo se surpreende em ver que ele é uma pessoa inteligente, preparada, bem articulada.

Mas o senhor já foi a algum show de Mano?

Onyx — Já, já fui.

Pergunta íntima

O senhor disse recentemente à jornalista Fernanda Zaffari que sua família se converteu à Igreja Luterana num momento de dificuldade. Que momento foi esse?

Onyx — Foi um momento posterior a minha separação do primeiro casamento. Um período de instabilidade pessoal, tinha 20 e poucos anos. Era um problema meu, existencial. Mais tarde encontrei um pastor da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, uma pessoa extraordinária. Por dois anos fiz estudo bíblico junto com Hellen, com quem estou casado há 22 anos. Nós dois éramos de família católica. Acharmos que naquele momento Deus botou o dedinho na cabeça da gente e nos uniu.

O candidato e a cidade

Se eleito, qual será o seu primeiro ato?

Onyx — Reunir os funcionários municipais para dizer que vou precisar da parceira deles.

Qual a menina-dos-olhos do plano de governo?

Onyx — A segurança.

O que derrubaria para fazer diferente?

Onyx — Nunca fiz política destruindo. Sempre fiz política propondo. Uso o Muro da Mauá como exemplo. Descobri estudando o planejamento da prefeitura que Thompson Flores, quando era prefeito, mandou fazer as fundações da Elevada da Mauá. Em vez de derrubar o muro, pretendo fazer a Elevada da Mauá.

O melhor de Porto Alegre?

Onyx — A população conjugada com o pôr-do-sol.

O pior de Porto Alegre?

Onyx — A insegurança.

O melhor prefeito que Porto Alegre já teve?

Onyx — Loureiro da Silva. Foi um prefeito que teve a capacidade de fazer realizações no presente, como a Avenida Farrapos, e capacidade de preparar o futuro.

Um modelo de administração municipal?

Onyx — Mesclaria modelos de dois prefeitos porto-alegrenses, Loureiro da Silva e Olívio Dutra, e de um internacional, Rudolph Giuliani (ex-prefeito de Nova York). Loureiro fez uma boa gestão do cotidiano, mas voltada para o futuro. Olívio foi o último prefeito a manter uma conexão social com a periferia. Giuliani tinha a seguinte frase sobre a mesa: “O lugar do prefeito é onde as pessoas estão”. Foi a primeira autoridade a chegar ao local da tragédia de 11 de Setembro.

O que dá para prometer em quatro anos?

Onyx — Guarda Municipal bem treinada e equipada, os 10 Pronto-Atendimentos da Saúde e a bolsa-creche.

O que não dá para prometer em quatro anos?

Onyx — Nenhuma obra megalômana.

A sua principal qualidade?

Onyx — Sou homem de palavra.

O seu principal defeito?

Onyx — Perfeccionista.

ZERO HORA.com

Acompanhe a série e leia as entrevistas anteriores

Carlos Gomes (22/9)

Fogaça (23/9)

Luciana Genro (24/9)

Manuela D'Ávila (25/9)

Maria do Rosário (26/09)

Nelson Marchezan Jr. (29/09)

Sexto Entrevistado: Nelson Marchezan Jr. (29 - Segunda feira)

Eleições 2008 | 29/09/2008 | 03h20min

<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=noticias&id=2209505§ion=Not%EDcias>

Nelson Marchezan Jr.: "Me apaixonei pela idéia de ser prefeito de Porto Alegre"

Deputado é o sexto entrevistado da série com os oito candidatos à prefeitura



Em 14 de setembro, ZH fotografou o candidato no mirante do Morro Santa Tereza, local escolhido por ele

Deputado estadual em primeiro mandato, Nelson Marchezan Jr. (PSDB), 36 anos, é o sexto entrevistado da série com os oito candidatos à prefeitura de Porto Alegre. Ex-diretor de Agronegócios do Banrisul e atual presidente do diretório municipal do PSDB, Marchezan fala nesta entrevista sobre a influência do pai na sua trajetória política, analisa a participação da governadora Yeda Crusius na campanha eleitoral e mostra de que forma pretende acabar em quatro anos com as filas nos postos de saúde. A publicação da série segue o critério da ordem alfabética.

Afinal...

Afinal, o eleitor vota no senhor por suas propostas ou por causa de seu pai, Nelson Marchezan? (Nascido em Santa Maria e morto em fevereiro de 2002, Nelson Marchezan foi vereador, deputado estadual e deputado federal. Entre 1981 e 1982, foi presidente da Câmara dos Deputados. Marchezan foi filiado ao PDS e, posteriormente, ao PSDB.)

Nelson Marchezan Jr. – Acho que se fosse uma campanha para deputado estadual ou federal votariam muito por causa do meu pai, por transferência de confiança. Em Porto Alegre, onde o pai não tinha grandes votações nos últimos anos e onde eu também não sou uma pessoa muito conhecida, acho que as pessoas vão votar por acreditarem que dá para fazer um pouco melhor, pelas propostas, pela forma de eu expressar minhas idéias.

O senhor não desanima ao ver as pesquisas, que o colocam com índices inferiores a 5%?

Marchezan Jr. – É importante lembrar que a eleição é recall, é lembrança. É a terceira eleição majoritária que Onyx Lorenzoni (DEM) disputa. Manuela D'Ávila, uma baita estrategista, teve todo o tempo do PC do B para vereadora na TV. Todo espaço institucional do partido ela usou na TV no início do ano para fazer campanha à prefeitura, que até é ilegal. Luciana Genro (PSOL) é a segunda vez que disputa. O prefeito José fogaça nem preciso falar. Maria do Rosário (PT) tem uma história centrada em Porto Alegre, já foi vereadora, tentou duas vezes ser candidata e uma disputa interna no PT com grande disposição. Há um grande domínio de resultado nas eleições através do recall. Por isso acho que José Serra é melhor candidato que Aécio Neves (para a Presidência da República em 2010).

Há algo do governo Yeda Crusius, do seu partido, que o senhor implantaria na prefeitura?

Marchezan Jr. – O ajuste fiscal. Nenhum outro governo conseguiu até hoje fazer um ajuste desse tamanho.

Das coisas da cidade

O senhor tem dito que vai acabar com as filas nos postos de saúde. Como?

Marchezan Jr. – Primeiro, ampliando a rede de assistência, com o Programa Saúde da Família e o Primeira Infância Melhor, e misturando educação com saúde na área das creches. Na área da inteligência de gestão, unificando os postos de saúde, os hospitais. O grande problema é esse. Não se pode dizer que faltam consultas com especialistas em Porto Alegre, apesar de haver dezenas de milhares de pessoas esperando por consultas. Não se tem esse controle.

Se eleito, o senhor pretende instalar uma rede de tecnologia que permita acesso a todos os dados dos pacientes do SUS. O senhor tem idéia de quanto custaria implantar essa rede?

Marchezan Jr. – Essa tecnologia já existe. Uma empresa que for hoje à prefeitura vai ver que há um banco com dados dessa empresa, com endereço, nome do sócio, CPF, RG, idade, nome dos familiares, quanto a empresa faturou. Se uma pessoa física for até a prefeitura para ver quanto deve pagar de IPTU vai encontrar no banco de dados a metragem de sua casa. Se o cidadão chegar ao posto de saúde, não vai estar com seu histórico informatizado. Com essa mesma tecnologia, com poucos investimentos em software, sem dúvida poderemos gerir o que hoje não é gerido. Me arrisca a dizer que hoje sequer temos condições de dizer que faltam médicos especialistas para marcar consultas. Para cada pessoa que está na fila existem quatro que não vão à consulta marcada. Isso é gestão.

Se é tão simples, por que nenhum prefeito até agora implantou essa rede de tecnologia na saúde?

Marchezan Jr. – Temos muitas coisas na área pública a serem feitas. O prefeito tem de eleger prioridades e ter vontade política. A minha prioridade é a saúde.

Quais são as suas medidas para desafogar o trânsito de Porto Alegre?

Marchezan Jr. – Pretendo formar um instituto para estudar Porto Alegre para as próximas décadas.

Como funcionaria esse instituto?

Marchezan Jr. – Ainda não sei. Deverá agregar pessoas da área privada capazes de fazer essa avaliação.

Se eleito, o senhor vai providenciar imediatamente a implantação das ciclovias?

Marchezan Jr. – É preciso um projeto mais elaborado nessa questão. Não implantarei antes de um estudo de viabilidade e oportunidades. Evidentemente é uma boa forma de desafogar o trânsito. É uma alternativa barata. Temos de ver se Porto Alegre tem espaço físico.

Pergunta do Paulo Sant'Ana

Neste momento, o apoio da governadora Yeda Crusius acrescenta ou subtrai?

Marchezan Jr. – Se eu disser que não afeta, vai parecer que estou desmerecendo. É cientificamente provado que não há transferência de votos de presidente da República e governadores em eleições municipais. As suas experiências de gestão acrescentam. Eu preciso me apresentar primeiro. Eu tenho o maior índice de desconhecimento entre os candidatos de Porto Alegre. Mas a governadora já apareceu.

O pior adversário

Qual é o candidato mais difícil nesta disputa?

Marchezan Jr. – Candidato? Cá entre nós, estou com 2%. Todos são difíceis no meu caso.

Explique a contradição

O senhor tem propostas ousadas para solucionar o problema da saúde, mas quem quiser acessar seu programa de governo no seu site para conhecer melhor suas idéias não vai encontrá-lo. Por quê?

Marchezan Jr. – As propostas aparecem nas minhas entrevistas para rádio e TV que estão no site.

Pergunta íntima

ZH – Onde o senhor arranja ânimo para fazer campanha depois que boa parte do seu partido rejeitou sua candidatura e com baixos índices nas pesquisas?

Marchezan Jr. – Porque eu gosto de conhecer os problemas e buscar as soluções. Eu me sinto feliz nesse contato, conversar com as pessoas, conhecer o mundo em que eu vivo, falar e propagar as idéias. Gosto de falar de coisas que acredito e de buscar pessoas para trabalhar junto nisso. Eu gosto de me sentir útil para a sociedade. Acredito que sou útil mesmo sendo o candidato com poucas chances. Acredito que vou ser prefeito. Talvez não nesta. Mas daqui a quatro anos, quem sabe. Não pelo posto político de prefeito, para não ficar longe da mídia ou para galgar outro cargo de senador e governador. Nesta campanha, eu me apaixonei pela idéia de ser prefeito de Porto Alegre. Acho que dá para fazer muito, muito mais.

ZH – Se eleito, como fará com a mulher, Nadine Dubal, e com o filho (Nelson Marchezan Neto), tendo de se dividir entre São Borja e Porto Alegre?

Marchezan Jr. – Eu tenho de ser eleito e ela reeleita (Nadine é atualmente vereadora em São Borja pelo PSDB). Há vários cenários possíveis. Não vou me preocupar com algo que ainda não aconteceu, que é a minha eleição paralela com a reeleição dela.

Pergunta Estilo próprio

O senhor tem alguma superstição para o dia 5 de outubro?

Marchezan Jr. – (Silêncio.) Acho que não.

O candidato e a cidade

Neste espaço os candidatos respondem às mesmas perguntas

Se eleito, qual será o seu primeiro ato?

Marchezan – Nomear o secretário da Saúde.

Qual a menina-dos-olhos do plano de governo?

Marchezan – Saúde. Porque é questão básica de sobrevivência e dignidade.

O que derrubaria para fazer diferente?

Marchezan – O preconceito de que só há oito ou 80. Podemos agradar a todos buscando uma solução viável. Há mais do que duas alternativas para os problemas.

O melhor de Porto Alegre?

Marchezan – O ambiente. Porto Alegre é uma cidade feliz, boêmia, sem ser preguiçosa.

O pior de Porto Alegre?

Marchezan – Saúde.

O melhor prefeito que Porto Alegre já teve?

Marchezan – Nasci em 1971, não conheço os prefeitos do passado. A gente não pode analisar um gestor público por dados de marketing e simpatia.

Um modelo de administração municipal?

Marchezan – Um modelo de gestor é José Serra (ex-prefeito de São Paulo e atual governador de SP, do PSDB). Tem Aécio Neves (governador de Minas, do PSDB) e Beto Richa (prefeito de Curitiba, do PSDB). As administrações deles trouxeram resultados à população, sem mágica e jogos de marketing. Em um ano e meio como prefeito, Serra fez uma revolução em São Paulo. O

Estado de São Paulo tem para investir R\$ 8 bilhões no metrô. Curitiba é um modelo. O prefeito tem 70% de aprovação.

O que dá para prometer em quatro anos?

Marchezan – Acabar com as imensas filas na saúde.

O que não dá para prometer em quatro anos?

Marchezan – Resolver o problema habitacional.

A sua principal qualidade?

Marchezan – Vontade de fazer, dedicação.

O seu principal defeito?

Marchezan – São tantos... A falta de paciência.

ZERO HORA

Primeiro Entrevistado: Carlos Gomes

<http://www.clicrbs.com.br/eleicoes2008/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&action=noticias&id=2195764§ion=Not%EDcias>

“Um dia estaremos morando no Litoral e trabalhando na Capital”, diz Carlos Gomes
 Leia a entrevista com o candidato do PHS à prefeitura de Porto Alegre



A partir de hoje, Zero Hora publica uma série de entrevistas com os oito candidatos a prefeito de Porto Alegre. A publicação será por ordem alfabética. O primeiro da série é o advogado Carlos Gomes (PHS), 66 anos, que já havia concorrido à prefeitura em 1992.

Carlos Gomes escolheu o Cais do Porto para ser fotografado por considerá-lo um dos locais que poderiam gerar empregos



Em vídeo, a editora de Política Dione Kuhn apresenta série que inicia nesta segunda-feira

Afinal...

Por que o senhor decidiu ser candidato faltando um mês para as eleições e com chances próximas de zero de se eleger?

Carlos Gomes – A gente pode perder a chance de divulgar uma boa idéia? Nosso partido tem boas idéias.

Poderia citar uma boa idéia?

Gomes – Dar prioridade ao trabalho sobre todo o resto. Se fizermos a ocupação do Litoral e desincharmos Porto Alegre, quantos empregos serão gerados? Se começarmos a trabalhar hoje, um dia estaremos morando no Litoral e trabalhando na Capital, deixando Porto Alegre com menos compressão. Nos países mais avançados, morar a cem quilômetros não é problema. Podemos usar a energia eólica para impulsionar nosso trem-bala (que ligaria Porto Alegre a Tramandaí). Se ativarmos plenamente nosso Cais do Porto, quantos milhares de empregos vamos gerar? Podem dizer que o porto não é função do prefeito, mas qualquer reclamação quando é feita pela coletividade acaba atendida.

Por que o senhor é filiado a um partido que praticamente não existe no Estado?

Gomes – Comecei no antigo PTB até ele ser extinto. Depois fui para o MDB. Com a redemocratização, entrei no PDT e, depois, fui para o então partido de Fernando Collor, o PRN, por adesão ao plano dele. Achei que a proposta do Collor de modernização do país tinha que ser apoiada. Quando o PRN se esvaziou me filiei ao PHS em razão da doutrina humanista e solidária. Também não sou um cara de muito cabresto. Em partidos grandes você não tem espaço para divulgar idéias.

Vida Real

Cite uma proposta para melhorar o ensino público municipal?

Gomes – A ativação das escolas de tempo integral e a qualificação das pessoas. Temos boa qualificação técnico-científica mas não qualificação para o trabalho. Uma das primeiras coisas que eu faria com a ativação dos Ciems seria trabalhar com as universidades para qualificar rapidamente para o trabalho técnico as pessoas que temos aqui.

Se for eleito, quem será o seu secretário da Saúde?

Gomes – Temos um excepcional conselho municipal de saúde, o mais ativo dos 21 conselhos municipais. Penso em reduzir a importância do prefeito, transformando-o em presidente de um conselho de administração. Dentro desse conselho é que vão surgir as pessoas mais qualificadas. Uma das coisas que eu não sei é ser burro. Seu eu fizer uma escolha assessorada por um conselho será difícil de errar.

O candidato e a cidade

Se eleito, qual será o seu primeiro ato?

Carlos Gomes – É a primeira vez que me fazem essa pergunta. (Silêncio). A primeira coisa será pensar como encaminhar a solução de problemas como o desemprego. Um acerto na política pode representar uma segurança para todos, e um erro pode aumentar a pressão que existe sobre a cidade em razão do contingente enorme de desempregados.

A menina- dos-olhos do seu plano de governo?

Gomes – Emprego. Penso que se nós ocuparmos o Litoral vamos gerar uma grande quantidade de serviços que só são gerados no verão. Ativar nosso terminal de cargas para aterrisar esses 10, 12 jumbos por dia (essa tarefa é de competência federal). Isso vai gerar uma grande quantidade de empregos. Hoje é preciso retirar uma vila para a ampliação da pista do aeroporto, e isso não está sendo feito pela prefeitura.

O que derrubaria para fazer diferente?

Gomes – Acho errado a concentração de pessoas em certos lugares, que acabam dificultando o fluxo, gerando engarrafamentos.

O melhor de Porto Alegre

Gomes – Os porto-alegrenses.

O pior de Porto Alegre

Gomes – O desemprego.

O melhor prefeito que Porto Alegre já teve?

Gomes – Se eu dissesse o melhor iria discriminar os outros. Admiro os que se preocuparam com o ser humano. Posso citar Alceu Collares, que fez a Casa da Criança, introduziu os Ciems, antecipando o século 21, e que infelizmente os outros desmancharam.

O que dá para prometer em quatro anos?

Gomes – Ativar nosso terminal de cargas do aeroporto (a tarefa é de competência federal). Hoje é preciso retirar as vilas Dique e Nazaré para a ampliação da pista, mas isso não está sendo feito pela prefeitura.